

# REVISTA DA MAIA

# 2024

Revista Cultural da Câmara Municipal da Maia





## Índice

5	
Textos Introdutórios	
10	
O Culto à Santa Cruz na Igreja	
do Divino Salvador de Moreira	
José Augusto Maia Marques	
24	
Os primórdios do transporte	
motorizado e da gasolina na Maia	
Fernando Teixeira	
32	
A chegada do primeiro	
carro elétrico a Águas Santas	
Uma festa popular	
Nossa Senhora da Piedade na Granja	
Uma Romaria esquecida	
Manuel Correia	
40	
A Empreza do Bolhão Lda.	
José Leite	
48	
A Festa de N <sup>a</sup> Sra do Bom Despacho	
e Samuel Gramaxo	
Evolução e transformações entre	
os anos 30 a 50 do séc.XX	
Rui Teles de Menezes	
76	
Carlos Ferreira da Silva	
Manuel Tonel Marques	
86	
A Ti Carolina, a “Peixeira da Maia”	
Martim Pereira	
92	
Notas de Leitura	
119	
Ficha Técnica	





Ora aqui está a Revista da Maia 2024 que, como habitualmente, nos proporciona uma interessante viagem pelo nosso passado coletivo e por aspectos menos conhecidos daquilo a que, genericamente, podemos chamar “Património Cultural da Maia e das suas Gentes”, um património que é riquíssimo e multifacetado.

O meu especial agradecimento aos autores dos vários artigos que compõem a presente edição e os meus votos que a mesma seja tão apreciada pelos leitores como foram as edições anteriores.

*O Vereador do Pelouro da Cultura da Câmara Municipal da Maia,  
Diretor da Revista da Maia,  
Mário Nuno Neves*



### ***CONTRIBUTO PARA A HISTÓRIA DA MAIA***

É com enorme satisfação que dou as boas-vindas a mais uma edição da Revista da Maia.

A Revista da Maia representa uma parte importante do legado cultural que temos vindo a construir ao longo dos tempos, que estamos a construir na atualidade e que fortalece o papel da Maia no panorama cultural regional e nacional.

Agradeço ao Dr. José Maia Marques e ao Dr. Rui Menezes pelo trabalho que têm vindo a desenvolver em prol da Maia e que tem sido concretizado nesta e noutras publicações.

Aos leitores, agradeço a sua fidelidade e interesse na Revista da Maia, pois desta forma continuam, também, a preservar e a celebrar a história coletiva da Maia. Que cada incursão pelas páginas desta Revista abra portas para uma maior compreensão e valorização do que se faz na Maia e o que a torna num território tão especial.

Dirijo, igualmente, a minha profunda gratidão aos autores que, com o seu talento e dedicação, transformaram esta edição numa rica viagem cultural. As suas contribuições são essenciais para que esta publicação continue a ser um veículo de preservação das nossas raízes e de promoção da nossa História.

Com esta publicação, reiteramos o nosso compromisso em valorizar, preservar e celebrar a história e as histórias da Maia. Que se sigam muitas mais edições, sempre com o mesmo espírito de dedicação e descoberta.

Boas leituras.

*A Chefe da Divisão de Cultura da Câmara Municipal da Maia,  
Sofia Barreiros*



**“O Amor à terra pode constituir uma boa razão para a História Local, porque o amor é mais perfeito e mais forte quando se apoia no conhecimento. Quem conhece a História da sua terra pode amá-la com mais consistência”**

**(Francisco Ribeiro da Silva)**

#### **TEXTO DOS EDITORES**

As palavras do historiador e professor universitário português conseguem condensar o nosso propósito e o que nos sai do coração. Produzir conhecimento quando é alicerçado numa base de amor à terra torna-se um desafio apaixonado e viciante. Investigar, mexer em papéis velhos e esquecidos, recolher dados, falar com pessoas, viajar no passado, é pois, um privilégio.

Os resultados das investigações feitas a nível local e regional alargam o conhecimento da história do país e contribuem para matizar, ou mesmo alterar, algumas representações da realidade nacional construídas a partir de documentação de carácter mais geral e central.

Começamos com o artigo de José Maia Marques, um estudo sobre o culto a Santa Cruz em Moreira, terra a que se encontra umbilicalmente ligado. Fernando Teixeira aborda a questão do aparecimento do negócio da gasolina na Maia e os primeiros automóveis a circular no concelho.

Seguidamente evocamos um homem querido pela comunidade e merecedor de ser recordado, não só pela simpatia e trato, como pela paixão que nutria pela história. Falamos de Manuel Correia, antigo Presidente da Junta de Freguesia de Águas Santas. Em tempos, escreveu no antigo e saudoso *Jornal da Maia*. Recuperamos duas crónicas que retratam bem dois acontecimentos da terra: a chegada do primeiro carro eléctrico e a romaria de Nossa Senhora da Piedade, na Granja.

Continuamos com um desafio, desta vez feito a alguém sem ligação à Maia, mas que também se interessou por um tema que nos é caro: a Empreza do Bolhão. José Leite, que dedicou algum do seu saber a tão reconhecida instituição no seu blog *Restos de Colecção*, deixa-nos aqui perpetuada a sua marca. Já Rui Teles de Menezes versa sobre um tema grato a todos os maiatos, as Festas de Nossa Senhora do Bom Despacho e a ligação a Samuel Gramaxo.

Manuel Maria Tonel recorda uma figura marcante para Gueifães e o concelho. Carlos Ferreira da Silva, visto como um “Salazar” da terra, realizou obra e colocou-a ao dispor dos seus conterrâneos.

Se no número anterior contamos com um artigo de uma autora já mais veterana, neste apresentamos um apontamento do jovem Martim Pereira, sob a forma de entrevista a uma figura típica da Maia, a Ti Carolina. Simples e despretensioso, o trabalho do Martim mostra que a produção de saber não tem idade e que este espaço está aberto a todos e a todas as idades. Infelizmente, a Ti Carolina deixou-nos no dia 31 de outubro, aos 90 anos. Fica a recordação e a homenagem.

A finalizar, não podíamos deixar passar de fazer menção a livros que se editaram sobre a Maia ou de quem por aqui já passou.

*Os Editores*  
José Maia Marques  
Rui Teles de Menezes

# *O Culto à Santa Cruz na Igreja do Divino Salvador de Moreira*

José Maia Marques

*Historiador, antropólogo, ensaísta e investigador. Professor Universitário (ap).*

O Culto à Santa Cruz é um importante fenómeno religioso que evoluiu ao longo dos séculos, e que está profundamente enraizado na teologia e na prática cristã.

Como observa Robert Louis Wilken, “a Cruz não é apenas um ornamento, mas o próprio centro da fé cristã” (Wilken, 2007).

O Culto da Santa Cruz continua a ressoar hoje, servindo como um poderoso símbolo de esperança, redenção e identidade comunitária entre os cristãos em todo o mundo.

Na Igreja do Divino Salvador de Moreira, uma Igreja conventual, esse culto está bem marcado, e bem visível, um pouco por toda a parte e de vários modos.

### ***I - A VENERAÇÃO DA SANTA CRUZ***

A veneração da Santa Cruz remonta aos primeiros séculos do Cristianismo. Segundo a tradição, o culto da Cruz eleva-se após a descoberta da Verdadeira Cruz por Santa Helena, mãe do Imperador Constantino, no século IV. Esta descoberta, detalhada em textos históricos como a Vida de Constantino de Eusébio, marcou o início do culto formal dedicado à Cruz. *[Figura 1]*

Trabalhos académicos, incluindo o do historiador Edward Schillebeeckx, enfatizam que a Cruz surgiu não apenas como um símbolo da crucificação de Cristo, mas também como uma representação de salvação e esperança para os crentes. Schillebeeckx argumenta que a Cruz se tornou central para a compreensão cristã do sofrimento e da redenção, transformando o que antes era um símbolo de dor e perseguição num símbolo de glória final (Schillebeeckx, 2008).

Na Idade Média, o Culto da Santa Cruz ganhou ainda mais destaque através do surgimento de locais de peregrinação e do desenvolvimento de ordens religiosas dedicadas à Cruz.

Os frades franciscanos e a Ordem do Santo Sepulcro desempenharam papéis cruciais na promoção da veneração da Cruz através de celebrações litúrgicas e do estabelecimento de santuários (Horsley, 2001).

Teologicamente, a Cruz é vista como um elemento central na doutrina cristã. É através da Cruz que os conceitos de sacrifício, redenção e ressurreição se entrelaçam. Os escritos dos primeiros Padres da Igreja, como Agostinho e Ambrósio, articularam a crença de que a morte de Cristo na Cruz foi um precursor necessário da sua ressurreição e da promessa de vida eterna para os crentes.

Teólogos contemporâneos como James Cone expandiram as implicações teológicas da Cruz. Cone afirma que a Cruz deve ser vista não apenas como um símbolo religioso, mas também como uma declaração política e social contra a opressão (Cone, 2011). Esta interpretação levou muitos a ver a Cruz como um emblema de esperança e resistência em vários movimentos pela justiça social ao longo da história.

O culto à Santa Cruz também teve um impacto profundo na arte, na literatura e na cultura em geral. Desde representações medievais da crucificação em manuscritos iluminados até obras-primas da Renascença, como a Crucificação de São Pedro, de Michelangelo, a iconografia da Cruz tem servido como fonte de inspiração e reflexão para os artistas. *[Figura 2]*

A música também abraçou o tema da Cruz, com compositores como Johann Sebastian Bach incorporando-o como motivo central em obras como a Paixão de São Mateus.

Além disso, a celebração da Festa da Exaltação da Santa Cruz, no dia 14 de Setembro, tornou-se uma data significativa no calendário litúrgico, destacando a relevância contínua do Culto da Santa Cruz na vida dos cristãos contemporâneos. Os rituais e tradições que rodeiam esta festa refletem a natureza duradoura do culto e a sua capacidade de promover uma comunidade de crentes unidos na sua reverência pela Cruz.



Figura 1 - Cima da Conegliano – Santa Helena, c.1495 - National Gallery of Art

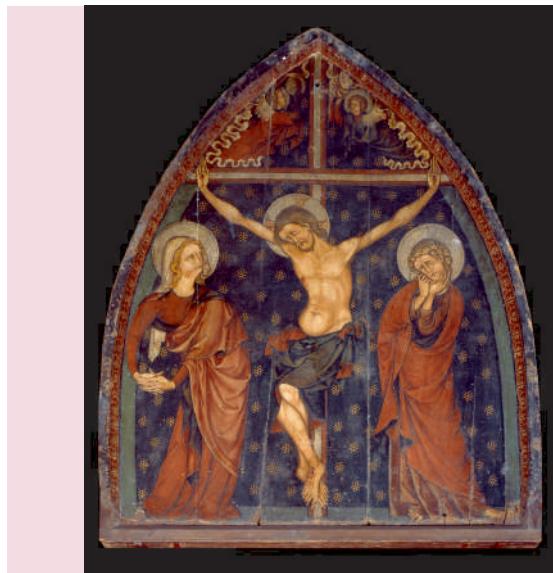


Figura 2 - Crucificação – pintura medieval em madeira, escola francesa - Paris Museu de Cluny



Figura 3 - Soldo em ouro com a representação de Heráclio - 610-641d.C.



Figura 4 - Miguel Ximenez - Heráclio traz a verdadeira cruz de volta a Jerusalém, acompanhado por Santa Helena - Óleo sobre painel de madeira século XV, igreja de Blesa, Aragão

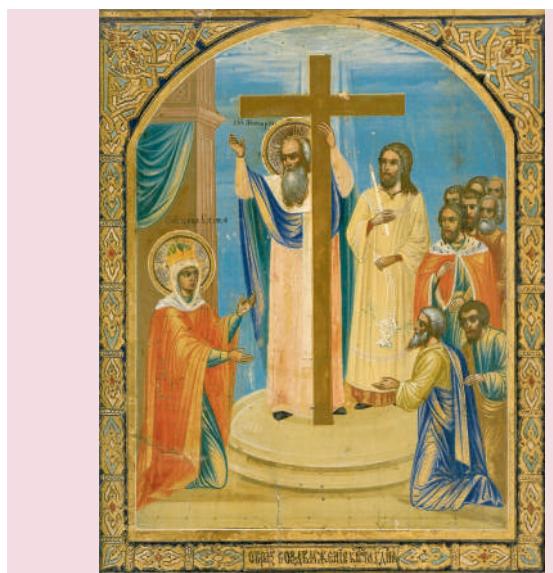


Figura 5 - Ícone grego-bizantino da Exaltação da Santa Cruz

### ***O Imperador Heráclio e a Santa Cruz***

O imperador Heráclio, que governou de 610 a 641 d.C., é frequentemente lembrado como uma das figuras centrais da história bizantina, particularmente pelo seu papel na defesa e transformação do Império Bizantino. *[Figura 3]*

Entre os aspectos significativos do seu reinado estava a sua relação com a Santa Cruz, que desempenhou um papel crítico nos contextos religioso, político e cultural.

Heráclio ascendeu ao trono durante um período de grave crise para o Império Bizantino. O Império Persa lançou campanhas militares significativas, capturando territórios importantes, incluindo a Terra Santa, que tinha grande significado religioso para os cristãos como o local da crucificação e ressurreição de Jesus Cristo.

A perda da Verdadeira Cruz, uma relíquia venerada que se acredita ser a verdadeira Cruz sobre a qual Jesus foi crucificado, foi particularmente devastadora. Historiadores como John Haldon destacam que a captura de Jerusalém em 614 DC pelos persas simbolizou não apenas uma derrota militar, mas uma profunda crise espiritual para os cristãos bizantinos (Haldon, 2000).

Uma das conquistas mais notáveis de Heráclio foi a recuperação da Verdadeira Cruz do cativeiro persa. Após anos de guerra, as forças bizantinas conseguiram garantir uma vitória contra os persas, culminando na derrota na Batalha de Nínive em 627 DC.

Depois desta vitória, Heráclio liderou pessoalmente uma procissão triunfal a Jerusalém em 630 DC para recuperar a Verdadeira Cruz, um evento que é vividamente documentado por cronistas como Teófanes, o Confessor. Teófanes destaca que, ao retornar, Heráclio exibiu a relíquia com grande reverência, enfatizando seu significado como símbolo da vitória cristã e do favor divino (Teófanes, 1982).

O retorno da verdadeira Cruz teve implicações teológicas substanciais. Quer para Heráclio quer para a população cristã bizantina, a Cruz tornou-se um símbolo poderoso da vitória de Cristo sobre o pecado e a morte. Este reavivamento da fé pode ser visto como um movimento estratégico de Heráclio para fortalecer a sua posição tanto política como espiritualmente. *[Figura 4]*

Vários estudiosos argumentam que, ao associar-se à Cruz, Heráclio não só procurou unificar um império dividido, mas também restabelecer a legitimidade do seu governo em meio a desafios contínuos de inimigos externos e dissidentes internos (Harvey & Hunter, 2009).

A Cruz significou assim uma restauração da esperança e da resiliência, refletindo a identidade bizantina emergente.

A veneração da Santa Cruz durante o reinado de Heráclio também estimulou o ressurgimento da arte religiosa e do simbolismo em todo o império. A Cruz tornou-se um motivo central na iconografia bizantina, influenciando o desenvolvimento da arquitetura religiosa e das práticas litúrgicas. *[Figura 5]*

Estudiosos como Charles Barber notaram que o período viu o surgimento de igrejas, como a Igreja do Santo Sepulcro em Jerusalém, que se tornaram focos de peregrinação e adoração, incorporando a ligação teológica e cultural à Santa Cruz (Barber, 2005).

### ***A invenção da Santa Cruz***

O termo "invenção da Santa Cruz" refere-se à descoberta da verdadeira Cruz, tradicionalmente atribuída a Santa Helena, mãe do imperador Constantino, o Grande.

Segundo Eusébio de Cesareia na sua "Vida de Constantino", Helena empreendeu uma jornada a Jerusalém por volta do ano 326 d.C. O seu objetivo era encontrar os lugares associados a Jesus Cristo, e culminou na descoberta da Cruz sobre a qual ele foi crucificado (Eusébio, 2021).



Figura 6 - Agnolo Gaddi - Encontrando a Cruz – 1380 – Florença, Santa Croce



Figura 7 - Adam Elsheimer - Altar da Exaltação da Santa Cruz - 1603/1605 - Frankfurt, Städel Museum

Essa descoberta não foi apenas um evento eclesiástico significativo, mas também serviu para reforçar a legitimidade do cristianismo dentro do Império Romano, à medida que passava de uma fé perseguida para a religião do Estado.

A descoberta de Helena é celebrada no calendário litúrgico cristão em 3 de maio como a festa da invenção da Santa Cruz (do latim *inventio* = descoberta). Este acontecimento provocou uma onda de veneração à Cruz entre os primeiros cristãos. Tornou -se um símbolo tangível de fé, significando esperança e redenção.

Autores como Robin M. Jensen argumentam que a veneração da Cruz representou uma mudança na percepção de sofrimento e morte na comunidade cristã primitiva, transformando a Cruz num símbolo de esperança e ressurreição (Jensen, 2017). *[Figura 6]*

### ***A exaltação da Santa Cruz***

A Festa da Exaltação da Santa Cruz, comemorada em 14 de setembro, evoca a elevação da Cruz e o seu reconhecimento como uma relíquia sagrada.

Segundo a tradição, esta festa foi estabelecida para honrar a recuperação da verdadeira Cruz pelo bispo Macário no ano de 614, depois de ter sido capturada pelos persas durante o Império Sassânida. O evento simbolizava não apenas a restauração de uma relíquia significativa, mas também o triunfo do cristianismo sobre as adversidades.

A Cruz como instrumento de dor, mas também de glorificação, encontra essa dualidade plasmada nos escritos de São João Crisóstomo, onde ele reflete sobre como a Cruz, que era um estigma de desgraça, foi transformada no emblema universal da vitória e da graça (Crisóstomo, 2007). "A Cruz é o portão do céu", afirmou (Crisóstomo, 2004).

A veneração da Santa Cruz promoveu uma tradição de devoção que ressoa em vários contextos culturais. A Cruz tornou-se um arquétipo de sofrimento e redenção, inspirando inúmeras representações artísticas em pintura, escultura e arquitetura, demonstrando seu profundo impacto na civilização cristã.

Além disso, a exaltação da Santa Cruz reflete um tema essencial na doutrina cristã - a vitória da vida sobre a morte. Teodoreto de Cirro observou que a exaltação serve como um lembrete do triunfo de Cristo sobre o pecado e o mal, retratando a Cruz como uma faixa de vitória (Teodoreto, 1895).

A invenção da Santa Cruz e sua subsequente exaltação, representam momentos cruciais no desenvolvimento da teologia e da prática cristãs. *[Figura 7]*

Através das narrativas em torno desses eventos, os primeiros cristãos transformaram a Cruz de um símbolo de vergonha em uma glória e salvação. Essa transformação teve um impacto duradouro na adoração cristã, doutrina e identidade, influenciando o modo como os fiéis entendem a natureza do sacrifício de Cristo e a promessa de redenção. Conforme veiculado por Eusébio e Crisóstomo, a Cruz continua a ser um símbolo vital que reflete a profundidade do amor de Deus e a esperança da vida eterna para todos os crentes.

## ***II - A IGREJA DO DIVINO SALVADOR DE MOREIRA***

A notícia mais clara relativa à existência do Mosteiro de S. Salvador, a que pertencia a Igreja, data de 1027 e é uma doação feita em benefício da «*Sancti Salvatoris Aulam Dei*». Mas documentos há que desde 862 falam de «*baseliga*», «*aula*», «*acistério*», etc..

Situado nas proximidades da antiga via romana que ligava Lisboa a Braga, servia os peregrinos de Santiago de Compostela através de dois dos principais percursos – por Rates e pela Costa. Chegou então a possuir uma grande hospedaria.



Figura 8 - António Matos – Igreja e Mosteiro de Moreira – aguarela

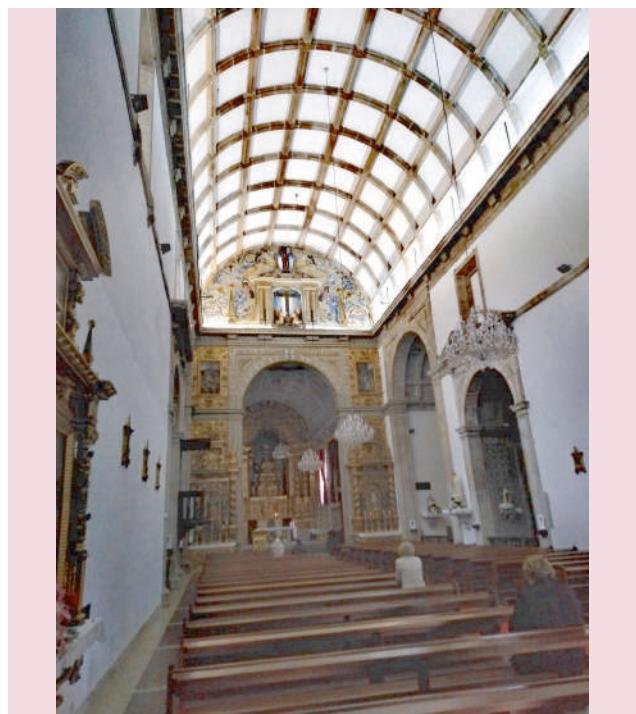


Figura 9 - Interior da Igreja do Divino Salvador



Figura 10 - Fachada da Igreja do Divino Salvador

Em 1562 pertencia à Ordem dos Cónegos Regrantes de Santo Agostinho, ou “Crúzios”, na dependência de Santa Cruz de Coimbra. Em 1584 o prior D. Jorge inicia obras de reconstrução, destinando-lhe 300 mil réis por ano; em 3 de Maio de 1588, é lançada a 1ª pedra da nova Igreja por D. Frei Marcos de Lisboa, bispo do Porto; em 1591 D. Filipe II decide patrocinar as obras; finalmente em 1622 concluem-se os trabalhos e na presença do bispo D. Rodrigo da Cunha e do prior do mosteiro D. Luís dos Anjos faz-se a mudança do Santíssimo da igreja velha para a nova. Em 1695 constroem-se as duas torres. *[Figura 8]*

A fachada da Igreja, regrada e austera, é tipicamente maneirista. O granito dá-lhe um tom digno. A Igreja é de nave única, com falso transepto aproveitado em capelas, inserindo-se ainda, no segundo terço superior da nave, duas capelas laterais; a planta é alongada, com teto em caixotões. A capela-mor é revestida a azulejos de padrão azul e amarelo.

A dimensão total da Igreja, a envergadura e altura da nave com abóbada de berço, de caixotões regulares, o monumental arco cruzeiro, a relativa grandeza, apesar da sua pouca profundidade, das capelas laterais e, finalmente, a expressiva imponência da espaçosa capela-mor, emprestam ao conjunto uma clara sensação de dignidade, grandeza e monumentalidade, já anunciada de resto, no portal principal sob a galilé e, logo depois, no amplo arco abatido que suporta o coro. *[Figura 9]*

A riqueza da Igreja é manifestamente acrescentada pelo altar-mor e pelos dois altares do arco do cruzeiro, de execução posterior ao edifício, em talha barroca maiata. Admire-se ainda o cadeiral dos cónegos, o teto da sacristia em caixotões de castanho, a ala Norte do Claustro e o órgão de 1701 construído pelo famoso organista alemão Arp Schnitger.

Em 1770 o Marquês de Pombal, certamente receoso do poder dos Cónegos Regrantes em Portugal, e desculpando-se com o desígnio de construir o Convento de Mafra, consegue de Clemente XIV a extinção de nove mosteiros, de entre os quais o de Moreira. Os bens e as rendas das canónicas extintas foram dedicados ao financiamento daquele Convento.

A Igreja de Moreira mantém-se ao culto como Igreja Paroquial. O conjunto foi classificado como Monumento de Interesse Público pela Portaria n.º 740-C/2012 de 20 de novembro de 2012.

### ***III – O CULTO À SANTA CRUZ EM MOREIRA***

A presença da devoção à Santa Cruz na Igreja de Moreira manifesta-se logo que olhamos a frontaria. *[Figura 10]*

Para além das três cruzes que encimam o triângulo formado pela parte superior da fachada, vemos, sobre o portão central dos três que fecham a galilé, uma cruz em metal, de extremidades em pétala, bem visível do exterior, e sacralizando ainda mais aquele espaço onde vamos entrar. *[Figura 11]*

Mas é sem dúvida no interior que o culto à Santa Cruz mais faz sentir a sua presença.

Há essencialmente dois núcleos que devem ser olhados com mais destaque – o do Altar do Santo Lenho (hoje Altar do Senhor dos Passos) e o do Arco Cruzeiro. *[Figura 12]*

Este, aparece-nos encimado por um nicho onde repousa a escultura do padroeiro, o Divino Salvador, do século XVII ou XVIII. Segura na mão esquerda uma cruz, enquanto com a direita está na posição de abençoar. A cruz contém um estandarte com a palavra Resurrexit, formando como que um lábaro à maneira romana. *[Figura 13]*

Abaixo, numa edícula, um conjunto escultórico mostra-nos dois anjos ajoelhados e orando diante da Cruz, onde está a coroa de louros do martírio e que é encimada pela habitual legenda INRI. Sempre a presença da cruz. E não uma cruz qualquer, mas a verdadeira Cruz. *[Figura 14]*



Figura 11 - A Cruz sobre o portão central da galé (foto de Rui\_F74)

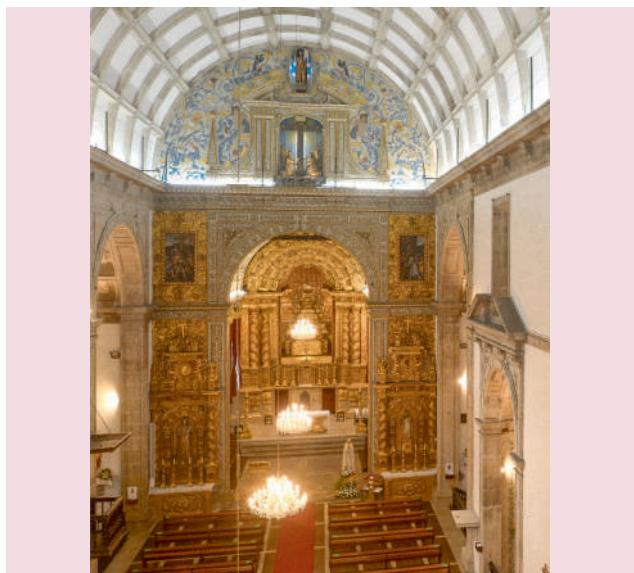


Figura 12 - Arco Cruzeiro e referências à Santa Cruz (foto FIOMS)

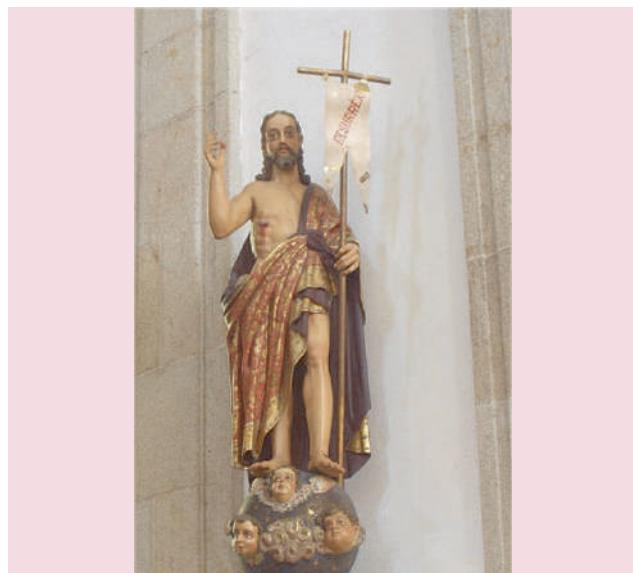


Figura 13 - Imagem do Divino Salvador – foto Diocese do Porto



Figura 14 - Pormenor cimeiro do Arco Cruzeiro

Atente-se na estrutura e na forma deste grupo escultórico, pois iremos (re)vê-lo, embora com outras proporções, mais adiante.

Mas antes, vejamos o que o Padre Joaquim Antunes de Azevedo, que na segunda metade do século XIX bem conheceu este templo, nos diz sobre o assunto. *[Figura 15]*

Sobre as principais festas que se realizavam nesta Igreja, diz-nos logo ao abrir do terceiro volume manuscrito das suas Memórias... (Azevedo, 2014):

“Foi antigamente concorridíssima a Festividade di Santo Lenho, a três de Maio, a qual diz o Pe. Carvalho da Costa que concorriam cinco mil pessoas e que ajuntavam ali em Procissão setenta freguesias, pois todas as freguesias por aqui tinham pelo menos um voto ao Santo Lenho da Cruz de Moreira, onde iam os paroquianos com o seu pároco em procissão cantando ladinhas”.

Note-se que 3 de maio é a data em que se celebra a invenção, isto é, a descoberta, da Santa Cruz.

Mais adiante, diz-nos o Padre Azevedo:

“O dia catorze de Setembro, festa da Exaltação da Santa Cruz, foi igualmente muito concorrido...”.

Verifica-se, portanto, que a festa mais importante era a que se celebrava no dia da Invenção e não no da Exaltação. Este facto tem uma explicação óbvia, que se prende com a relíquia do Santo Lenho, de que falaremos adiante.

Esta festa grande, uma das maiores desta região entre o Douro e o Ave, implicava muita participação popular. Diz-nos o Padre Azevedo:

“Haviam arcos, portais, memórias e elevados mastros, tudo de madeira, cobertos com murta de vários gostos e feitios”.

Vê-se, portanto, que estamos perante uma enorme manifestação devocional à Santa Cruz.

Essa devoção tem outro expoente nos dois retábulos pintados seiscentistas que ficam no arco do cruzeiro, por cima dos altares. *[Figura 16]*

Estes retábulos estão intimamente ligados com o nosso tema. O do lado do Evangelho representa, segundo o Padre Azevedo, “o imperador Heráclio tentando levar para o Monte Calvário a cruz em que o Salvador tinha padecido. Por mais esforços que fez, não pode transpor a porta (que conduzia ao Calvário)”. *[Figura 17]*

Já o do lado da Epístola mostra-nos “Heráclio, despido dos seus ricos adornos, com pés descalços, caminhando para o Calvário sem custo algum, pois que neste segundo modo melhor se assemelhava ao Divino Salvador quando ali foi conduzido com a cruz às costas”. *[Figura 18]*

É que Zacarias terá dito ao Imperador, que Cristo não estava vestido com esplendor quando passou com a Cruz por esse portão, que a Sua fronte não estava adornada com uma coroa de ouro, mas com uma feita de espinhos, e que talvez esses atavios, e o seu luxuoso manto, fossem a causa de não conseguir avançar.

Eis uma representação artística muito curiosa de Heráclio e do culto à Santa Cruz.

E passemos ao último ponto de interesse para este tema, que será talvez o mais importante em todos os aspetos.

Quando se sobe a Igreja, do lado esquerdo, aparece-nos o altar do Senhor dos Passos. *[Figura 19]*

Esse altar apresenta-nos em cima a imagem processional do Senhor dos Passos, cuja procissão se



Figura 15 - António Matos – Retrato do Padre Joaquim Antunes de Azevedo



Figura 16 - Interior da Igreja

realiza em Moreira no segundo domingo da Quaresma e, em baixo, o Senhor Morto, que se utilizava na Procissão do Enterro do Senhor que se estabeleceu em Portugal nos fins do século XV e princípios do século XVI. Dos lados, e à volta do Sacrário, em aberturas protegidas por vidro, estão vários relicários.

Ao centro fica o Sacrário, em cuja porta estão gravados os símbolos da paixão: cruz, coroa de espinhos, lança, faixa, cana e dois cravos. Este conjunto designa-se normalmente por Arma Christi.

Este altar era antigamente designado como altar do Santo Lenho, E era neste Sacrário que se guardava a preciosa relíquia.

Esta Relíquia era já referida no testamento de Gonçalo Guterres, em 1085, sendo de admitir que tivesse vindo pouco antes do Oriente. Foi para o Mosteiro de Lavra que, uma vez extinto, a dividiu por Moreira,

Trata-se de um pequeno pedaço de madeira que se encontra encastoado num esplêndido Relicário, verdadeira jóia da Ourivesaria Portuguesa, representando uma cruz, em ouro e pedras preciosas. Na cruz a figura de Cristo e na base Anjos orantes.

Ter-se-á perdido durante algum tempo, até que veio a ser encontrada em 1510 escondida por baixo da pedra de Ara. Esta redescoberta foi muito saudada pela população, que tinha grande fé na relíquia.

Foi mandado então fazer um novo relicário, em prata dourada, em forma de cruz, ornado com pedras semipreciosas, ladeado por duas figuras aladas ajoelhadas e que se apoiam, com uma das mãos, na cruz. Na intersecção da haste com os braços encontramos, numa câmara de cristal, a relíquia do Santo Lenho. *[Figura 20]*

Se nos lembarmos do que foi dito atrás, esta morfologia é muito idêntica ao grupo escultórico sobre o Arco Cruzeiro.

Nas “Memórias Paroquiais” de 1758, o então Pároco de Moreira atribui à influência do Milagroso pedaço de madeira o facto de o Mosteiro e a freguesia não terem sofrido dano algum no tremor de terra de 1755.

Eis o excerto das “Memórias” em que o Pároco de então, o cura António José de Pinho, atribui ao Santo Lenho a proteção durante o grande sismo (Capela, et. all. 2009). Reza assim, vertido para português atual:

“Também se experimentou nesta Freguesia o espantoso terramoto do primeiro de novembro de mil e setecentos e cinquenta e cinco, com a mesma violência de impulsos que nas mais partes, porém não causou ruína alguma, o que os seus moradores atribuíram à prodigiosa relíquia do Santo Lenho que se venera há muitos séculos na Igreja do Mosteiro; e por virtude da mesma relíquia é tradição antiquíssima entre os moradores da Freguesia que nunca nela caiu raio, sendo muito contínuos nas Freguesias contíguas, tanto assim que caindo há muitos anos um raio no fim dos limites da Freguesia em uma árvore, queimou dela só a parte que ficava fora dos marcos da Freguesia, ficando a outra parte fresca e vigorosa, e por este respeito muitas pessoas das Freguesias vizinhas logo que vêm ameaços de grandes trovoadas fogem para dentro dos limites desta Freguesia de Moreira, e na festa principal do Santo Lenho que é a três de Maio, concorrem as cinquenta e duas Freguesias do Concelho da Maia; a sua celebridade (é tal que) as pessoas de maior distinção procuram ser juizes da festa”.

Vendo a crença no efeito protetor da relíquia, não admira que o Mosteiro de Moreira fosse muito procurado, mesmo em peregrinação, por gentes das terras vizinhas, mormente pescadores de Matosinhos e lavradores de Vila do Conde e do interior, que se colocavam sob a proteção do Santo Lenho.



Figura 17 - Tábua do lado do Evangelho (foto de José Lopes)

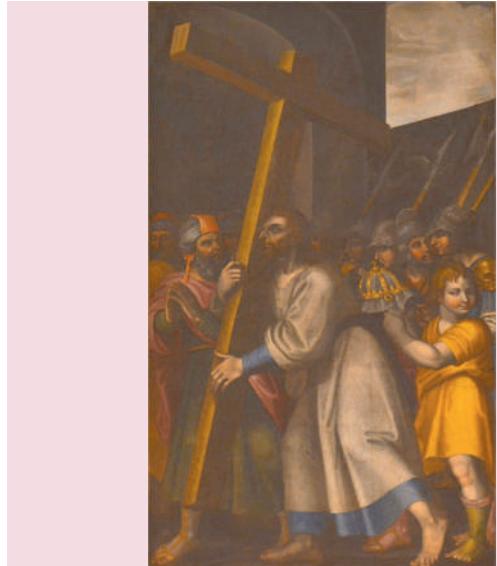


Figura 18 - Tábua do lado da Epístola (foto de José Lopes)



Figura 19 - Altar do Santo Lenho



Figura 20 - Relicário e relíquia do Santo Lenho

## REMATANDO

O culto à verdadeira Cruz de Cristo, elemento primordial do cristianismo bizantino, expandiu-se para todo o mundo cristão.

De símbolo de dor, de martírio e de morte, transformou-se em símbolo de ressurreição, de glória e de salvação.

Em Moreira encontram-se vários expoentes deste culto, com destaque para dois retábulos com a temática do imperador Heráclio, e para a relíquia do Santo Lenho.

Esta tinha grande devoção na Terra da Maia, do Ave ao Douro, do litoral às serras de Valongo e da Agrela.

Quando a relíquia saía em procissão, prontamente se juntavam multidões vindas das freguesias em redor para que fossem contempladas pelos seus milagres.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Azevedo, Agostinho de (1939). *A Terra da Maia (Subsídios para o seu estudo)*. Maia: Câmara Municipal.
- Azevedo, Joaquim Antunes de (2014). *Memórias de tempos idos*, vol. II. Maia: Clube Unesco da Maia.
- Barber, Charles (2002). *Figure and Likeness: On the Limits of Representation in Byzantine Iconoclasm*. Princeton: Princeton University Press.
- Capela, José Viriato et. all. (2009). *As freguesias do Distrito do Porto nas Memórias Paroquiais de 1758*. Memórias, História e Património. Braga, Barbosa e Xavier; pp. 349-351.
- Cone, James H. (2011). *The Cross and the Lynching Tree*. Maryknoll, New York: Orbis Books.
- Crisóstomo, S. João (2004) [1895]. *Saint Chrysostom's Homilies on Galatians, Ephesians, Philippians, Colossians, Thessalonians, Timothy, Titus and Philemon*. Whitefish, Montana: Kessinger Publishing.
- Crisóstomo, S. João (2007) [1895]. *Twenty-One Homilies on The Statutes*. Whitefish, Montana: Kessinger Publishing.
- Eusébio de Cesareia. (2021) [sec. IV]. *Vida de Constantino*. Lisboa: Bibliomundi.
- George Willard Benson. (2005). *The Cross: History, Symbolism, and Theology*. Mineola, Nova York: Dover Publications.
- Haldon, John (2000). *Byzantium in the Seventh Century: The Transformation of a Culture*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Horsley, Richard A. (2001). *Paul and Empire: Religion and Power in Roman Imperial Society*. Harrisburg, Pennsylvania: Trinity Press International.
- Jensen, Robin M. (2017). *The Cross: History, Art, and Controversy*. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press.
- Marques, José Augusto Maia (1998). *Moreira da Maia no século XIX*. Maia: Câmara Municipal da Maia.
- José A. Maia Marques... [et al.] (2000). *O Mosteiro Crúzio de Moreira : História, Arte e Música*. Maia: Fábrica da Igreja de São Salvador de Moreira, 2000.
- Monges, mosteiros e territórios: nos 400 anos do atual edifício do Mosteiro de Moreira – Atas do Colóquio. Maia: Câmara Municipal.
- Schillebeeckx, Edward (2008). *Jesus: A História de um vivente*. São Paulo: Paulus Editora.
- Seymour, William Wood (2014) [1898]. *The Cross in Tradition, History and Art*. Whitefish: Literary Licensing, LLC.
- Susan Ashbrook Harvey (ed.), David G. Hunter (ed.) (2009). *The Oxford Handbook of Early Christian Studies*. Oxford: Oxford Academics
- Teodoreto (1892) [séc. V]. *Textos de Teodoreto, traduzidos por Blomfield Jackson e editados por Philip Schaff*, disponíveis em [www.sacred-texts.com/chr/ecf/203/index.htm](http://www.sacred-texts.com/chr/ecf/203/index.htm). Consultado em 20/9/2024
- Wilken, Robert Louis (2003). *The Spirit of Early Christian Thought: Seeking the Face of God*. New Haven: Yale University Press.
- Teodoreto (1892) [séc. V]. *Textos de Teodoreto, traduzidos por Blomfield Jackson e editados por Philip Schaff*, disponíveis em [www.sacred-texts.com/chr/ecf/203/index.htm](http://www.sacred-texts.com/chr/ecf/203/index.htm). Consultado em 20/9/2024.
- Seymour, William Wood (2014) [1898]. *The Cross in Tradition, History and Art*. Whitefish: Literary Licensing, LLC.

# *Os primórdios do transporte motorizado e da gasolina na Maia*

Fernando Teixeira

## INTRODUÇÃO

Em outubro de 1895 chegava o primeiro automóvel a Portugal, importado pelo Conde de Avilez. O modelo era um “Panhard & Levassor”, causando enorme curiosidade e espanto. Na alfândega de Lisboa não sabiam como o classificar para efeito da taxa a aplicar, hesitavam entre máquina agrícola ou máquina movida a vapor apesar de se mover a benzina.

Dez anos depois, em agosto de 1905, chegava à Maia o primeiro automóvel importado por um maiato, morador em Águas Santas. Começava então, também para a Maia, um fascinante mundo novo, os motores de combustão interna permitiriam a chegada dos automóveis, dos motociclos, depois as camionetas de passageiros, táxis, os camiões, as diversas máquinas agrícolas e tractores, etc... etc... e nunca mais parou a inovação com sucessivos avanços e descobertas até hoje.

Diferentes combustíveis foram utilizados no início para alimentar os novos motores de combustão, mas logo se impôs a gasolina de forma quase total e por várias décadas, apenas a partir dos anos 30 do século XX começam também a ganhar espaço os automóveis com combustível “diesel”, em vez da gasolina.

Pretende-se aqui neste espaço abordar a história desse tempo do princípio dos automóveis na Maia, dos veículos motorizados subsequentes e também do negócio atribulado da venda da gasolina nesses tempos distantes, destacando personalidades Maiatas que na época foram pioneiras desse novo mundo que se iniciava.

## OS PRIMEIROS AUTOMÓVEIS NA MAIA

Do que podemos apurar depois de visitas ao Arquivo Municipal do Porto, após consultar os registos automóveis do Governo Civil sobre a Maia, focando-nos só nos cinco primeiros possuidores, o primeiro registo é de um morador em Águas Santas, de nome Eduardo da Motta Ribeiro, que obteve licença de com ele circular a 17 de agosto de 1905. O seu automóvel era da marca francesa Peugeot, trabalhava a gasolina, com 2 cilindros, 4 cv e era de 4 lugares. Para a época, apresentava grandes novidades tecnológicas: 4 rodas com pneumáticos, volante em vez do guiador de alavanca, motor mais evoluído, maior cilindragem e potência, mais acessórios e peças que aumentavam a segurança e o conforto. A gasolina era o combustível utilizado, mas até 1886, considerava-se um subproduto menor do petróleo bruto. A partir desse ano, como forma de corresponder aos motores de combustão foi-se refinando, aumentando a sua qualidade. O mesmo Eduardo, passados dois dias do primeiro registo, voltou a averbar em seu nome um outro Peugeot, maior e mais potente, este de 10 cv e de 5 lugares.

Como os proprietários eram obrigados a registar o nome do “*Chafeur*”, a pessoa que ficaria habilitado a “guiar” o automóvel, quem exercia essa função para Eduardo Motta Ribeiro era José Ermelindo, morador na rua dos Caldeireiros no Porto, sendo este o seu motorista particular. No mês seguinte, a 16 de setembro de 1905, Eduardo volta a registar em seu nome um terceiro automóvel, desta vez um “Charron, Girardot & Voight” de 18 cv e de 6 lugares, também fabricado em França.

Os seguintes maiatos foram também possuidores das novas máquinas registadas para circulação: Manuel António de Carvalho Seixas Penetra, também de Águas Santas, em 1906 comprou um “Chenard & Walcker” [Figura 1], modelo francês, a gasolina, com 16 cv e de 6 lugares. Em 27 de novembro de 1906, Charles Frederik Chambers, cidadão Inglês e morador na antiga Quinta do Visconde, em Barreiros, registou o automóvel “Charron, Girardot & Voight” de 4 cilindros a gasolina, 15 cv e de 5 lugares [Figura 2]. Seguiu-se António Francisco Nogueira, também de Águas Santas, a 1 de junho de 1907 registou uma viatura de 4 cilindros, 15 cv, 5 lugares e a gasolina. Também o conhecido político e empresário do Castelo da Maia, Augusto Nogueira da Silva, adquiriu um “Darracq” proveniente de Paris, com 4 cilindros a gasolina, 14 cv e de 5 lugares [Figura 3].

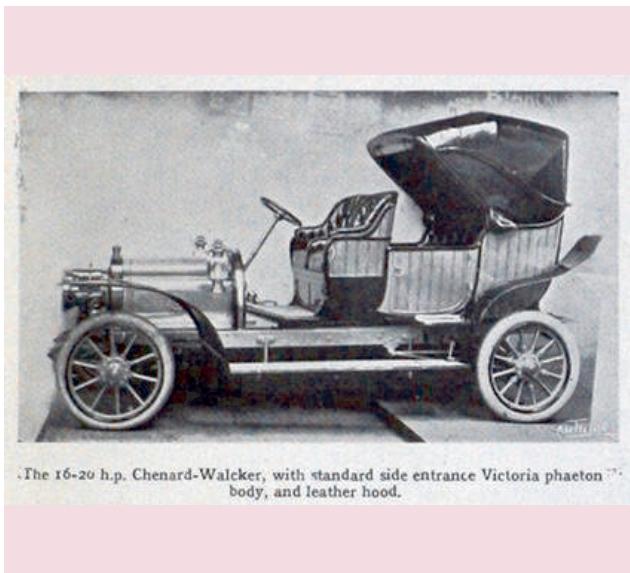


Figura 1 - Chenard Walcker



Figura 2 - Charron, Girardot & Voight



Figura 3 - Darracq



Figura 4 - Wanderer

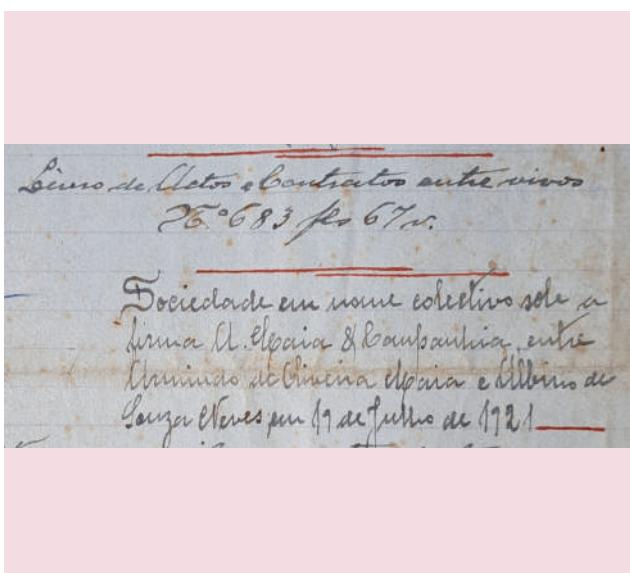


Figura 5 - Sociedade A. Maia & Companhia, 1921



Figura 6 - Anúncio da Auto Viação Castelo da Maia, Lda

## **O PRIMEIRO MOTOCICLO NA MAIA**

O primeiro motociclo a chegar à Maia foi registado a 15 de março de 1911, era da marca francesa “Wanderer”, de 1,5 cv, com 1 cilindro e de 1 lugar *[Figura 4]*. O seu proprietário era Joaquim da Silva Araújo, do lugar do Castelo, da freguesia de Santa Maria de Avioso.

Em 1950 a marca de bicicletas “Vilar”, com fábrica em São Mamede de Infesta, pertencente entre outros ao Dr. António Macedo, residente no centro da Maia, passou a produzir motociclos que se destacaram a nível nacional, criando diversos modelos que muitos maiatos usaram, como a Vilar e a Perfecta com motor Pachancho, a Casal, a Cucciolo, etc.

## **AS CAMIONETAS DE TRANSPORTES DE PASSAGEIROS E OS TÁXIS**

Na segunda década do século XX, perante o espantoso sucesso do automóvel e, na sua sequência, naturalmente começaram a desenvolver-se veículos maiores de transporte de passageiros com os motores de combustão.

No concelho da Maia, pensamos que a primeira empresa de transportes de passageiros a formar-se foi a “A. Maia & Companhia.” do lugar do Castêlo da Maia, constituída em sociedade a 19 de julho de 1921, entre Armindo de Oliveira Maia e Albino de Sousa Neves *[Figura 5]*.

A empresa teve grande sucesso, passados alguns anos apareceram empresas concorrentes, surgiam concessões de novas carreiras e, tornando-se necessário o aumento do capital da empresa, em 1933 entram dois novos sócios, Aurélio Oliveira Monjardim e Artur da Silva Duarte, cunhado de Armindo Maia, ficando todos com quatro quotas iguais de 25%.

Esta pioneira empresa de transportes de passageiros com sede e garagem no Castêlo da Maia, também foi a primeira empresa transportadora de passageiros de Matosinhos, obtendo várias concessões de linhas por todas as freguesias do concelho.

A sua primeira filial e garagem estavam situadas em Angeiras de Cima, mais tarde construíram uma grande garagem no Freixieiro, muito perto do aeroporto de Pedras Rubras e fixaram escritório no edifício do Mercado de Matosinhos.

Começa em 1921 o princípio do fim das linhas de transportes feitas pelos “carreteiros” em carros de bois e das diversas diligências e charretes a cavalos, que tão importantes foram nas décadas anteriores e no século anterior.

Começavam também a aparecer pelos anos vinte, os primeiros táxis, inicialmente localizados nas praças dos grandes centros urbanos. Samuel Gramaxo, jovem empresário e pertencente a uma das famílias mais notáveis e antigas de Barreiros da Maia, teve um seu automóvel táxi a operar na baixa da Cidade do Porto.

Poucos anos depois surge no Castêlo da Maia uma outra empresa de transportes de passageiros, a “Auto Viação Castelo da Maia” criada por um ex-empregado da A. Maia & Cia., Sr. Moutinho, acreditando no novo negócio e motivado pelo grande sucesso que a nova empresa de transportes estava a ter *[Figura 6]*.

A notoriedade e o enorme crescimento desta nova actividade económica despertaram o interesse em vários locais da Maia, mormente por parte de jovens ambiciosos e apaixonados por este novo sector automóvel.

Nasce em 1927, uma outra empresa de transportes de passageiros, agora em Vermoim, a “A. Nogueira da Costa” criada pelo jovem Armindo Nogueira da Costa (empresa que ainda hoje se mantém em actividade na sua terceira geração).



Figura 7 - Armindo Nogueira da Costa

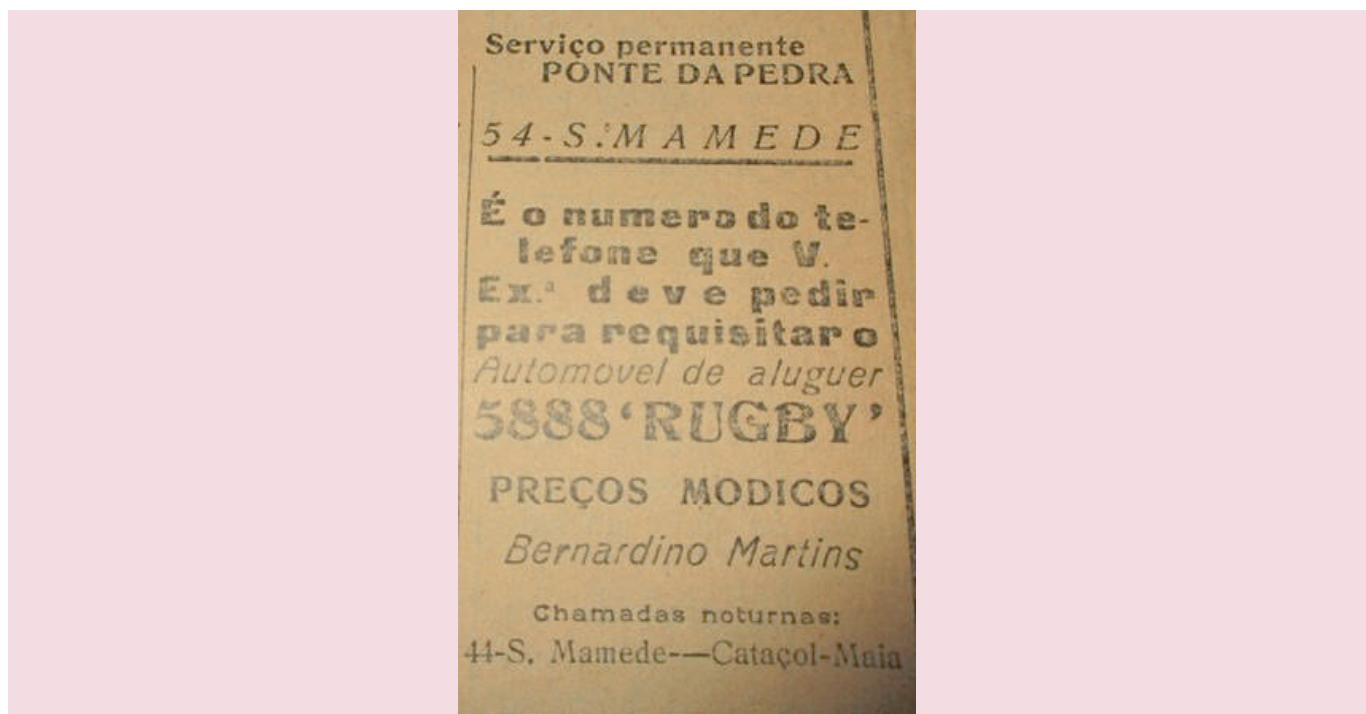


Figura 8 - Serviço na Ponte da Pedra

Armindo Nogueira da Costa terá começado com um carro de 7 lugares da marca francesa “Donnete Zedel” e adquire a primeira camioneta de passageiros em 1928 *[Figura 7]*. Obtém logo de seguida a concessão da linha Vermoim para o Porto.

Em 1928 surge na freguesia de Nogueira outro maiato de 27 anos, António da Silva Cruz, a aventurar-se nesta actividade, ao comprar uma camioneta de passageiros de 28 lugares. António mantém ainda, cautelosamente, durante algum tempo a sua actividade antiga na construção civil. Em 1930 adquire uma segunda camioneta e passa a dedicar-se em exclusivo a esta nova actividade. Nesta altura, já tinha obtido a concessão da linha entre São Mamede do Coronado e a Corderaria no Porto.

No mesmo ano, surge aquela que seria talvez a primeira praça de táxis junto à Maia, a praça da Ponte da Pedra *[Figura 8]*. Bernardino Martins, residente em Catassol, escolheu esse local que era o término da Linha 7 do eléctrico que vinha do Porto, para montar a praça de táxis (na época chamados automóveis de aluguer letra A) juntamente com outros dois empresários, os senhores Homero e Albino, estes de S. Mamede de Infesta.

### ***A CHEGADA DA GASOLINA À MAIA***

A “Vacuum Oil Company” foi a primeira empresa petrolífera a instalar-se em Portugal em 1896, décadas depois daria origem à Mobil, que nessa época dominava o mercado do Petróleo para iluminação.

Em 1910 a Shell começa a comercializar os seus produtos petrolíferos no nosso país, através da empresa “The Lisbon Coal and Fuel Company”.

Nesse ano haveria cerca de um milhar de automóveis no país, no Distrito do Porto perto dos trezentos, o mercado da gasolina começa então e em definitivo, a impôr-se. Inicialmente, outros combustíveis como a benzina, era vendida nas farmácias.

A gasolina começa então a ser distribuída em latas de 5 litros, os primeiros recipientes eram em pipas de madeira e, de seguida em bidões metálicos de 100 e 200 litros, pelas duas empresas iniciais, em mercearias e armazéns genéricos, sendo aí introduzida com ajuda de um funil.

Em 1913 surge pela primeira vez nos Estados Unidos, o primeiro Posto de Gasolina em Portugal, pensamos que terá aparecido pouco antes de 1920.

Esses primeiros postos na via pública consistiam numa bomba manual com o reservatório para a gasolina em baixo, que era bombada com ajuda de manivela para dois vasos de vidro graduado em “galões” (3,7 litros) colocados na parte superior, para abastecer descia por gravidade através de uma mangueira para o depósito do automóvel.

Na Maia em 1921, Samuel Gramaxo, um jovem de 22 anos de idade, atento à perspectiva do novo negócio da gasolina, celebra contrato com a “The Lisbon Coal and Fuel Company”, da marca “Shell” e passa a ser o concessionário “Shell” para o concelho da Maia e ainda em várias centralidades dos concelhos limítrofes, como sejam na Trofa, Vila do Conde, Povoa de Varzim, Senhora da Hora e Rio Tinto.

Samuel Gramaxo cria diversos depósitos espalhados por essa vasta zona com apoio de reputados comerciantes locais, vendendo a gasolina por grosso a esses seus novos clientes.

Com a criação das primeiras empresas de transportes e táxis, o consumo de gasolina aumenta consideravelmente. A gasolina era despachada de Lisboa pela via-férrea, a “Shell” tinha uma grande delegação e armazém no número 250 da rua Mouzinho da Silveira, muito próximo da Estação de São Bento, facilitando a distribuição.



Figura 9 - Empresa constituída por Samuel Gramaxo



Figura 10 - Domingos Nogueira da Costa também fornecia gasolina e petróleo

MERCARIA CENTRAL			
DOMINGOS NOGUEIRA DA COSTA			
CATASSOL - BARREIROS			
<i>Almada, 31 de Outubro de 1929</i>			
DEPOSITARIO	de	Gazolinas e Petróleo	do VACUUM OIL COMPANY
		da Sociedade de Petróleo	de Portugal
		Alcina	
TABACOS	de	ARTIGOS	de MERCARIA
<i>H. S. Nogueira da Costa</i>		<i>Sr.</i>	
Quincas	22	200 litros de gasolina	2629 50000.0
Bras	8	200 litros de gasolina	2646 4903.00
Julha	20	200 litros de gasolina	2646 4903.00
Alcina	18	200 litros de gasolina	2646 6182.25
Alcina	21	200 litros de gasolina	2646 4903.00
			\$
			2 031 \$ 25
			\$
			1000.00
			\$
			1831 \$ 25
			\$

Figura 11 - Fatura de Domingos Nogueira da Costa, 1929



Figura 12 - Inauguração do Posto de Nogueira



Figura 13 - O Posto da "Sacor" no Castelo da Maia, da Dona Maria Jose, mais tarde tornou-se Galp

Samuel Gramaxo possuía uma carroça-tanque para abastecimento *[Figura 9]* e, com a ajuda da entrega directa em várias em estações de caminho-de-ferro de latas de 5 litros e tambores de 100, 200 e 400 litros, fazia a distribuição para muitos depósitos da gasolina na Maia e em alguns locais centrais dos concelhos limítrofes desde meados de 1921.

Alguns desses depósitos começaram a vender gasolina através de uma bomba manual, dentro do armazém, garagem ou mercearia.

Nos anos seguintes a concorrência entre a “Shell” e a “Vacuum Oil” começou a acentuar-se na Maia e em toda a parte, as empresas de transportes e os lugares mais populosos, centrais e próximos das estações do comboio eram fortemente disputados por essas duas empresas pioneiras da gasolina.

Os primeiros postos de gasolina na Maia, foram provavelmente, o de Domingos Nogueira da Costa em Catassol *[Figura 10 e 11]*, abastecido pela “Vacuum Oil” e logo de seguida o posto de Arnaldo da Silva Tomé, perto da Pinta, abastecido pela “Shell”, ambos por volta do ano de 1929 e, com bombas manuais a abastecer por gravidade, ainda bomba de passeio em frente à mercearia onde anteriormente vendiam a gasolina em latas e bidões com a ajuda de um funil.

Samuel Gramaxo, precursor da gasolina na Maia, abandonou o negócio passados alguns anos, Arnaldo da Silva deu continuidade na distribuição da gasolina da marca “Shell”, alguns anos mais tarde o seu cunhado, Rocha Ribeiro, daria continuidade com o posto de combustíveis “Shell”. Mais tarde, por volta do fim da década de 40 ou início dos anos 50 aparecem por fim os postos de combustíveis, agora com um conceito mais próximo dos actuais, com mais serviços e outros combustíveis. Na década de 30 tinham surgido os gasóleos rodoviário e agrícola, este na época chamado “*tractoil*”, o gasóleo rodoviário viria a ter um grande crescimento desde essa época até os dias actuais.

Nesses anos 50 surgiram postos de combustíveis em Nogueira *[Figura 12]*, em Águas Santas, Castêlo da Maia *[Figura 13]*, Alto da Maia, Catassol e perto da Pinta (ambas sucedendo ao de passeio), Padrão de Moreira, Guardeiras e Espinhosa, os da Vila da Maia na variante da EN 14 e o da Travagem na EN 105 terão chegado nos anos 60.

*A chegada do primeiro  
carro eléctrico a Águas Santas*  
Uma festa popular

*Nossa Senhora da Piedade na Granja*  
Uma Romaria esquecida

Manuel Correia

## ***A CHEGADA DO PRIMEIRO CARRO ELÉCTRICO A ÁGUAS SANTAS***

### *Uma festa popular*

*Textos originalmente publicados no Jornal da Maia, Suplemento Especial Águas Santas, de 28-3-1985*

Que diria o leitor se numa manhã de domingo chegasse ao Alto da Maia e deparasse com um coreto e uma banda de música, as fachadas dos prédios ornamentadas e os postes embandeirados?

Pensaria que um ministro ou um dirigente partidário iria visitar o local e que os correligionários se aprimoraram na recepção; ou que o «Pedrouços» tinha finalmente subido aos «Nacionais», o «Porto» vencido mais um campeonato, ou que ia passar a Volta a Portugal; ou que do Paço ou de Ardegães, a Senhora de Guadalupe ou o Senhor dos Aflitos tinham alargado os seus arraiais.

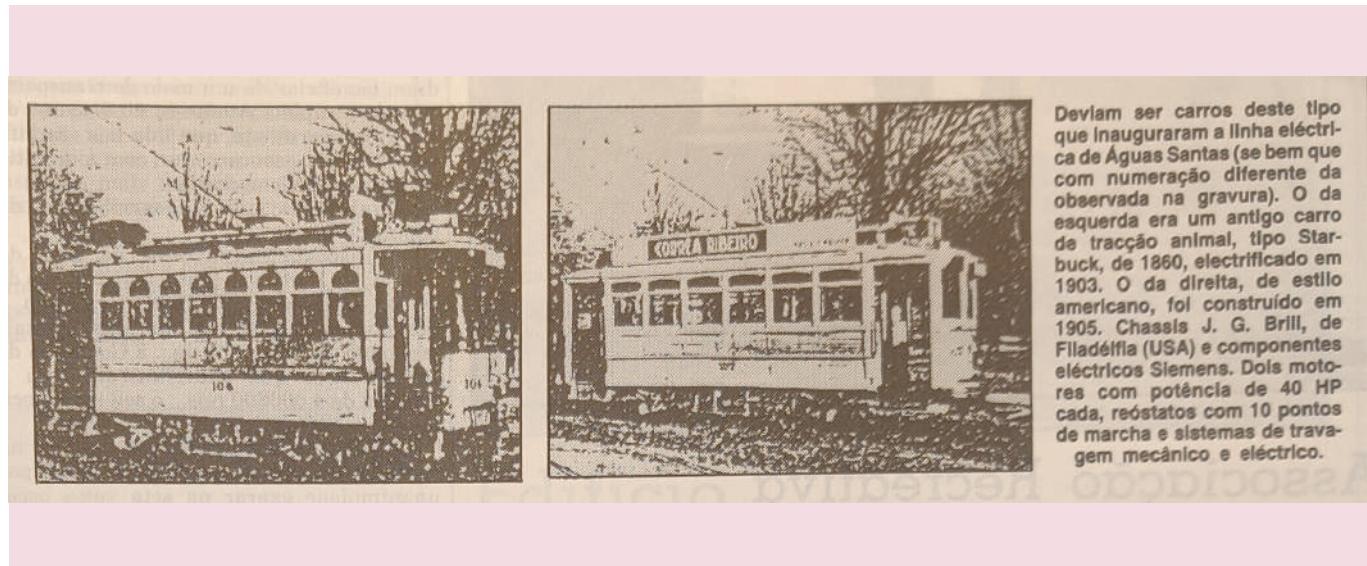
Só que estávamos no dia 22 de Janeiro de 1911 – já lá vão 74 anos – e, embora estivesse um lindíssimo dia, era pleno Inverno. A Senhora de Guadalupe ou o Senhor dos Aflitos veneram-se no Verão; ainda não existia o «Pedrouços», nem campeonato nacional, nem a Volta a Portugal; e os ministros ou dirigentes políticos não teriam muito tempo para festas ou visitas, afadigados como andavam com a consolidação das instituições republicanas. A República tinha sido implantada há menos de quatro meses.

Mas o povo continuava a afluir, chegara o Dr. José Félix Farinhote, presidente da Comissão Administrativa da Maia, e demais vereadores; o sr. Thomaz Leonardo Teixeira, presidente da Comissão Republicana e da Comissão Administrativa da Junta de Águas Santas, empossada após o advento da República, acompanhado do vice-presidente, António Lopes Barbosa, do tesoureiro, Gabriel da Silva Carvalho, e dos vogais António Marques dos Santos Ribeiro e David Ferreira Soares; os representantes do Centro Democrático Alberto Silva, com o estandarte bordado a ouro, e mais povo, sempre mais povo.

Que se iria passar naquele largo que uns denominavam de Alto da Maia, outros Largo da Maia, e outros ainda mais especificamente de logar (assim mesmo, com o) da Botica da Maia?

Esse largo não era nada do que é hoje o cruzamento do Alto da Maia. No dizer do Sr. Henrique Lopes Barbosa, filho do vice-presidente da Junta republicana de então, e, felizmente, ainda vivo, não existia a Avenida do Lidor da Maia, nem nada que o pareça; em seu lugar uma viela. A Rua do Mosteiro, uma estrada de macadame. Onde está a confeitoria, era a mercearia do Ti' Alfredo Quelhas, e a mercearia Caetano, já era mercearia, mas Coutinho. Em lugar do Café Coutinho, os muros da Quinta do Penetra, com picadeiro e tudo, já que o Luís Penetra se dedicava ao toureiro a cavalo. Na outra esquina o Sr. Baptista boticário, com a sua Botica da Maia, e daí a denominação toponímica de logar da botica da Maia.

Às 11 horas e 57 minutos da manhã o mistério foi desvendado: chegava a Águas Santas, ao logar da Botica da Maia, o primeiro carro eléctrico. Impante, rodara macio sobre os carris, ferro contra ferro, campainha a tilintar, motores a zunir, Alto das Oliveiras, Giesta, Brazileiro, Corim, Pícua, aclamado ao longo do percurso, flores sobre o tejadilho, que as senhoras lhas lançavam das janelas, Banda Marcial de S. Mamede de Infesta a abrilhantar-lhe a passagem no Brazileiro, mais aclamações, mais foguetes... e, freios accionados pela mão segura do engenheiro Couto dos Santos, chefe de exploração da Companhia Carris de Ferro do Porto, a paragem foi suave mas firme, à porta da Botica da Maia, ao som dos acordes da «Portuguesa», executados por garbosa filarmónica. Desde a Areosa, a sua marcha triunfal tinha durado 17 minutos. Era o número 258. E que lindo vinha: todo engalanado «com colchas de damasco, trophéus de bandeiras, palmas e flores». Nele viajavam, além dos representantes da imprensa, os membros dos corpos gerentes da C. C. F. P. José da Silva Pimenta, Visconde da Gândara, Dr. Soares Franco, Dr. Forbes de Magalhães, Dr. Gaspar Tavares de Castro e José Augusto Dias; Eng. Casimiro Leite, Emydio Martins, chefe da fiscalização, sub-chefe Artur Barros, e, entre outros convidados, o grande



Deviam ser carros deste tipo que inauguraram a linha eléctrica de Águas Santas (se bem que com numeração diferente da observada na gravura). O da esquerda era um antigo carro de tração animal, tipo Starbuck, de 1860, electrificado em 1903. O da direita, de estilo americano, foi construído em 1905. Chassis J. G. Brill, de Filadélfia (USA) e componentes eléctricos Siemens. Dois motores com potência de 40 HP cada, reostatos com 10 pontos de marcha e sistemas de travagem mecânico e eléctrico.

Figura 1 - Carro Eléctrico

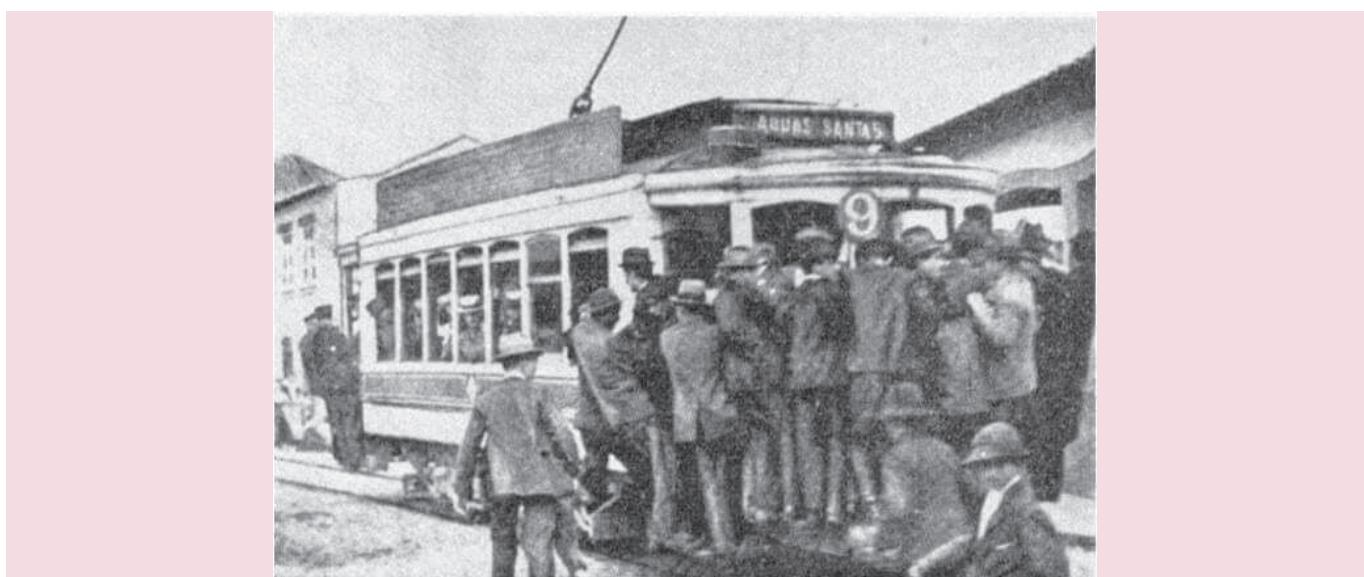


Figura 2 - O carro eléctrico da linha 9, Águas Santas

impulsionador de tão importante e notável melhoramento, Sr. António Francisco Nogueira, «o importante industrial que já tem no Porto um lugar de destaque pela sua inteligência, pelo seu carácter e pela sua energia». *[Figura 1]*

À chegada do carro eléctrico logo «houve uma entusiástica manifestação, sendo queimadas girândolas de foguetes» e de imediato o Dr. Félix Farinhote, subindo à plataforma do carro, «disse agradecer em nome do povo do concelho da Maia aquele melhoramento importantíssimo», acrescentando que «com esta nova comunicação entre a Maia e o Porto muito tinha a lucrar aquele local e que assim o compreendem os povos do concelho quando apesar de grandes sacrifícios, concorreram com a quantia exigida pela Companhia», terminando por felicitar «todos os seus concidadãos por aquela inauguração». Seguidamente o presidente da Junta Sr. Thomaz Leonardo Teixeira «agradeceu à Companhia aquele melhoramento» e terminou «levantando vivas ao povo da Maia, à Companhia e à República», sendo os discursos delirantemente aplaudidos.

Logo de seguida chegava o carro eléctrico 255 com a Banda de Gueifães da Maia a exibir todos os seus dotes artísticos, e eis que já se aproximavam mais dois «com um grupo de senhoras e as comissões dos festejos».

Durante todo o dia as três bandas de música percorreram a estrada desde a Circunvalação até à Maia, onde houve «fogo do ar e arraial, queimando-se também fogo de bonecos à tarde e à noite fogo do ar, iluminação e música».

A inauguração do carro eléctrico para Águas Santas «transformou-se numa animosa e bela festa popular, pois concorreram aquele aprazível local muitos milhares de pessoas da cidade e das proximidades, o que se tornou durante todo o dia extremamente movimentado» e os carros andaram «toda a tarde atulhados de gente», sendo «durante todo o dia a concorrência a Águas Santas verdadeiramente extraordinária».

O regozijo popular era justificado: a linha eléctrica de Costa Cabral (depois linha 9) que desde 1902 servia o Largo da Cruz das Regateiras (actual Largo da Cruz, fronteiro ao Hospital Conde Ferreira) demorou 8 anos a chegar à Areosa em 28 de maio de 1910, e menos de 8 meses a chegar a Águas Santas. Além disso, era a terceira linha a transpor a Circunvalação, depois de Matosinhos em 1898, e de S. Mamede de Infesta em 19 de Fevereiro de 1910. *[Figura 2]*

Entretanto, parece que havia certas rivalidades entre as diversas comissões. E enquanto os Corpos Gerentes da Companhia e outras entidades seguiam nos carros até ao Largo do Brazileiro, onde fica a vivenda do Sr. António Francisco Nogueira, que ofereceu um delicado «copo d'água» aos convidados e o anfitrião, ao champagne agradecia à Companhia Carris e afirmava «que não se pode atribuir a vitória a ninguém...os louros, ali, quem os colhe é o progresso», a Comissão da Maia, composta pelos Srs. Adelino Gonçalves Correia de Sá, José Dias de Oliveira, Joaquim Coutinho, Manuel Pereira de Macedo e Henrique dos Santos Quelhas, reunia-se em casa do Dr. Luís Avelino Lopes Guimarães (Quinta do Meilão), onde «às 6 horas da tarde se realiza uma festa, fazendo-se representar todas as corporações oficiais convidadas pela Comissão a esperar o primeiro eléctrico no logar da Maia».

O transporte público na cidade do Porto, e ligando a cidade aos arredores, conheceu diversas experiências. O carro eléctrico, nobre sucessor, entre outros, do carroção e do carro americano, que circulava sobre carris puxado por dois machos, circulou pela primeira vez em 1895, atingindo uma velocidade de 25 quilómetros horários. Seguiu-se a expansão das linhas certamente que mercê de muitas petições, abaixo-assinados, influências, e pressões exercidas pelos moradores das zonas limítrofes. E aí está a ver-se quão intensas não deveriam ter sido as canseiras do Sr. António Francisco Nogueira.

É que só isso não chegava.

A Companhia Carris de Ferro do Porto, Sociedade Anónima de Responsabilidade Limitada, como empresa capitalista que era, «que há muito devera ter adoptado o ponto de vista de servir as freguesias mais importantes que rodeiam o Porto», crítica da Imprensa da época, fazia ainda exigências monetárias às populações que pretendiam beneficiar de um meio de transporte cómodo e rápido. Atente-se no discurso do Dr. Félix Farinhote, que fala «nos sacrifícios», dos que «concorreram com a quantia exigida pela Companhia».

Qual teria sido a contribuição da população?

A resposta encontra-se na acta da reunião da Comissão Municipal da Maia de 26 de janeiro de 1911: «Foi referida a inauguração do carro eléctrico em Águas Santas, propondo a Câmara oficie... à Comissão de Subscritores que contribuíram com a quantia de 4000\$00 réis... o seu reconhecimento e agradecimento».

A Junta de Freguesia, por sua vez, na reunião de 29 de janeiro decidiu por unanimidade exarar na acta votos especiais de louvor aos cidadãos Dr. Luís Avelino Lopes Guimarães, Adelino Gonçalves Correia de Sá, António Francisco Nogueira, e à comissão de festas pelos valiosos serviços prestados à freguesia, votos que deveriam ser comunicados por escrito aos respectivos cidadãos.

A encerrar, e a título de curiosidade, refira-se que a Companhia Carris, na véspera da inauguração, havia feito publicar avisos informando que «é aberta à exploração no dia 22 o troço da linha eléctrica entre a Areosa e o logar da Botica da Maia, ficando a vigorar os seguintes preços de passagem: Areosa ao logar do Brazileiro e vice-versa, 30 réis; logar do Brazileiro ao logar da Botica da Maia e vice-versa, 30 réis; Areosa à Maia e vice-versa, 50 réis. Haverá carreiras de 30 em 30 minutos».

Conclui-se que uma zona custava 30 réis. Os jornais diários custavam 20 réis. Presentemente uma zona custa 25 escudos e o jornal diário 30. Por esta comparação, não foram os transportes que aumentaram!

#### **FONTES**

*Jornais - «Jornal de Notícias», «O Primeiro de Janeiro», «O Comércio do Porto» e «O Lidor da Maia».*

#### **ARQUIVOS**

*Junta de Freguesia de Águas Santas*

## **NOSSA SENHORA DA PIEDADE NA GRANJA**

### *Uma Romaria esquecida*

Aquando da visita da reportagem do «Jornal da Maia» a Águas Santas, e durante a conversa amena que se travou, foi referido pelo executivo da Junta que na freguesia havia quatro romarias: Nossa Senhora da Natividade, em Pedrouços, Nossa Senhora de Guadalupe, no Paço, Santa Maria de Águas Santas, na Igreja Paroquial, e Nosso Senhor dos Aflitos, em Ardegães.

Alguns dias depois o Sr. Viterbo Moutinho, pessoa nascida e criada em Águas Santas e verdadeiramente interessada em tudo que à sua terra diz respeito, disse-me que se recordava de, sendo muito novo, haver uma outra romaria, muito concorrida e de características genuinamente populares, que se realizava no lugar da Granja, em honra de Nossa Senhora da Piedade.

Meia-noite bem puxada, após reunião da Junta, seguíamos a caminho de casa, rua do Calvário acima, e, conversando sobre o assunto, digamos que o Sr. Viterbo me estimulou a proceder à recolha de alguns dados junto de pessoas idosas da Granja para, com o material recolhido, ser elaborada uma pequena nota a inserir neste suplemento com oportunidade.

Decidi-me e ao longo de uma semana, acompanhado pelo meu amigo Mário Almeida, troquei impressões, inquiri e pedi esclarecimentos a diversas pessoas.

Abordei sucessivamente a Sra. Albertina Almeida, vendedeira de legumes e de tremoços; a Sra. Carolina Marques Almeida, residente há largas décadas junto do largo fronteiro à capela; a Sra. Rosalina; a Sra. Maria Rosa Moutinho dos Santos (a Miquinhas do Além), de 65 anos, que, ainda muito nova, chegou a ser «juíza» da festa, e seu marido, Sr. Domingos do Além, alguns anos mais velho, proprietário e lavrador; o Sr. Serafim Moutinho, de quase 80 anos, também proprietário e lavrador, e que foi por duas vezes «juiz», talvez em 1936 e 1937; e finalmente, o Sr. Dr. António Nunes da Ponte, actual proprietário da Quinta da Granja, onde se situa a capela de Nossa Senhora da Piedade. *[Figura 1]*

De todas estas entrevistas, digamos assim, soube que a romaria se realizava no último domingo de agosto, a última quando já se travava a 2ª Guerra Mundial, há uns 42 ou 43 anos.

A manhã era preenchida pelas cerimónias religiosas, com missa, sermão e comunhão às crianças. De tarde era a festa profana, com arraial, música, fogo de bonecos e barracas de comes e bebes. À noite, fogo-de-artifício. Era habitualmente abrilhantada por duas filarmónicas, instaladas em coretos montados um no interior da quinta, outro no largo, na confluência das actuais ruas de Manuel Francisco de Araújo e da Piedade. As mais referidas foram as de S. Pedro da Cova e de Rio Tinto, mas o Sr. Serafim Moutinho recorda-se de estarem presentes as duas do concelho: Gueifães e Moreira da Maia. Outro chamariz era a venda de melões e de melancias, expostos em carros de bois carregados desses frescos e apetitosos frutos.

A Sra. Maria Rosa Moutinho dos Santos chegou a ser «juíza» porque era de sua casa que saía a maior dádiva para a festa: 100 escudos. E quanto ao Sr. Serafim Moutinho, como «juiz», tinha o privilégio de empunhar uma vara de prata na missa e proceder à recolha das dádivas dos fiéis, e a obrigação de remunerar o pregador. Outra revelação do Sr. Serafim Moutinho: seu tio, D. António Moutinho, uma das figuras mais notáveis de Águas Santas, bispo de Cabo Verde e, mais tarde, da diocese de Portalegre, onde veio a falecer em 1915, chegou a celebrar missa na capela da Nossa Senhora da Piedade.

Aos mordomos, que também os havia, competia contratar as bandas e o fogo e, vejam bem, impedir que os festeiros levassem os varapaus para dentro da quinta aberta ao público. É que havia umas certas rivalidades, cujos ajustes se aprazavam para aquele dia, entre os da Granja e Maia e os de Baguim e Rio Tinto, pendendo a refrega a favor dos mais ágeis no manejo do pau, ou de cabeça mais dura.



Figura 1 - Quinta da Granja

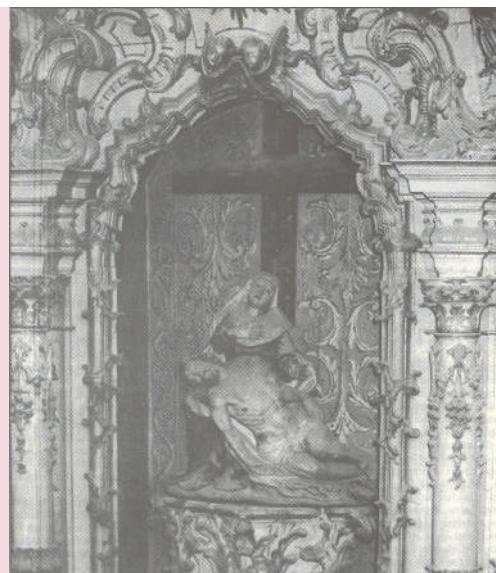


Figura 2 - Altar da Capela



Figura 3 - A Capela de Nossa Senhora da Piedade

A ornamentação constava de mastros enfeitados e oferecidos pelas raparigas dos diversos pontos do lugar, cada uma aprimorando-se na ornamentação com papel de seda colorido e rivalizando por apresentar um melhor do que o da vizinha. *[Figura 2]*

Relacionada com a festa, uma quadra recolhida:

*Adeus ó lugar da Granja  
Senhora da Piedade  
Vou e venho quando quero  
Tenho a minha liberdade.*

O Exmo. Sr. Dr. António Nunes da Ponte, actual proprietário da Quinta da Granja, explicou que a capela data do séc. XVIII, mais propriamente de 1738; que está integrada num edifício do séc. XVIII e XIX e concluído em 1880; e que, entre outras, já foi propriedade inglesa e residência de religiosas. *[Figura 3]*

Relativamente à propriedade e à capela, e pelo que tem sido dado observar aos moradores do lugar da Granja, o Sr. Dr. António Nunes da Ponte, que apenas adquiriu o imóvel, aliás bastante degradado, há escassos 7 anos, tem desenvolvido um meritório e louvável trabalho de recuperação daquela joia arquitectónica, sendo de realçar o carinho que tem posto na preservação da sua traça original. Tal esforço deveria ser compreendido e correspondido pelas autoridades oficiais competentes. Afinal, é do património da Nação que se trata, e não deve faltar apoio a quem se preocupa com a sua defesa.

Finalmente, em jeito de conclusão: as pessoas idosas, denotando nas feições e nos olhos, que mais facilmente revelam o que vai no coração, com ansiedade e a voz embargada pela comoção, perguntavam: - «Mas vão fazer outra vez a Senhora da Piedade?»

E agora, pergunto eu aos leitores, particularmente aos da Granja: - «Não haverá um grupo interessado em fazer reviver aos mais velhos os anos da sua juventude?»

# *A Empreza do Bolhão Lda.*

José Leite

A "Empreza do Bolhão, Lda." foi fundada em 16 de Maio de 1923 e teve a sua génese na extinta "ETP - Empreza Technica Publicitaria" de "Raul de Caldevilla & Cª, Lda." que tinha sido fundada, em 1912, por Raul de Caldevilla (1877-1957), na Rua 31 de Janeiro, 165, no Porto, após o seu regresso à sua cidade, depois de ter sido vice-cônsul em Cádiz e agente comercial na América Latina, Egípto e Médio Oriente. A "Empreza do Bolhão, Lda." ficou sediada nas mesmas instalações que a sua antecessora utilizava desde 1917, no Palácio do Bolhão, na Rua Formosa no Porto [Figura 1].

Esta empresa viria a ser pioneira na introdução da publicidade exterior tendo-se celebrizado quando patenteou os primeiros outdoors e quando começou a afixar os primeiros cartazes publicitários de grandes dimensões. O seu dinamismo e criatividade depressa fizeram com que se transformasse numa das mais conceituadas empresas no sector, assim como mais tarde a outra empresa do sector, "Empreza do Bolhão, Lda.", sua sucessora.

Raul de Caldevilla, actor teatral nos primórdios do século XX, como inspirado publicitário, destacar-se-ia no cinema português em 1917. Em 1919, Raul de Caldevilla prestigiou-se ao organizar o lançamento comercial do filme "A Rosa do Adro", dirigido por Georges Pallu para a Invicta Film", anunciado sob o lema «Romance Português - Filme Português - Cenas Portuguesas - Actores Portugueses».

Em 1921, com a comparticipação dos capitalistas nortenhos Eduardo Kendall, João Manuel Lopes de Oliveira e António de Oliveira, cria a "Empreza Técnica Publicitaria Film Gráfica Caldevilla" - brevemente apelidada "Caldevilla Film".

Em 26 de Junho de 1923, estreia-se no "Jardim Passos Manoel", o filme "As Pupilas do Senhor Reitor" realizado por Maurice Mariaud (1875-1958). Viria ser o último filme produzido pela "Caldevilla Film". De facto, sobrevieram litígios financeiros com os sócios capitalistas da empresa, pelo que, em 1923, Raul de Caldevilla pediu a demissão de administrador-gerente da "Caldevilla Film", e que viria a ditar o fim desta empresa.

Os sócios Eduardo Kendall, João Manuel Lopes de Oliveira e António de Oliveira, fundariam, logo de seguida, e a 16 de Maio do mesmo ano, a "Empreza do Bolhão, Lda.".

Esta nova empresa deu seguimento ao trabalho da ETP que tinha sido pioneira na introdução da publicidade exterior, tornando-se célebre quando patenteou os primeiros "outdoors" ou "tabuletas" e quando começou a afixar os primeiros cartazes publicitários de grandes dimensões. O seu dinamismo e criatividade depressa fizeram com que se transformasse numa das mais conceituadas empresas no sector [Figura 2 a 7].

No ano de 1928, a "Empreza do Bolhão, Lda." passa a ter como únicos sócios João Manuel Lopes de Oliveira e Raul Lopes de Oliveira. Decorridos os primeiros anos, a empresa evoluiu, concentrando o seu foco na publicidade de vinhos e águas, através das relações privilegiadas que mantinha com as famílias Calém, Adriano Ramos Pinto, com ênfase no universo "Vidago, Melgaço e Pedras Salgadas".

No ano de 1939, Raul Lopes de Oliveira fica à frente dos destinos desta empresa, continuando a obra iniciada por seu pai, juntamente com o seu irmão João Lopes de Oliveira. Após o prematuro falecimento do irmão, Raul Lopes de Oliveira viria a dedicar toda a sua vida a esta empresa, desenvolvendo-a e modernizando-a.

Além da colaboração dos distintos designers, ilustradores e artistas gráficos Diogo de Macedo (1889-1959), Fred Kradolfer (1903-1968), Almada Negreiros (1893-1970), Roque Gameiro (1864-1935), destacou-se como criador e designer da nova empresa o ilustrador, caricaturista, cenógrafo e publicitário o portuense António Cruz Caldas (1898-1975). Entre as muitas funções



Figura 1 - Postal



Figura 2 - Vila do Conde 1924

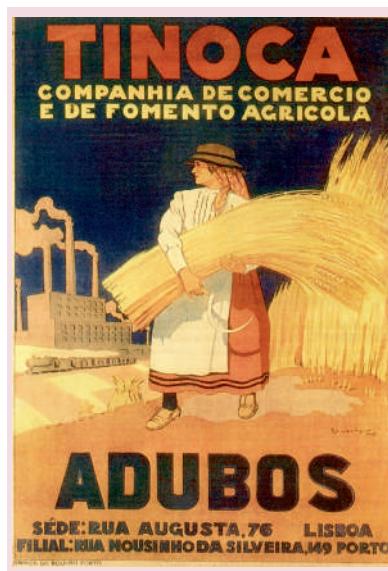


Figura 3 - Adubos Tinoca 1925



Figura 4 - Dunlop 1925



Figura 5 - Futebol Feminino 1927

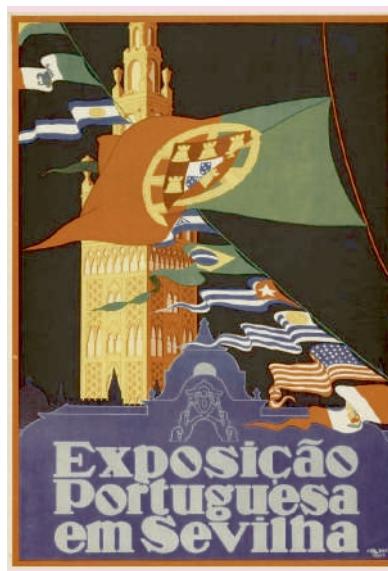


Figura 6 - Expo de Silha 1929



Figura 7 - Estoril 1930

que exerceu, destacam-se as publicações regulares na imprensa da época - "O Comércio do Porto", "O Tripeiro" - e a colaboração, a partir de 1934, com a "Empreza do Bolhão, Lda." - empresa gráfica e litográfica. O trabalho, grande interesse e pioneirismo de Raul Caldevilla na publicidade, em muito influenciou este designer.

António Cruz Caldas *[Figura 8 e 9]* ao ter frequentado a "Escola de Belas Artes do Porto", o desenho teve um peso significativo na sua obra, composta por uma considerável coleção de caricaturas. Começa, aliás, a colaborar como caricaturista nos jornais "Sporting" e "Cócórócó". O trabalho de Cruz Caldas inscreve-se no contexto do modernismo, seja por influência da formação artística (foi discípulo de Acácio Lino e Teixeira Lopes), seja na vertente profissional ou mesmo pessoal, uma vez que a pintora Aurélia de Sousa era sua madrinha. Assim se afirmou um criador multifacetado que entendia o papel que a comunicação adquiria em todos os domínios da vida, bem como a dimensão artística que lhe estava associada.

Do seu arquivo fazem parte, por exemplo, estudos para o cartaz da "Bienal Internacional de Arte de São Paulo", o cartaz da opereta "O Pardal de São Bento", ou o estudo e maquetas para logotipo e anúncios da firma "Jomar". Em 1926, participou no "Salão dos Humoristas Portugueses Salão Silva Porto", um espaço cultural por onde passaram outros artistas do modernismo, como o pintor Júlio Resende. Além da caricatura e publicidade, trabalhou, também, como ilustrador de capas de livros e começou a colaborar assiduamente com instituições da cidade, como o "Teatro Sá da Bandeira" ou "Orfeão do Porto", na elaboração de cartazes e programas, ao serviço da "Empreza do Bolhão, Lda.".

Na década de 60 do século XX, o filho de Raúl Lopes de Oliveira, Raul Manuel Alves Machado de Oliveira *[Figura 10]* torna-se Administrador da "Empreza do Bolhão, Lda.". Viria a conseguir a sobrevivência da empresa resistindo às convulsões políticas e laborais do pós 25 de Abril de 1974, que se manifestaram no plano financeiro e laboral. Depois de anos difíceis, e de um acumular de prejuízos, Raúl de Oliveira consegue uma injeção de capital por parte do "Banco Borges & Irmão", o que permitiu não só a empresa sobreviver como recuperar e voltar aos resultados positivos.

Os anos foram passando, e consegui aceder a alguns "Diário da República" que me ajudaram a conhecer os sócios e gerentes desta empresa, a partir da década de oitenta do século XX, assim:

- Em 14 de Maio de 1982, escritura de unificação de quotas e partes de quotas, «o capital social, integralmente realizado, é de 600 000\$ e dele pertence uma quota do valor de 420 000\$ ao socio Dr. Raul Manuel Alves Machado de Oliveira e uma do valor de 20 000\$ a cada um dos sócios Maria da Conceição Capelo Alves Machado da Costa Sousa Macedo, Dr. Pedro Paulo de Morais Alves Machado, Dr. Manuel Gonçalo de Morais Alves Machado, Dr.ª Maria Isabel Alves Machado Guedes, Fernando Pedro Alves Machado Guedes, Luís Manuel Alves Machado Guedes, Dr. Roberto Cristiano Alves Machado Guedes, Maria Helena Alves Machado Guedes da Cruz Almeida e engenheiro Antônio Gil Alves Machado Guedes».

- Em 2 de Novembro de 1988, escritura de aumento de capital de 600.000\$00 para 16.200.000\$00. «O capital social, inteiramente deliberado, é de 16.200.000\$, sendo de 11.340.000\$00 a quota do sócio Dr. Raul Manuel Alves Machado de Oliveira e de 540 000\$ a quota de cada um dos restantes sócios Maria da Conceição Capelo Alves Machado da Costa de Sousa Macedo, Pedro Paulo de Morais Alves Machado, Manuel Gonçalo de Morais Alves Machado, Maria Isabel Alves Machado Guedes, Fernando Pedro Alves Machado Guedes, Luís Manuel Alves Machado Guedes, Roberto Cristiano Alves Machado Guedes, Maria Helena Alves Machado Guedes da Cruz Almeida e Antônio Gil Alves Machado Guedes».

Raul Machado de Oliveira sofre um acidente em Dezembro de 1988 e acaba por falecer em 1990. Em Outubro desse ano, a "Higifarma, SGPS, S.A." torna-se na única acionista da "Empreza do Bolhão, Lda.".



Figura 8 - Cruz Caldas na Noite de Orvalhadas (Orfeão do Porto)



Figura 9 - «Ó Meu Rico S. João», de Arnaldo Leite e Campos Monteiro, com cenário de Cruz Caldas, 1938



Figura 10 - Raúl Manuel Alves Machado de Oliveira discursando e António Cruz Caldas



Figura 11 - Exposição No Museu da Maia

Ainda no "Diário da Republica" de 19 de Julho de 1991, a aquisição da "Empresa do Bolhão, Lda." pela "Higifarma, SGPS, S.A.". «O capital social, inteiramente realizado, é de 16 200 000\$00, representado por uma quota de igual montante pertencente à Higifarma, S. G. P. S., S. A.». A sede continuou na Rua Formosa, 342, no Porto. A "Higifarma, SGPS, S.A." torna-se, assim, a única acionista da "Empresa do Bolhão, Lda.", passando a ter como administradores, Dr. Caetano Beirão da Veiga, Dr. Alexandre Martins e Hélder Bexiga Tomás de Almeida que se tornará o Presidente da "Higifarma, SGPS, S.A.".

Em 17 de Fevereiro de 1994, e segundo o "Diário da República" são nomeados os gerentes para a "Sociedade do Bolhão, Lda.": «Certifico que, na sociedade em epígrafe, foram nomeados para o cargo de gerentes António Alexandre de Almeida Martins, Caetano Espírito Santo Beirão da Veiga e Hélder Bexiga Tomás de Almeida.». Pouco tempo depois a "Sociedade do Bolhão, Lda.", passa a sociedade anónima de responsabilidade, mudando a sua designação para "Sociedade do Bolhão, S.A.", aumentando o seu capital social para 90 000 000\$00.

"Empreza do Bolhão, S.A." viria a absorver a "Poligráfica" - herdeira da "Litografia Progedior" e da antiga "Litografia Progresso" - e a "R. Durão". Estavam assim reunidas numa só empresa uma série de valências que seriam mais valias para o futuro. Se a "Empreza do Bolhão, S.A." baseava a sua actividade nos catálogos, cartazes, placards, calendários, rótulos, desdobráveis, cartas, postais, selos, acções, letras, cheques, mapas e embalagens, a "Poligráfica" estaria mais vocacionada para o PPV, artes gráficas e displays. Pouco tempo depois viria a surgir a "Packigráfica, S.A.", que era o resultado directo da aquisição de uma instituição centenária por um dinâmico e seguro grupo. «É a vibrante evolução de produto de duas companhias de sucesso: Empreza do Bolhão e Grupo Higifarma», podia-se ler numa brochura do Grupo.

Com a criação deste grande grupo económico "Higifarma, SGPS, S.A." o objetivo da formação de um grande cartel empresarial na cartonagem e embalagens era uma realidade. Empresas como a "Lifresca S.A.", a "Etiforma Lda", a "José Henriques Lda", a "Eurembal Lda", a "Laboplaste Lda", as "Packigráfica/Empreza do Bolhão S.A.", a "Litográfica do Sul S.A.", a "Litografia Nacional S.A.", a "Unipromo, Noripex, Blister SA", a "Nova Proembal" e a "Eurodisplay" englobavam assim a "Higifarma, SGPS, S.A.".

Outra das questões que se levantou entre 1994 e 1995, já na gestão de Caetano Espírito Santo Beirão da Veiga, foi a transferência das instalações da "Empreza do Bolhão, S.A." para a Maia. Este facto relevante na vida da empresa foi confirmado numa carta assinada por Caetano Beirão da Veiga, onde transmitia que «como estava previsto aquando da aquisição da empresa, e é do conhecimento de todos, o funcionamento da Empreza do Bolhão Lda nas suas actuais instalações seria por tempo determinado, o qual estará prestes a terminar. A mudança de instalações ter-se-á de efectuar até ao mês de junho do corrente ano. Além daquele motivo, é manifesto que a Empreza não poderia continuar nas actuais instalações por mais tempo. Desde logo, o seu desenvolvimento e, consequentemente, a sua viabilização estava a ser posta em causa.

*Com estas instalações industriais, em pleno centro da cidade do Porto, o acesso para aprovisionamento de matérias-primas e carregamento de obra acabada, torna-se dia-a-dia mais problemático. A situação tornou-se mesmo inviável com a alteração recente das condições de trânsito na rua de acesso, ao ser suprimido o estacionamento em frente à Empresa, tornando a rua na sua totalidade de faixa de rodagem.*

*Por outro lado, a impossibilidade de expansão das instalações tornou impossível qualquer tentativa de renovação do parque de máquinas, sendo que as aquisições ultimamente efectuadas não estão a laborar nas melhores condições de rendimento. Acresce a isto e de acrescida importância, que é quase impossível, - pela impossibilidade de efectuar obras -, dar cumprimento a determinações.*

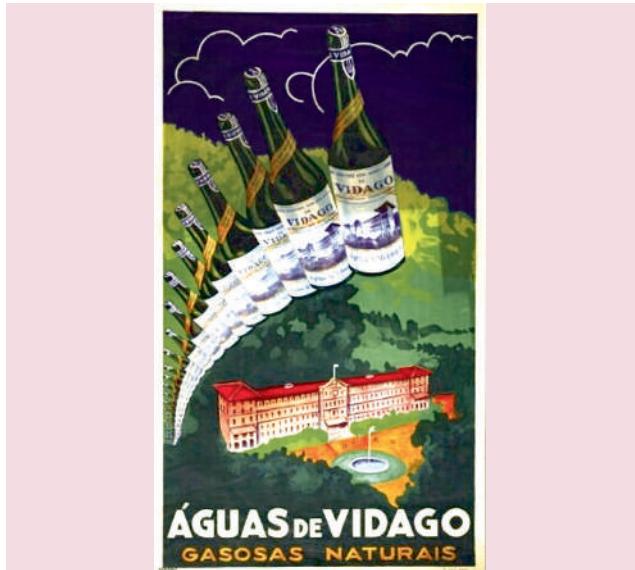


Figura 12 - Águas de Vidago 1950

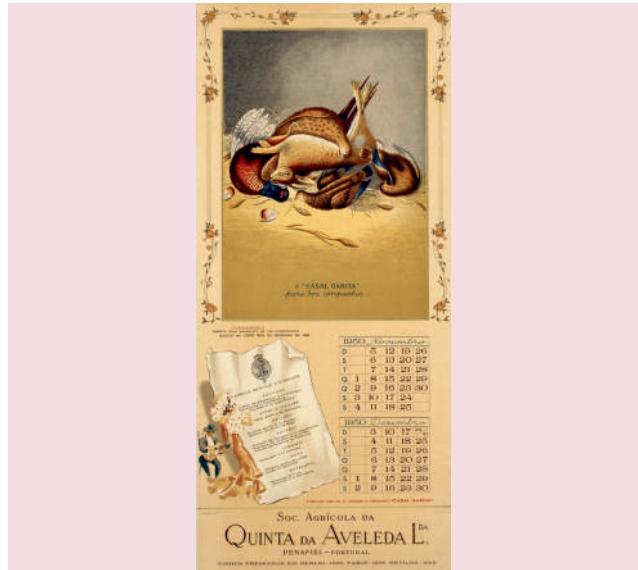


Figura 13 - Quinta da Aveleda 1950

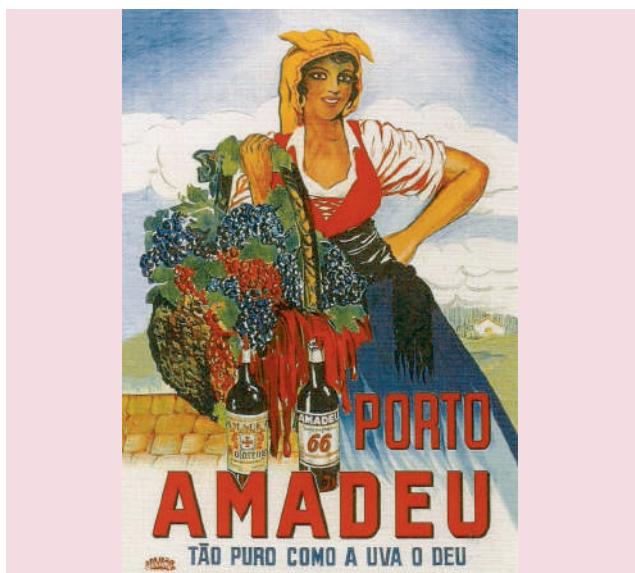


Figura 14 - Porto Amadeu



Figura 15 - Vinhos Aragão

*Assim, procurou a gerência da Empreza proceder à transferência da mesma para umas instalações que permitissem satisfazer todas aquelas condições o que, e após uma primeira tentativa e que se gorou, - aliás por questões de saúde pois fazia sentir-se, de forma não aconselhável, os efeitos de uma indústria de tratamento de lixos -, acabou por se encontrar solução e localiza-se no concelho da Maia, mais concretamente, no lugar do Rio – (E.N. 107) Nogueira da Maia, junto à instalações da Finexport e Giannone»*

Pelo que, em janeiro de 1995, é efectivada a transferência das instalações para a Rua Dr. Joaquim Nogueira dos Santos, 135 no lugar do Rio em Nogueira - Maia, distrito do Porto. Em 1998, a grande "Litografia Nacional", que tinha sido fundada em 1894, na cidade do Porto, por João Ignacio da Cunha e Souza (1821-1905), entra para a "Packigrafica, S.A.".

Ainda, e segundo publicação em "Diário da República" de 2 de Maio de 2005, e segundo deliberação de 31 de Março de 2004, nomeação de administradores da "Empresa do Bolhão, S.A." para o triénio: «*Certifico que foi depositada acta onde consta a designação dos membros dos órgãos sociais para o triénio de 2004-2006. Conselho de administração: presidente, Hélder Bexiga Tomás de Almeida, casado, residente (...), Cascais; vogais: Caetano Espírito Santo Beirão da Veiga, casado, residente (...), Vila Franca de Xira; António Alexandre de Almeida Martins, divorciado, residente (...), Barreiro; Fernando Manuel de Oliveira Ribeiro, casado, residente (...) Porto; Joaquim de Sousa Nunes, casado, residente (...) Matosinhos; Fabrice Max Rozemblum Tomás de Almeida, casado, residente (...) Cascais; Bruno Afonso Fernandes de Arriscada Molarinho do Carmo, casado, residente (...), Sintra.»*

Com a queda do "Banco Espírito Santo" em 2014, o "Grupo Higifarma SGPS" começou a sentir dificuldades de financiamento e o que parecia uma sólida concentração empresarial, acaba por entrar em processo de insolvência, arrastando consigo todas as empresas do Grupo - *Packigráfica, EuroDisplay, Litográfica do Sul, Lifresca, Etiforma, Laboplaste e Eurembal*.

Na altura do seu encerramento definitivo a actividade (CAE) da "Empresa do Bolhão, S.A." era: «*Indústria gráfica, organizar e dirigir propaganda no País e no Estrangeiro, vender todos os materiais destinados à publicidade, explorar concessões, impressionar e vender filmes.»*. Depois dos seus bens imóveis terem ido a leilão em 25 de Fevereiro de 2021, a insolvência da "Packigráfica" viria a ser declarada em Maio de 2023.

Contudo, e felizmente, «*o espólio da Empreza do Bolhão foi adquirido pelo município da Maia, na sequência da liquidação da "Packigráfica", com intuito de manter a integridade do valioso património gráfico e de o manter disponível na esfera pública. Quando a Empreza do Bolhão fechou, "esse espólio foi vendido em hasta pública e a Câmara Municipal da Maia conseguiu adquiri-lo". Rui Menezes revela que o objetivo sempre foi o de "preservar e depois o pôr à disposição da comunidade para ela poder ser estudada e para lhe darem valor".»*

Entre 1 de Abril de 2022 e 31 de Março de 2023 esteve patente no "Museu de História e Etnologia da Terra da Maia", a exposição "A Empreza do Bolhão - 100 anos de História(s)" [Figura 11], «que reúne grande parte do espólio documental das empresas de Caldevilla e da Empreza do Bolhão e que ilustra, de forma significativa, a evolução da indústria litográfica do séc. XX em Portugal.

#### **BIBLIOGRAFIA**

Mestrado em Design - "O cartaz publicitário na obra gráfica de António Cruz Caldas" de Tina Joanna de Castro Moreiras - Escola Superior de Media Artes e Design Politécnico do Porto - Dezembro de 2019.

#### **AGRADECIMENTOS**

À colaboração inestimável do Dr. Rui Teles de Menezes - Técnico Superior de História no Gabinete de História do Departamento de Educação, Ciência e Cultura da Câmara Municipal da Maia.

# *A Festa de N<sup>a</sup> Sra do Bom Despacho e Samuel Gramaxo*

Evolução e transformações  
entre os anos 30 a 50 do séc.XX

Rui Teles de Menezes

*Licenciado em História, Técnico Superior de História da Câmara Municipal da Maia*

Ao longo dos tempos, até pela sua importância, alguns autores já se aventuraram a abordar o tema. Por vezes trouxeram a público elementos inéditos, mas também, amiúde, algumas repetições. Um dos mais profícuos e que lhe dedicou várias páginas, terá sido, talvez, Álvaro do Céu Oliveira. Cientes da responsabilidade de falar de uma devoção que tanto diz às gentes da Maia, tentaremos trazer alguma luz sobre a questão das Festas, baseados na documentação que fomos encontrando. Assentes num propósito onde a razão só é válida apenas se partirmos do princípio de que o seu conteúdo é útil para o conhecimento da História e do Passado da Maia (MARQUES, p.5).

Um inesperado contributo e enorme subsídio sobre o que envolve o universo «Bom Despacho» esteve fechado num armário bem perto de nós. Na Quinta da Boavista, vulgarmente conhecida pela “do Gramaxo”, repousava um importante fundo documental sobre a temática, uma «espécie» de capsula do tempo, sob a forma de legado de Samuel Gramaxo. Através dessa documentação esquecida durante décadas, será possível perceber melhor o funcionamento, organização e contribuições para a romaria/festa, principalmente no período das décadas de 30 a 50 do séc. XX.

Aproveito para um agradecimento especial à Fundação Gramaxo, nas pessoas do Eng. Jorge Gramaxo e Maria de Fátima Gramaxo, pela abertura e acesso à documentação presente na Quinta da Boavista.

### ***A FAMÍLIA GRAMAXO E A LIGAÇÃO UMBILICAL À FESTA***

A ligação do culto de N<sup>a</sup> Sr<sup>a</sup> do Bom Despacho e a família Gramaxo vem desde, pelo menos, o séc. XVIII. Até pela proximidade da Quinta da Boavista e a Igreja, permananeceram sempre interligados, encontrando-se alguns membros da família sepultados dentro da Igreja, quer pelas funções eclesiásticas desempenhadas, quer pelo estatuto e bons ofícios da família.

Já no início do séc. XX, com todas as transformações motivadas pela mudança de regime, a 12 de julho de 1911, o Padre Arnaldo Thomé dos Santos Rebelo, em nome da comissão encarregada dos festejos a Nossa Senhora do Bom Despacho realizados a 8 e 9 de julho<sup>1</sup>, dirige-se ao Administrador do concelho Dr. Félix Farinhote, para «mostrar o meu profundo reconhecimento pelos serviços prestados na manutenção da ordem pública, providenciando para que tudo corresse na melhor ordem, sem a mais leve ocorrência desagradável». Saliente-se que estes primeiros anos não foram nada benévolos ao culto religioso. Ainda em 1911, a viúva do Visconde de Barreiros ofereceu à imagem de Nossa Senhora (a que nos habituamos a ver no andor), o vestido e o manto que ela própria bordara a ouro (MAIA, p.129).

Por esta altura, a Quinta da Boavista abria os seus portões aos romeiros, conforme a tradição e vontade da família Gramaxo. Aí instalavam-se barracas de comes e bebes debaixo dos carvalhos e sobreiros que abrigavam os visitantes do calor característico da época. O pátio e eira da Quinta utilizavam-se «para as danças dos grupos que por lá apareciam, sendo que alguns se apresentavam fantasiados como se um Carnaval se tratasse<sup>2</sup>».

A família Gramaxo esteve sempre ligada às festividades. Ao longo de sucessivas gerações, exerceram cargos administrativos e funções religiosas que influenciaram decisivamente o rumo e orientação do evento. Samuel Gramaxo<sup>3</sup> foi um bom exemplo desse espírito *[Figura 1]*. Além de

1 Rui Teles de Menezes, Revista da Maia, nova série Ano II, nº1, 2017, p.32

2 Joaquim Pato, Jornal da Maia, Suplemento Especial, julho 1983, p.11

3 Samuel Pinto de Azevedo Gramaxo nasceu a 5 de novembro de 1899 em Brandinhães, Barreiros., Dedicou bastante atenção à exploração agrícola das suas propriedades. Homem de negócios e reconhecido capitalista, desenvolveu actividade na área dos seguros e de movimentos bancários. Foi proprietário de títulos na imprensa maiata. Um dos fundadores da Assembleia Recreativa de Barreiros, e juntamente com Artur Cupertino de Miranda, criou a sociedade Eléctrica da Maia em 1927. Designado presidente da Comissão de Festas entre 1934 e 1946, também foi um dos primeiros irmãos efetivos da Santa Casa de Misericórdia da Maia. Faleceu a 27 de dezembro de 1958. In [https://www.maiahoje.pt/wp-content/uploads/2024/02/MAIA\\_578.pdf](https://www.maiahoje.pt/wp-content/uploads/2024/02/MAIA_578.pdf)

ser um dos maiores contribuintes para a romaria, cumpriu uma tradição familiar, permitindo que o espírito popular se mantivesse associado ao religioso (ALVES, p.47). A abertura das portas da Quinta e demais ajudas são disso uma boa prova.

Segundo o jornal *Voz da Maia*, de 19 de julho de 1930, «*as festas decorreram com bastante animação. Muita afluência de forasteiros e três dias em cheio para o nosso amigo Samuel Gramaxo, que certamente não chora os 30\$00 com que contribuiu para as festas*». Ao longo dos anos as contribuições vão aumentar e o envolvimento vai ser cada vez maior.

Melhores condições oferecidas aos romeiros também significavam mais visitantes. O custo dos bilhetes, em dias de festa, por vezes era menos oneroso, traduzindo um aumento de pessoas em direcção à romaria. O próprio Samuel Gramaxo chegou a contactar a Companhia dos Caminhos de Ferro do Norte de Portugal<sup>4</sup> para um patrocínio, ou pelo menos, uma parceria, que fizesse baixar o valor dos bilhetes para os romeiros. Nas Festas no ano de 1932, estes eram os preços praticados para quem escolhia o destino - Barreiros:

Porto - Boavista .....	2\$65	Leixões .....	3\$20
Senhora da hora .....	1\$65	Custóias .....	2\$20
Araújo .....	1\$65	Crestins .....	3\$20
Mandim.....	0\$65	Pedras Rubras .....	3\$55
Castelo da Maia .....	1\$65	Vilar do Pinheiro.....	4\$55
S. Cristovão do Muro.....	2\$45	Mindelo .....	5\$85
Bougado.....	3\$75	Azurara .....	6\$60
Trofa .....	4\$55	Vila do Conde .....	7\$15
Santo Tirso.....	6\$95	Póvoa do Varzim.....	8\$15

Uma nova dinâmica é perceptível no ano de 1934, coincidindo com a entrada de uma nova comissão de Festas, composta pelo presidente Samuel Gramaxo, secundado por José da Silva Braga, Manoel Afonso de Almeida Oliveira e António Luiz da Rocha Ribeiro. Sobre eles recaía a responsabilidade da organização do maior evento realizado anualmente no concelho.

Um dos momentos mais apreciados e tradicionais relacionava-se com a vinda de ranchos característicos, organizados pelos povos de Ramalde, Foz e até Matosinhos, uma prática de décadas. Essas apresentações não eram enquadradas, ordenadas nem premiadas. No ano anterior teriam existido reclamações devido à inexistência de prémios pelas actuações. Face a essa insatisfação, os responsáveis pela Festa tiveram de «*abrir os cordões à bolsa*». Samuel Gramaxo anuiu a essa pretensão, pois «*que há mais de sessenta anos já a Comissão de Festas de então, festejava com girandolas de foguetes e repiques de sinos o primeiro rancho que se apresentasse na Romaria, resultando os ranchos virem o mais cedo possível. Que caindo em desuso, já há muitos anos, os foguetes, era de necessidade e de inteira justiça estabelecer um novo estímulo, criando prémios aos melhores ranchos que se apresentassem na Romaria*».

Já nessa altura, a comissão de festas da romaria da Senhora do Bom Despacho afirmava ser a precursora de todas as paradas de ranchos e colectividades no norte de Portugal. Assim, realizou-se o 1º concurso de ranchos tradicionais. O desfile teve lugar no dia 8 de julho [Figura 2], pelas 12:00. Só que a essa hora, não compareceu o Dr. Tavares da Silveira, membro do júri. Após breves instantes, por unanimidade, ficou a presidir Samuel Gramaxo. Feita a chamada, o primeiro grupo inscrito não compareceu em virtude dos seus elementos andarem dispersos, sucedendo o mesmo com os dois grupos seguintes. Como muitos dos componentes ainda almoçavam, iria-se proceder à chamada conforme as presenças e não por ordem pré estabelecida. Assim, actuaram os Bigodinhos de Aldoar (2º lugar), Unidinhos da Preciosa, Regional Conquistador, Unidinhos

4 No ano de 1936, voltou a estabelecer contacto sobre o serviço de comboios extraordinários durante os 3 dias da festa, assim como gratuidade e descontos para os componentes dos ranchos.

Afonso Cordeiro, Bons Amigos do Ouro (3º lugar), Regional da Vilarinha (vencedores) e Infernal dos Côcos. A classificação não mereceu reparos, com exceção do terceiro lugar. O prémio das bandas infernais foi para os Côcos de Matosinhos. No final, Teixeira de Araújo congratulou-se pela forma como decorreu o concurso, deixando um lamento por não haver prémios para todos os grupos, entre as taças e os cinzeiros artísticos disponíveis. Para documentar esse momento, encontramos notícias no Comércio do Porto de 12 e 14 julho e no Primeiro de Janeiro também de dia 12.

Como forma de atenuar as despesas associadas à vinda dos ranchos, recolheram-se donativos entre os 5\$00 e os 50\$00 por contribuinte. Segue-se a lista dos paroquianos que «abriram a carteira»: Carlos Chambers, Martinho Pereira da Rocha, Manoel Leite, Abílio Ferreira de Carvalho, Estevão Soares Júnior, Carriço da Silva – Tintureiro, Domingos Nogueira da Costa, Domingos Pereira Azevedo, Albino da Costa Mendes Avelino dos Santos Leite, Manoel Azevedo – Ferrador, Manoel Machado Lobo, Arnaldo da Silva Thomé, Quintino Bento da Silva, António Martins dos Santos, Júlio de Almeida Ribeiro, Salvador da Silva Faria, Joaquim Tavares da Silveira, António Augusto Moreira, Capitão Figueiredo, Arnaldo Soares, José Joaquim Soares, Vasco Ortigão Sampaio.

Arrecadou-se um total de 365\$00, ao que se juntaram mais 68\$50 dos membros da comissão. Foi gasta a quantia de 433\$50 nas seguintes parcelas: quatro prémios para os ranchos 361\$50, despesa com cobrança 3\$50, impressos 28\$50, a tribuna (parte a cargo da Comissão, e outra, a cargo de Samuel Gramaxo 20\$00) e a gratificação do noticiário 20\$00. O balanço das receitas, 365\$00, e despesas (prémios, cobranças, impressos, tribuna, gratificação noticiário), 433\$50, acabou por resultar num saldo negativo de 68\$50, dividido entre José da Silva Braga 11\$50, António da Rocha Ribeiro 11\$50 e Samuel Gramaxo 45\$50.

No ano de 1935 *[Figura 3]*, uma das tradições manteve-se, embora com um pequeno percalço. Esta consistia na deslocação dos ranchos ao adro para interpretarem canções a Nª Srª do Bom Despacho e em seguida, um pequeno grupo dos mesmos ranchos entrava na igreja, oferecendo flores e outras dádivas a Nª Srª. Tudo correu normalmente, até que um indivíduo em atitude insólita e em poucos modos, vem de braços no ar, pôr toda a gente fora da igreja. Desta situação, foi indagado o Pe. Ernesto, abade da freguesia de Barreiros.

Outra polémica deu-se pela contratação da Banda de S. João da Madeira, pois «*certos elementos com fins suspeitos, e talvez aliciados por alguém...propalam boatos contra essa banda. Temos desmentido essas atoardas, e de resto esperamos que a apresentação dessa banda se torne pura negação de tais ditos e ditinhos*

. A proposta para vinda desta banda partiu de David Soares de Almeida, grande amigo de Samuel Gramaxo.

A 25 de maio, o Padre Arnaldo Tomé dos Santos Rebelo, à frente do Colégio de Ermesinde desde 1919, devolvia os 25 bilhetes que lhe teriam sido entregues como contribuição a Festa, motivado apenas por uma questão e princípios: -«*Na minha qualidade de sacerdote católico entendo que não devo colaborar moral ou monetariamente para uma obra contrária às superiores determinações da Igreja. Esta esforça-se por cristianizar as romarias que, no nosso país, mercê de transigências e interpretações várias, se vêm paganizando. São mais festas pagãos do que cristãos*». Para o Pe. Arnaldo, o carácter religioso devia sobrepôr-se ao profano. E mais afirmou, que num concurso de ranchos com os seus trajes, danças e cânticos regionais, envolver a figura da mais pura das Virgens e Mãe de Deus e que tanto veneravam, não fazia sentido essa mistura. Samuel Gramaxo, em nome da Comissão, responde a 29 de maio, em longa missiva, contrapondo, «*parece-nos não ser no séc. XX que a Igreja Católica queira cristianizar as romarias, como V.Exª. diz, tirando-lhe talvez a nota de alegria, para as tornar; quem sabe, em bandos de penitentes amortalhados. As romarias de Portugal (...) conservam ao presente, uma nota de mais ordem, respeito e devoção, pois não vem longe os tempos de mais rigor religioso, onde as*



Figura 1 - Samuel Pinto de Azevedo Gramaxo

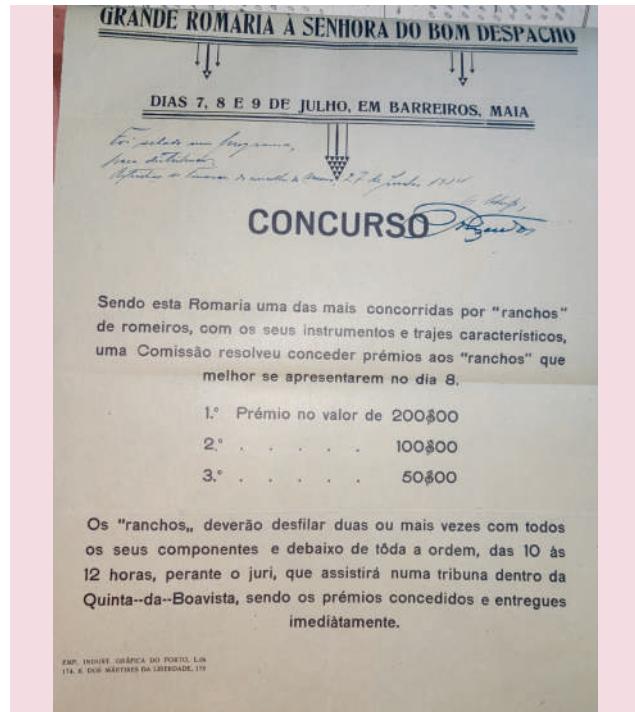


Figura 2 - Cartaz das Festas 1934



Figura 3 - Cartaz das Festas 1935

*romarias eram autênticos campos de batalha, com mortos, feridos e tiroteio. Sobre o ponto de vista, abusos sensuais, está isso ainda pouco desenvolvido nas nossas aldeias, muito menos sem comparação alguma, que noutrós países mais católicos, onde a prostituição se pratica com desaforo inaudito e às escâncaras de todas as entidades...».*

No ar também pairava uma acusação de plágio vindo de terra fronteiriça, deduz-se que fosse algo relacionado com o Senhor de Matosinhos, pois informação previligiada foi parar por engano a José Manuel dos Santos Leça, Director do Comércio de Matosinhos, e não a Armando Leça como era desejo da Comissão de Festas, «*foram infelizes os organizadores com o plagiato... É que o Bom Despacho, por muito que queiram, não pode ser plagiado; este tem o seu aspecto típico e tradicional, que nenhuma outra romaria de Portugal*», como disse Samuel Gramaxo.

Foram efectuados diversos convites a grupos que por variados motivos não aceitaram o convite, como o Rancho Regional Conquistador, de Matosinhos; ao Rancho Tricaninhos da Mocidade, de Aveiro; ao Instituto Musical Portuense de Instrução e Recreio, do Porto; Rancho do Monte das Rendilheiras, de Vila do Conde e Rancho Regional de Moreira da Maia, recém formado mas que ainda não reunia condições para se exibir em público, conforme carta de Maria José de Lemos Magalhães, da Quinta do Mosteiro. O convite à filha de Luís de Magalhães, presidente do rancho, resultou de uma indicação do Administrador do concelho, o tenente Carlos Moreira e do Pe. Manuel da Silva, de Moreira.

Como forma de arrecadar uma boa maquia para as Festas, a organização efectuou um sorteio *[Figura 4]* «*dum lindo estojo para toilette composto de 10 peças em prata, pela Lotaria da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa de 29 de junho de 1935*», tendo a sorte calhado a Manuel Neves, chefe da Banda de S. João da Madeira, a contratada para animar as Festas. Já a factura de José Dias d’Oliveira, mestre carpinteiro da Avenida da Igreja de Barreiros foi de 279\$00 por trabalhos realizados na seara. E como a crise tocava a todos, os Caminhos de Ferro do Norte não concederam qualquer donativo, visto a difícil situação herdada pelas anteriores administrações, assim como pela «*desleal concorrência das 100 e tal carreiras de camionetas que por todas as formas lhe desviam o seu tráfego natural*».

A 16 de julho de 1935, encontramos uma grande notícia *[Figura 5]*, no Comércio do Porto a relatar o concurso de ranchos, desde a entrada dos mesmos, o desfile, fotografias de intervenientes, o veredicto do júri e a difícil e perigosa atribuição dos prémios. Este momento era esperado com grande expectativa, mercê do entusiasmo gerado na assistência.

Como a descrição foi extensa, transcrevemos aqui um pequeno excerto, onde se descreve o ambiente que envolvia o concurso: «*Barracas de lona e de pau a pique, ao modo fácil do acampamentos. Loiças, quinquilharias, bugigangas e toda a espécie colorindo o recinto vasto, alastrando pelo chão de terra seca e poeirenta. Enfim, arraial, arraial pleno. Música de quando em quando. E foguetes. E o sussurro constante, insistente, isócrono, que se desprende de todas as romarias, que sublinha sempre, os grandes ajuntamentos populares. (...) Pessoas de todas as categorias sociais no recinto da festa. Senhoras formosas, ataviadas com as coisas próprias do estio. Vestidos claros, lindos, frescosfrescos como frutos sumarentos. Chapéus vistosos, com fitas, flores, adornos de qualidade. Vestidos modestos, também, neste ou naquele sector das bancadas. Chitas, riscados, cabelos descobertos na pureza primitiva dos puxos*

Os prémios *[Figura 6]*, eram considerados verdadeiras jóias de arte, responsabilidade do ourives e comendador Filipe Bandeira, o homem que fabricou o relicário oferecido por todas as Câmaras Municipais a Oliveira Salazar. Além de taças, contavam-se medalhas «tipo comenda» e laços para bandeiras, expostos numa vitrine duma rua central do Porto, assim como uma valiosa medalha de ouro, oferecida pelo Instituto Musical Portuense. Uma das taças foi oferecida pela Câmara Municipal da Maia, como contribuição para as «*consideradas de há muito as festas do concelho da Maia*».



Figura 4 - Bilhete do sorteio 1935



Figura 5 - Parte da notícia do Comércio do Porto 1935



Figura 6 - As taças para os participantes 1935



Figura 7 - Armando Leça

Para evitar mal entendidos, a Comissão tornou público que os ranchos tradicionais deveriam apresentar-se no verdadeiro «tipo de rancho do Bom Despacho», e que as danças de revista e outros futurismos, de que alguns ranchos erradamente faziam uso, e que nada tinham de regional nem típico do Bom Despacho, não entravam em classificação, podendo apresentar-se somente para exibição, com autorização do júri. A tabela de pontos aprovada a 10 de abril, consistia, para os ranchos típicos: aspecto geral -15 pontos; trajes de fantasia – 15 pontos; boa ordem e disciplina – 15 pontos; número de componentes – 10 pontos; música, cantigas e danças – 15 pontos; cânticos a N<sup>a</sup> Sr<sup>a</sup> do Bom Despacho – 20 pontos; bandeira e figuras decorativas – 10 pontos. Já para a classificação das bandas infernais: aspecto geral – 10 pontos; trajes de fantasia – 10 pontos; boa ordem e disciplina – 10 pontos; música e instrumentos – 15 pontos; cânticos a N<sup>a</sup> Sr<sup>a</sup> do Bom Despacho – 15 pontos; número de componentes – 10 pontos.

Entre os tradicionais constavam o Malhão da Foz (que já levava 46 anos de participação), Bigodinhos de Aldoar, Unidinhos da Preciosa, Regional da Vilarinha, Regional dos Bons Amigos do Lordelo, Unidos Afonso Cordeiro, Regional Conquistador e Flor e Mocidade Conserveiros, este último só entrava por ser formado por componentes de outros grupos que usualmente participavam na romaria e ter adoptado por padroeira, N<sup>a</sup> Sra. do Bom Despacho. Também participaram o Grupo dos Tesos, de Santa Cruz do Bispo; Banda Infernal de Miragaia; Alegrinhos de Pedrouços; Modestos de Silva Escura e Banda Exótica dos Côcos de Matosinhos. Todos receberam taças e medalhas.

A organização esperava uma enchente, ultrapassando a do ano anterior. Até no telhado da Igreja e cúpula da torre havia gente a ver o concurso. Para ultrapassar essa situação, montaram-se bancadas especiais para maior comodidade da numerosa audiência.

O júri para atribuição dos prémios foi constituído pelo professor de música no Liceu Rodrigues de Freitas, Armando Leça<sup>5</sup> [Figura 7]; o industrial de ourivesaria e cinzelador, Filipe Bandeira<sup>6</sup>; João Agostinho Gramaxo Rebelo; Ivo de Araújo; o jornalista Hugo Rocha<sup>7</sup> e o anfitrião Samuel Gramaxo. Mais tarde, no Comércio do Porto de 14 de agosto, Armando Leça, em entrevista quando abordado sobre a questão da música popular e os ranchos, até dá o exemplo do ocorrido na Maia: - «*Veja que, no concurso do arraial da Senhora do Bom Despacho, dois ranchos apareceram com trajes novos e a simplicidade do de Pedrouços, ganhando a taça da Câmara Municipal da Maia, foi uma lição de quanto o teatralismo é negativo em folclore.*».

Mas, eis que a confusão se instala, num momento extra do programa. O Grupo de Lordelo do Ouro exigiu o lugar cimeiro enquanto se registavam elevados protestos vindos do público e de componentes do rancho. Estes comportamentos censuráveis originaram a sua desclassificação. Passada a altercação e já num registo mais calmo, aconteceram os discursos de quatro ilustres, assentes em palavras de louvor e apoio aos organizadores dos grupos, onde se enalteceu o cultivo do regionalismo.

Este cenário terá sido testemunhado por Manuel Gens, que no livro Antologia Usos e Costumes do Douro Litoral aborda esta questão (GENS, p.24): - «*Lembra-me, com certa nostalgia, de ver*

<sup>5</sup> É o pseudónimo de Armando Lopes, nascido na Leça da Palmeira em 9 de agosto de 1891 e falecido em Vila Nova de Gaia a 21 de janeiro de 1977. Foi um compositor, folclorista e etnomusicólogo português. O seu espólio musical está depositado na Biblioteca Nacional de Portugal, na Câmara Municipal de Matosinhos (espólio fotográfico), e no arquivo sonoro da RDP (gravações realizadas entre 1939 e 1940). A 15 de setembro 1951 nasceu um grupo folclórico de 50 integrantes com o seu nome, considerado um dos mais completos pois integrava trajes típicos de todas as regiões de Portugal. Em 2024, o grupo ainda existe.

<sup>6</sup> Filipe José Bandeira nasceu no Bonfim a 13 abril de 1895 e faleceu em 1970. Reconhecido industrial de ourivesaria portuense, foi Comendador de Ordem de Mérito Industrial, condecoração atribuída em 1930. Dedicou-se à produção de peças com cariz histórico e arquitectónico, muito procuradas pela élite portuguesa e brasileira. Trabalhou como cinzelador na oficina de Guilherme Soares e de tantas obras emblemáticas. A mais conhecida é o Relicário de D. João I, oferecida a António de Oliveira Salazar.

<sup>7</sup> Hugo Rocha nasceu no Porto em 1907 e faleceu a 24 de fevereiro de 1993. Foi um jornalista e prolífico escritor, autor de monografias de temática variada, desde o romance, às viagens e ao espiritismo. Foi jornalista do jornal O Comércio do Porto, de que foi diretor e ao qual esteve ligado até se reformar aos 74 anos.

*chegar os elementos do rancho do Malhão que dos lados da Foz vinham a pé, depois de calcorrearem um bom par de horas. Grupo essencialmente de pescadores, homens e mulheres do mar. À frente a figura típica e carismática do Malhão, homem robusto com rosto rude e tisnado pelas aragens do Atlântico na faina piscatória, que durante cinquenta e cinco anos consecutivos vinha render vassalagem à Virgem do Bom Despacho».*

E a descrição continua pormenorizadamente, confirmando o que atrás foi afirmado:- «*Dançavam e cantavam ao som do bombo, dos ferrinhos, das pandeiretas, da viola braguesa, do reque-reque e do truca-truca. Depois de cumprirem o seu preceito religioso, de satisfaçarem as suas promessas e de pagarem os seus votos a Nossa Senhora, medianeira do Pai do Céu, sua advogada nas horas incertas no alto mar, depois de ouvirem a missa solene e o sermão, tomavam parte na majestosa procissão que nesse tempo tinha lugar no fim da missa.*

*Disputavam a ocupação das pernas do andor de Nossa Senhora do Bom Despacho, cujo despike às vezes até dava em pancadaria. Lembro-me de ver as mulheres dos pescadores com uma grande infusa de barro, muito afadigadas, a dar água a seus familiares que devotamente transportavam os andores. (...) Finda a procissão, os romeiros formavam grupos em redor de uma toalha de linho estendida na erva da Quinta do Gramaxo, onde não faltavam as tradicionais cabaças e garrafas de vinho, os recheados farnéis, que iam desde os bolinhos de bacalhau às sardinhas fritas ou fanecas e das azeitonas ao presunto fumado e à galinha cozida.*

*Terminada a refeição, as rusgas e as tocatas dirigiam-se para a eira da casa agrícola, onde formavam grupos de cantares ao desafio até ao sol-posto; depois organizavam a típica Ramaldeira até às suas terras. (...) Era costume, nos meus tempos de menino e moço, ir às Festas (...) descalço, calças arregaçadas, comprar dois tostões de figos e um pirolito; e, quando ouvia repicar os sinos para a saída da procissão, corria logo à procura das canas dos foguetes, que haviam se servir para a minha avó estacar os feijões».*

Relativamente às contribuições para um sorteio sob a forma de bilhetes, foram várias as figuras conhecidas da Maia que adquiriram os mesmos «passados» por Samuel Gramaxo, como Amadeu Tomé Rebelo, Carlos Pires Felgueiras, Felix Vigne, José Moreira da Silva, Manoel Gonçalves Lage, David Soares de Almeida<sup>8</sup>, João Anacleto Gramaxo Rebelo, Fernando e António Aroso, James Lickefold, Oscar Chambers, Feliciano Gomes Ruiz, Afonso Sobral Mendes, Amálio Maia, Pe. Luiz da Silva Campos, Pe. Arnaldo Rebelo, etc. Outros declinaram a «oferta»: António Luiz da Rocha Ribeiro, António dos Santos, Augusto Nogueira da Silva, Pe. António Duarte da Silva, Pe. Arnaldo Duarte, e alguns nem pagaram... No total, foram vendidos 2247 bilhetes para o sorteio, cada um a custar 1\$00. Joaquim Ferreira da Costa ficou com 101 bilhetes, tendo recebido uma carta de agradecimento pela «*franca e desinteressada atitude, combatendo as intrigas de meia dúzia de racionais daninhos que ainda vegetam no nosso burgo*». Toda a comunidade recebeu cartas a pedirem a passagem de bilhetes, entre ranchos, particulares e empresas como a Eléctrica da Maia, os Caminhos de Ferro do Norte ou até os Bombeiros Voluntários de Moreira. Já a Câmara Municipal da Maia atribuiu um subsídio de 200\$00 para a organização das Festas.

Analizando o capítulo das despesas, estas atingiram o valor de 5050\$55 e foram distribuídas da seguinte maneira:

Vários impressos.....	53\$50
Bilhetes para o sorteio .....	55\$00
13 livrinhos História da Procissão de N <sup>o</sup> S <sup>a</sup> , para oferta aos ranchos.....	19\$50
Envelopes, papel e outros .....	24\$00

<sup>8</sup> Morador na Vila Gracinda, em Catassol. Foi o sócio nº1 e um dos fundadores da Assembleia Recreativa de Barreiros, onde juntamente com Samuel Gramaxo (ambos monárquicos), concedeu um empréstimo de 2000\$00 que demorou 20 anos a ser pago. Desempenhou vários cargos na Assembleia, de 1924 até 1959. Também foi presidente da Junta de Freguesia de Barreiros.

Portes do correio e registos.....	70\$00
Cartões para agradecer donativos .....	8\$00
Despesas de cobrança .....	5\$00
Prémio para o sorteio .....	200\$00
Pago ao Felipe Bandeira, por conta dos prémios aos ranchos.....	500\$00
Anúncios para adiar o sorteio .....	19\$00
Despesas com os prémios para os ranchos .....	7\$50
Um homem do Porto, serviço na Parada .....	17\$50
Frete de automóvel, levar o júri ao Porto .....	35\$00
Joaquim Dias Filho, serviço de cobrança, na Parada dos Ranchos .....	20\$00
Banda de Música, S.João da Madeira.....	1600\$00
Diverso fogo de tiros, a Joaquim José Pereira.....	115\$00
Despesas ao Ivo, no Porto.....	10\$00
2 Caretos e diversas ornamentações .....	210\$00
Aluguer das cadeiras do Teatro de barreiros.....	50\$00
Carreto, uma mulher ao Porto.....	3\$00
Despesas de cobrança, ao Canica .....	50\$00
Mais fretes de automóvel.....	35\$00
Pintura de taboletas, Joaquim Machado .....	12\$00
Talões para as bancadas e braçadeiras .....	48\$00
Pago ao Filipe Bandeira, por saldo dos prémios para os ranchos.....	1500\$00
Trabalho a um carpinteiro das taboletas .....	7\$50
Fotografias dos prémios .....	30\$00
Conta de José Dias de Oliveira, da vedação na seara, para os Ranchos....	279\$00
Diversa madeira à fábrica do Pinho.....	3\$00
Licenças na Administração para o fogo e música.....	31\$05

No total apuraram-se 4773\$00 de receitas, entre donativos, bilhetes vendidos a particulares e ranchos e cobrança de entradas, enquanto as despesas atingiram 5050\$55, para um saldo negativo de 277\$55, coberto por Samuel Gramaxo.

Dias mais tarde, para esclarecer a polémica que envolveu a atribuição dos prémios aos ranchos, Manuel Tavares, dos Amigos do Lordelo, enviou uma carta a Samuel Gramaxo onde conta a sua versão dos factos. Alegou que perante os protestos do público, alguns elementos do grupo «*porque nem todos têm a mesma inteligência de compreensão*» se juntaram a eles, o que motivou uma invasão do recinto. Os incidentes teriam resultado da acção do público, enfurecido pela injustiça do veredicto do júri. Samuel respondeu que, até para evitar polémicas, teria recorrido «*a Armando Leça, professor de música, entendido folclorista e que desde os seus tempos de infância visita esta romaria*», por ser o mais imparcial possível. Reconhece que o grupo de Lordelo «*foi um dos melhores na romaria, com os seus 150 componentes, todos fantasiados a rigor, com lindos cânticos dedicados a Nª Srª do Bom Despacho, e sobretudo um lindo grupo de meninas à frente que foram oferecer bandejas cheias de flores à Nª Srª e também ao júri*». E formulou uma questão sobre os censuráveis comportamentos registados -«*Porque não esperaram com serenidade os componentes desse rancho pela decisão do júri?*» No final, apelando a um espírito de concórdia, remata agradecendo a gentileza de terem ficado com 150 bilhetes do sorteio.

Uma última nota, os grupos do concurso de ranchos foram filmados por «um operador cinematográfico digno de se exibir nos nossos cinemas entre as outras actualidades», assim como outros aspectos da romaria e procissão. Também existiu um fotógrafo oficial do evento, A. Barradas, da rua Formosa nº434, que tirou mais de 50 chapas. Será que o material resultante desses trabalhos ainda existe?

## MAIS UM ANO DE FESTAS, 1936

Para o ano de 1936 *[Figura 8]*, ocorreram mudanças na Comissão de Festas, que passou a ser composta por: presidente – Samuel Gramaxo, secretário – João Agostinho Gramaxo Rebelo, tesoureiro – António Ferreira da Costa Maia, vogais – Joaquim Pereira da Costa, David Soares de Almeida, Manoel Afonso de Almeida Oliveira. O júri do concurso desta vez não contou com Armando Leça, que supostamente, terá ficado com os originais das músicas e cânticos dos ranchos tradicionais que foram entregues na tribuna do concurso do ano anterior. Leça depois respondeu por postal, que os mesmos teriam ficado com Hugo Rocha. Não deixa de ser curioso que, posteriormente, se realizou uma homenagem no Teatro Rivoli a Armando Leça. Ao convite endereçado a Samuel Gramaxo, este manifestou simpatia e agrado, mas não podia comparecer devido aos muitos afazeres que tinha.

Para a Festa foram convidados vários grupos, mas nem todos aceitaram: Banda Infernal dos Côcos de Matosinhos, Malhão da Foz, Alegrinhos de Pedrouços, Regional Conquistador de Matosinhos, Unidos Afonso Cordeiro, Flor e Mocidade Conserveiros, Estrelas do Mar, Grupo Regional de Moreira, Mareantes de S. Cristovão de Mafamude, Grupo “Os Chalados de Canidelo”, Unidinhos da Preciosa *[Figura 9]*, Bons Amigos de Lordelo do Ouro, Bigodinhos de Aldoar e Regional da Vilarinha. Todos receberam bilhetes para passar mas muitos foram recusados, pelas mais variadas razões.

Como de costume, teve lugar o grande arraial, tendo à sua volta as barracas de comida, a feira de louça, as rodas de cavalinhos e outros divertimentos. Enquanto na pequena capela artisticamente ornamentada se realizavam as cerimónias religiosas, bem próximo do adro da igreja, duas bandas de música executaram o seu repertório. Um grupo de meninas – Maria Augusta e Maria Júlia Casals e Silva, Maria Vieira Dias e outras ficaram encarregues da venda da flor a favor dos Bombeiros Voluntários de Moreira.

A organização do sorteio sob a forma de bilhetes/rifas, cujo prémio era uma libra de ouro, manteve-se nos mesmos moldes do ano anterior. Encontramos entre os maiores compradores/passadores de bilhetes, o Dr. Carteado Mena -50, Augusto Pereira da Rocha -50, Quintino Bento da Silva -120, José da Silva Braga -500, Oscar Chambers -50, Almeida Ribeiro -50 e Sobral Mendes filho -50. A comissão conseguiu vender 1339\$00, sendo angariados 837\$00 por Costa Maia, 20\$00 por João Gramaxo, 18\$00 por Manoel Afonso de Almeida, 348\$00 por David Soares de Almeida, 100\$00 por Joaquim Ferreira da Costa e 16\$00 pelo cobrador José Dias de Oliveira. A parte maior coube a Samuel Gramaxo, que só ele passou 1009 bilhetes a 1\$00. O subsídio da Câmara Municipal triplicou, tendo aumentado para 600\$00. No final, entre o deve e haver do ano de 1936, (5406\$10-5188\$85) o saldo foi positivo em 217\$25, que serviu para crédito do abono no ano transacto de Samuel Gramaxo.

Quanto a despesas, a Banda de Moreira e Gueifães custou 1800\$00 cada uma e a de Leça ficou por 700\$00. De forma sucinta, o iluminador – 900\$00, o fogueteiro – 800\$00, clero – 480\$00, armação – 360\$00, cera – 210\$00, polícia – 91\$65, estampas – 80\$00 e Joaquim sacristão 45\$00. Dois dias de bilheteira, domingo e segunda, renderam 1927\$50. As oficinas do jornal Comércio do Porto realizaram serviços de impressão para a Comissão de Festas, envolvendo a produção de talões para peões, bancadas, 1<sup>a</sup> fila, portagem e dois cartazes em cartolina, totalizando 120\$00.

Manuel Gonçalves Lage (Sobrinho) foi um dos que mais abriu «os cordões à bolsa», recebendo uma carta de agradecimento, onde informava «que o anúncio da conceituada fábrica que v.ex<sup>a</sup> foi radiofundido inúmeras vezes, com mais insistência que outro qualquer, de acordo com recomendação nossa, e se no domingo de tarde v.ex<sup>a</sup> não teve ocasião de o ouvir, foi talvez durante o concurso dos ranchos, em que a aparelhagem eléctrica tinha de andar em constantes bolandas da cabine para a tribuna e vice-versa». Entre as várias facturas relativas à Festa, encontramos algumas referentes às ornamentações vindas de António da Silva Torres, de

Milheirós; sistema sonoro dos Irmãos Oliveira, do Porto; pagamentos à GNR, assim como troca de correspondência com ranchos, convites, pedidos, recusas, condições, justificações, lamentos e esclarecimentos. Ressalve-se uma afirmação do responsável do Malhão da Foz, onde afirma «*já são 47 anos afectivos sem faltar um ano, posso dizer isto com toda a liberdade e gosto e tenho muita devoção com Nossa Senhora do Bom Despacho e fiz uma promessa, enquanto eu fosse vivo não faltar a essa grande romaria*». Ou seja, já andava pela Maia por altura do Ultimato Inglês!

Embora a Festa tenha decorrido com enorme brilho, a mesma ficou manchada por uma polémica com o Padre, «*além de diversos boatos postos a correr com o incidente do reverendo abade Ernesto Domingues da Silva, incidente lamentável. De resto a romaria que este ano já foi considerada a festa do concelho da Maia, pela interferência desta Comissão, conseguindo que a Câmara Municipal estabelecesse o feriado concelhio<sup>9</sup> na 2ª feira da romaria, espera-se que para o próximo ano decorra com muito mais imponência, com parada agrícola, procissão no aspecto de há 250 anos, etc*

. Assim, podemos afirmar com convicção que o primeiro ano de feriado concelhio pelo Bom Despacho aconteceu em 1936 na presidência do Dr. António dos Santos e não 20 anos depois, através do Dr. Carlos Pires Felgueiras.

José Silva Braga responde a Samuel Gramaxo, agradecendo a boa notícia por ser premiado e aproveita para tecer considerações sobre o episódio que envolveu o Pe. Ernesto: - «*francamente fiquei entristecido por se ter verificado esse incidente com o Padre não realizando o que é tão tradicional e tanto do agrado do nosso povo local. A não realização dessa cerimónia não veio somente desgostar os seus adeptos como estabelecer a discordia entre os seus paroquianos atirando uns contra os outros. Foi um acto reprovável e certamente não pode o mesmo ser benquisto jamais em nossa freguesia*

.

A fama do Bom Despacho acabou por ultrapassar fronteiras. No jornal brasileiro O Rio, na edição de 5 de julho de 1936 consta uma notícia relativa às Festas do Concelho, elaborada pelo correspondente M. A. Vieira. Nela podemos ver uma fotografia de um grupo de maiatas envergando os trajes típicos com que serviram o chá na barraca de caridade. Já o jornal Defesa de Gondomar, na secção Postais da Areosa, faz referência à presença do Rancho Regional «Os Alegrinhos de Pedrouços», que teria mudado o nome para Grupo Regional da Maia. Fundado em 1934, composto por homens trabalhadores, na maioria operários e raparigas lavradeiras, já teria obtido alguns prémios na Maia e arredores, como o 2º lugar no ano de 1935.

O júri deste ano foi composto por Pedro Vitorino, sub-director do Museu Municipal do Porto; Emanuel Ribeiro, professor da Escola Faria de Guimarães; Hugo Rocha e Álvaro Barradas, jornalistas do Comércio do Porto e da revista Indústria Nacional. No final, foi servido um almoço classificado de «óptimo banquete». Voltando a Samuel Gramaxo, bastante elogiado e considerado um grande animador, foram vários os recortes que encontramos do Jornal de Notícias, Comércio do Porto e Primeiro de Janeiro efectuados pelo próprio, que demonstram o carinho pelas memórias do que ajudou a realizar. Num deles, Samuel é descrito como «*um homem que nasceu ali e ali tem feito decorrer a sua vida simples, logrou revelar-nos sem alarde, com a mera apresentação da realidade, a graça e a beleza características daquela romaria. Depois, Samuel Gramaxo, que é o nervo forte daquela festa do povo e preside, desde à alguns anos, à comissão organizadora, sabe contagiar com a sua vontade e o seu entusiasmo operante...*

. Até o seu pai, João Anacleto, é visto como «*um ancião simpático que recebe os seus hóspedes com as gentilezas e fidalguia de um velho morgado*. Estes trechos constam duma elaborada e extensa reportagem do Comércio do Porto, que relata tudo o que se passou na romaria de 1936.

<sup>9</sup> A 2 de junho, uma Comissão dirigiu-se à Câmara Municipal e expôs que «nada justifica que o feriado continue a ser o dia 10 de outubro, data banal que 99,9% do povo da Maia desconhece o seu significado». A Maia devia seguir o exemplo de outros concelhos, que celebravam o feriado municipal nas festas concelhias.



Figura 8 - Cartaz das Festas 1936

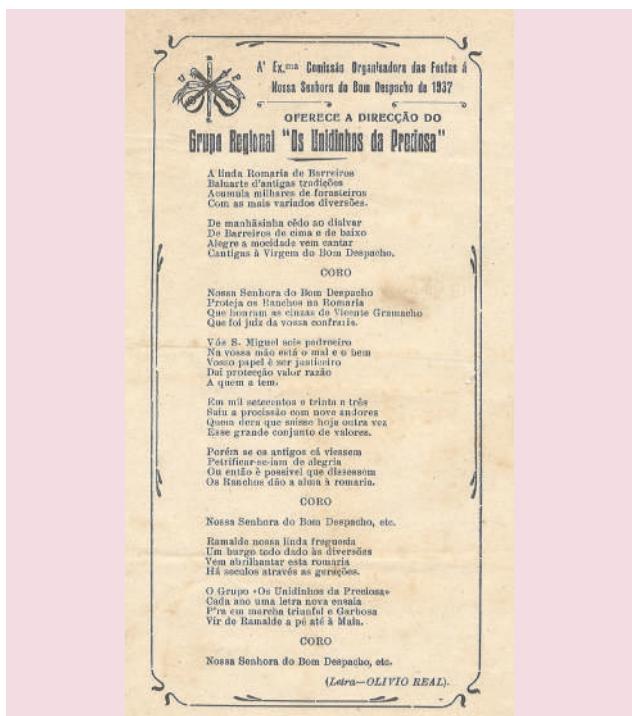


Figura 9 - Letra dos Unidinhos da Preciosa 1936



Figura 10 - O Bom Despacho de 1937, Jornal da Maia

No concurso de ranchos, após a exibição dos que estavam a concurso e outros que preferiram não ir a votação devido aos acontecimentos anteriores, o júri decidiu conceder a Taça Câmara Municipal da Maia, na categoria ranchos da Maia, ao Grupo Regional de Moreira, ficando em segundo lugar, os Regionais de Silva Escura e da Maia (Pedrouços). Na categoria de ranchos tradicionais, os vencedores foram os Unidos Afonso Cordeiro, sendo também premiados o Rancho do Malhão e a Banda Infernal Mocidade de Lordelo do Ouro. A ligação a Filipe Bandeira manteve-se, como se comprova por uma fatura passada pelo próprio Bandeira relativo ao fornecimento da Taça Câmara da Maia, Taça 1º Prémio, outras taças menores, medalhas com laço de seda franjadas a ouro no valor total de 1503\$00.

No ano seguinte, nova mudança na Comissão de Festas de 1937. Mantiveram-se o presidente e o secretário. Como tesoureiro foi designado José António da Silva Maia e como vogais Joaquim Ferreira da Costa, Abílio Ferreira da Silva Alves, David Soares de Almeida, João Agostinho Gramaxo Rebelo, Carlos Alves Pereira e Manoel Afonso de Almeida Oliveira.

O programa constava nas seguintes atrações:

- Dia 10* Entrada das três bandas de música no arraial: Moreira, Gueifães e S. Mamede de Infesta, partindo do arco triunfal, no cruzamento da estrada de Braga por volta das 17:00.  
Música e história da devoção de Nª Sra. do Bom Despacho, pela instalação sonora com início pelas 16:00.  
19:00 Abertura solene da monumental barraca de chá em benefício de Nª Sra. Do Bom Despacho, servida por 8 gentis meninas, devidamente fantasiadas.  
À noite vistosa iluminação eléctrica e à moda do Minho, concerto pelas 3 bandas de música grande arraial até às 2horas de segunda feira.  
À tarde abertura solene da Igreja com exposição de Nª Sra. do Bom Despacho e as cerimónias do costume.
- Dia 11* Grande arraial com Parada e exibição dos ranchos tradicionais, entre as 9:00 e 12:00. De seguida, as cerimónias religiosas: missa a grande monumental pela capela António Moreira, sermão pelo distinto orador sagrado Padre Carlos Pinto Rodrigues, reproduzido na instalação sonora.  
Saída da vistosa e monumental Procissão pelas 13:20.  
Pelas 16:00, nova Parada, com exibição de todos os ranchos: Unidos Afonso Cordeiro e o dos Conserveiros, ambos de Matosinhos; Bigodinhos e Regional da Vilarinha, ambos de Aldoar; Regional do Lordelo do Ouro e Unidinhos da Preciosa, de Ramalde.  
À noite, continuação do grande arraial e iluminação eléctrica no adro e em frente à barraca.
- Dia 12* Continuação do grande arraial, com duas bandas de música, barraca de chá, feira de louça, circos, dezenas de barracas de comes e bebes e outros divertimentos.  
11:00 Missa a grande monumental pela capela Santos Leite, e sermão pelo distinto orador sagrado Padre Américo da Costa Nilo, da Póvoa de Varzim, reproduzido na instalação sonora.  
18:00 Saída da Procissão com dezenas de anjinhos, juntamente com muitos elementos do concelho.
- Aviso:* para evitar confusões inocentes ou propositadas, todo o pessoal, quer os membros da Comissão de Festas ou os seus agregados, trarão uma braçadeira identificativa com os dizeres “igreja”, “barraca de chá” e “ranchos”.
- Como meios de transporte para o arraial: Comboios da Companhia do Norte, cuja estação de Barreiros dista 100 m da Igreja, e também a linha eléctrica n.º 7 até à Ponte da Pedra, onde existem carreiras de camionetas para a romaria.

Segundo notícia do Primeiro de Janeiro, a situação ocorrida envolvendo o padre Ernesto contribuiu para a sua substituição. Aí é referido que «apreciou-se a lamentável situação criada na igreja por um clérigo que felizmente, já cá não está, o qual armou uma desinteligência de tal ordem, que prejudicou sobremaneira a imponência desta romaria». A Junta de Freguesia e a Câmara Municipal colaboraram com material, sendo a figura do secretário da Junta, António Ferreira da Costa Maia, bastante elogiada pelo trabalho nas obras de vedação da creche e parque da Senhora do Bom Despacho. Já a Câmara iria proceder a obras de reparação da Avenida que ia dos Paços do Concelho à Estação dos Caminhos de Ferro, percurso intensamente utilizado pela população. Esperava-se que essa obra tão imperiosa estivesse concluída antes da Festa.

Mais um testemunho sobre esta realidade é dado por Fernando Maia, sob a forma de uma crónica [Figura 10] onde descreve um Bom Despacho que o marcou, em grande medida, pelas obras inauguradas.

Saliente-se que em 1937, a Comissão designada para tratar do assunto dos ranchos foi forçada a tomar conta da festa da igreja, promovendo todas as festividades conjuntas em honra da Virgem. Tal facto originou mais trabalho, optando-se pelo aumento do número de colaboradores para as Festas. Por proposta do presidente da comissão, deliberou-se não fazer concurso de ranchos nesse ano, mas sim, uma Parada, concedendo a cada participante uma fita comemorativa, igual para todos os ranchos, juntamente com uma quantia em dinheiro: 100\$00 para os tradicionais e 90\$00 para os não tradicionais.

As contas do ano de 1937 encontram-se já mais detalhadas e revelam bem o incremento dos valores, os dias de maior afluência, os patrocinadores, entre outros movimentos.

Receitas:

Subscrição na freguesia:

Rendimento da Volta da Igreja .....	2026\$50
Idem da Volta de Catasol .....	1786\$50

Rendimento da Igreja:

Esmolas no sábado.....	111\$90
Idem no domingo.....	2055\$30
Idem na segunda-feira .....	493\$00
Rendimento de mortalhas, durante o ano .....	52\$00

Esmola dos Pescadores de Matosinhos .....200\$00

Subsídio da Câmara Municipal da Maia.....600\$00

Subsídio da Junta de Freguesia de Barreiros .....300\$00

Parada dos Ranchos

Receita de entradas, no domingo.....	1227\$00
Idem na segunda-feira .....	201\$50

Vendas das cadeiras da Parada.....370\$00

Anúncios Sonoros, todos do Porto:

Companhia Funerária .....	60\$00
Centro Agrícola.....	60\$00
António Pessoa .....	50\$00
Agência Chaves .....	50\$00
Sucenas Limitada.....	50\$00
Sociedade de Adubos .....	50\$00
Mário Costa .....	50\$00
Sogere, Limitada.....	50\$00
Anúncios avulsos, obtidos na romaria.....	90\$50

Barraca, apuro Geral dos três dias .....2238\$80

Passagem dos bilhetes, pelos membros da Comissão, fora da freguesia:

Samuel Gramaxo .....	567\$00
Joaquim Ferreira da Costa .....	550\$00
José António da Silva Maia .....	200\$00
Abílio Ferreira Alves .....	150\$00
David Soares de Almeida .....	130\$00
António Maia, incluindo subscrição particular.....	582\$00

Esmolas dos membros da Comissão:

Samuel Gramaxo .....	70\$00
Joaquim Ferreira da Costa .....	70\$00
José Joaquim da Silva Maia.....	70\$00
Abílio Ferreira da Silva Alves .....	70\$00
António Ferreira da Costa Maia .....	50\$00
Manoel Afonso de Almeida Oliveira .....	50\$00
Carlos Alves Pereira .....	50\$00
David Soares de Almeida .....	30\$00
João Agostinho Gramaxo Rebelo .....	20\$00

Rendimento da Igreja:

Da caixa de esmolas até 24-10-1937 .....	226\$50
Venda de uma volta e uns brincos oferecidos no dia da Festa.....	94\$00

Subscrição na Freguesia:

Rendimento da 2 <sup>a</sup> volta à freguesia .....	582\$50
Idem, da 3 <sup>a</sup> volta .....	80\$00

Abonos / Dinheiro de empréstimo por alguns membros da Comissão:

Samuel Gramaxo .....	360\$70
Joaquim Costa.....	210\$00
Abílio Alves.....	210\$00
José Silva Maia .....	210\$00
António da Costa Maia .....	50\$00

Saldo em débito que passa para o novo exercício .....1049\$40

Despesas:

Músicas:

Banda de Moreira, três dias .....	1800\$00
Banda de Gueifães, idem .....	1800\$00
Banda de S. Mamede de Infesta, sábado e domingo .....	900\$00

Fogo:

Fogueteira Adelina de Oliveira Costa.....	510\$00
Fogueteira Maria da Silva Faria .....	510\$00

Igreja:

Um homem para ajudar a guardar a Igreja .....	10\$00
Sacristão, diversos serviços .....	40\$00
Sermão de domingo .....	200\$00
Sermão de segunda-feira .....	150\$00
Diversos padres, serviço na Igreja.....	150\$00
Licenças para a Igreja .....	10\$00
Pároco Sebastião, serviço da festa.....	80\$00
Consumo de luz eléctrica na Igreja.....	50\$00

Ornamentações

Domingos dos Santos, caretos, ornamentações e iluminação à moda do Minho (a conta era de 1550\$00 mas devido à insuficiência do serviço, resolveu a Comissão só pagar esta verba) ...	1050\$00
Albino José Moreira, iluminações eléctricas .....	250\$00
Ideal Rádio, instalação sonora com 4 altifalantes.....	1000\$00

Ornamentações: instalação de luz e compra de material .....360\$00

Despesas com os Ranchos:

Alargamento da parada, Augusto Dias .....185\$00

Idem ao João jornaleiro, vários dias .....112\$00

3 homens de serviço, domingo e segunda-feira.....30\$00

2 homens da Carris, serviço na Parada e cobrança de donativos no Porto..40\$00

Bilheteiro, dois dias e uma noite de serviço .....20\$00

Fitas comemorativas para os Ranchos.....250\$00

Quintino B. da Silva .....20\$00

200 cadeiras para os Ranchos .....540\$00

Subsídios aos Ranchos:

Unidos Afonso Cordeiro – Matosinhos .....100\$00

Vencedores de Nevogilde – Porto .....90\$00

Regional da Vilarinha .....100\$00

Bigodinhos de Aldoar .....100\$00

Conserveiros de Matosinhos.....100\$00

Pauliteiros de Nevogilde.....90\$00

Unidinhos da Preciosa .....100\$00

Guarda Republicana

Guarda a cavalo, 3 praças domingo.....96\$80

Guarda a pé .....65\$00

Obras:

Reparação da frontaria da Igreja e na Torre.....387\$50

António José Coelho, diversas pinturas na Igreja e santos.....53\$00

Prémio do sorteio: uma libra em ouro .....175\$00

Impressos nas oficinas do Comércio do Porto:

10 000 bilhetes do sorteio.....175\$00

800 reclames .....130\$00

5 zincogravuras .....300\$00

1500 postais em 3 modelos.....160\$00

300 estampas grandes em cartolina .....220\$00

500 estampas pequenas.....30\$00

Outros .....70\$00

Estes serviços depois sofreram um desconto especial no valor de 185\$00

Construções:

Arco Triunfal, por Manoel S. Pereira .....1412\$00

Barraca, por Manoel S. Pereira.....837\$40

Pintura do arco, por Joaquim Machado .....200\$00

Exploração da Barraca de Chá:

Bebidas a Domingos Nogueira da Costa .....825\$00

Idem a Maria Nogueira.....194\$40

Idem às Águas do Luso .....347\$50

Idem a Magalhães & Companhia, águas .....21\$00

Diversa pastelaria, do Porto .....120\$80

Artigos fornecidos pelo Quintino e Custódio .....64\$60

Maria Feitora, vinhos e comidas fornecidas .....237\$50

Louça partida e carretos ao Porto .....	55\$10
Frete ao José Nunes, serrim.....	12\$00
Juvenal Costa, vários fretes de automóvel e 50 kg de gelo .....	290\$00
<b>Despesas Gerais:</b>	
Portes do correio .....	37\$90
Outras pequenas despesas.....	257\$50
Foram incluídas todas as contas das Festas em honra da Virgem no ano de 1937, excepto a conta da cera consumida na Igreja e fornecida por Avelino dos Santos Leite, que apesar de várias vezes instado, nunca apresentou a conta, passando esse débito para o ano de 1938.	
<b>Total despesas .....</b>	<b>17 837\$60</b>

O relatório de vendas efectuadas na Barraca de Chá é tão minucioso que nos indica que foram vendidas 430 cervejas, cada uma a 5 centavos, 231 laranjadas a 50 centavos, 375 laranjadas do Luso a 60 centavos, 144 cervejas da Maria Nogueira a 65 centavos, 28 águas minerais a 45 centavos e 36 garrafas de vinho da Feitora a 1\$10. A barraca de chá motivou um relatório detalhado por Samuel Gramaxo a 30 de setembro de 1937, que passamos a transcrever por ser bem revelador do «funcionamento da coisa».

*«Conhecidas as causas que motivaram a montagem da Barraca de Chá, resta somente apreciar a sua exploração. De facto, a exploração, ou como deve dizer-se administração, foi péssima, devido à precipitação de última hora, e pouco cuidado dos membros da Comissão a quem estava confiada a gerência da Barraca. Não basta o facto de haver um caixa só para receber o dinheiro e fazer trocos, quando o mesmo não controla o que sai para fora do bufete.*

*Como quer que seja, houve grande desfalque, pois o lucro bruto total não chegou sequer a atingir o lucro que as bebidas deram de 765\$00, havendo uma diferença de 100\$00. Há também na pastelaria, chá, café e sandes, que se não fosse o largo consumo...do pessoal interno (bufete e raparigas) daria um bom lucro superior a 250\$00, concluindo-se que, se houvesse boa administração, daria a Barraca um lucro bruto muito superior a 1000\$00.*

*Por outro lado, o pessoal (raparigas e bufete) ficou caríssimo, vendendo-se que, com comedorias e transportes diversos se gastou a bonita soma de 40\$00, excepto ainda as comedorias na própria barraca. É a barraca uma boa fonte de receita desde que seja bem administrada, podendo render mais de 1200\$00, mas para tanto exige-se:*

*1º Conseguir pessoal, (raparigas e bufete) da própria freguesia, que não acarretem encargos de espécie alguma à Comissão.*

*2º Enviar uns convites às pessoas gratas da freguesia, pedindo bolos, carnes, frutas e outros artigos para a barraca, a exemplo do que se faz noutras partes.*

*3º Nomear diversos membros da Comissão (competentes) para a exploração da Barraca, assumindo estes inteira e completa responsabilidade por qualquer prejuízo de má administração.»*

### **RANCHOS: CONCURSO VS. PARADA**

O aparecimento dos ranchos na romaria era visto como um elemento diferenciador na oferta das festas da época, a do Bom Despacho considerava-se a pioneira dos concursos de ranchos em Portugal. Esta prática motivou um aumento considerável de visitantes, a que não foi também alheio a atribuição de prémios nos concursos e paradas. A transformação do concurso para parada motivou uma diminuição da receita em 499\$00. Sobre a secção ranchos verificou-se um prejuízo já esperado de 246\$00, que não se deveria repetir no ano seguinte, «desde que se vede a Parada

*com pano de linhagem, obstando assim que uns milhares de pessoas vejam a exibição dos ranchos da parte de fora, sem pagar um centavo».*

A instalação sonora também deu um prejuízo de 539\$50, em grande parte, por não ter existido tempo suficiente para maior angariação de anúncios, até porque não se conseguiu nenhum no próprio concelho. Os que se efectivaram, vieram todos do Porto através de um angariador, ao qual se teve de pagar uma comissão.

Sobre a secção Igreja propriamente dita, o déficit atingido orçou em 2367\$80, um valor já esperado pela Comissão. Mesmo assim, era um resultado que se opunha «à teoria de certos javardos cheios de cinismo». As considerações sobre os descontentes continuaram, «*como queriam então esses espertos equilibrar esta despesa somente com a receita da igreja? Bom seria que esses meneurs aparecessem mais à luz do dia, e constituíssem em sub-comissão para efectuar as festas na igreja e no adro somente com a receita da igreja. À parte deste incidente de má língua, (infelizmente em todas as terras há racionais daninhos que nada fazem nem deixam fazer) verifica-se que a receita da igreja é insignificante, sendo necessário procurar aumentá-la».*

Quanto aos bens móveis pertencentes à Comissão de Festas de 1937, existiam em stock: 8 clichés zincogravuras de diversos tamanhos, 3 medalhas em bronze de N<sup>a</sup> Sra. do Bom Despacho, 4 laços em seda para os ranchos, 1 arco triunfal em madeira, 1 barraca-bar, 1 cabine sonora em madeira, 1 bilheteira para os ranchos em madeira, 1 cabine pequena da tribuna dos ranchos, 6 taboletas em madeira, 3 taças em prata para os ranchos, 700 postais ilustrados, 800 estampas pequenas, 210 estampas grandes, 30 abraçadeiras, 15 cadeiras em madeira de pinho.

### ***POLÉMICA NO SEIO DA COMISSÃO DO ANO DE 1938***

Seguiu-se nova Comissão de Festas para o ano de 1938, com a adição de mais membros: António de Souza Volta, Abel de Souza Fernandes, José Dias de Oliveira. Mantinha-se na presidência Samuel Gramaxo, o secretário António Costa Maia e o tesoureiro José Silva Maia. A exemplo do ano transacto, esta Comissão ficou responsável pela Festa em honra a Nossa Senhora do Bom Despacho, Ranchos, festa profana e festa religiosa.

A descrição pormenorizada é bastante semelhante ao ano anterior. O que se alterou profundamente, foi o saldo, que resultou num prejuízo de 3 682\$00. Entre despesas de 19 624\$75 e receitas de 15 942\$75, determinou um «buraco» difícil de explicar, o que motivou um diferendo dentro da Comissão. Em virtude de grande desinteligência face ao exposto, o presidente Samuel Gramaxo dissolveu a comissão depois das contas apuradas, fazendo-se um rateio do grande prejuízo acumulado. Acontece que o procedimento insólito de António Maia e António Volta, juntamente com «os de Catassol», para com o presidente, terá sido de tal ordem, que se impôs a dissolução da comissão e expulsão destes membros. Segundo consta, estes determinaram a mudança de local da barraca de chá, que já estaria armada no «sítio do costume», junto ao adro e creche. A intenção seria a de «*arrastar todo o arraial para a cerca da creche. Nada conseguiram e a exploração da barraca foi um escândalo, pois estando a mesma já construída, a exploração deu um prejuízo de 568\$50*». A responsabilidade da exploração foi dos membros acima citados, tendo presidente optado por se desligar da mesma.

Outro facto de relevo, foi a proibição das bandas de música tocarem no adro, por determinação do Bispo do Porto. Assim, a comissão resolveu que no domingo tocassem a da Arrifana junto ao adro, e na segunda-feira a de Moreira na creche e a de Gueifães junto ao adro. Esta resolução foi tomada por maioria, o que motivou mais desinteligências entre o presidente e os de Catassol. À revelia do determinado e por orientações dos de Catassol, as duas bandas de segunda passaram para a creche e a igreja ficou sem nenhuma. Resultado: «*a frequência do povo foi diminuta, os barraqueiros mal apuraram para as despesas e a própria barraca de chá deu o prejuízo que se vê*».

E mais se escreveu para memória futura, num tom bastante áspero para os atingidos: «*O prejuízo foi enorme, mercê das habilidades dos de Catassol que fizeram diversos aumentos de despesa sem darem satisfação ao seu presidente, e este para não produzir escândalo, que seria muito desagradável na ocasião da romaria, deixou dissolver agora a comissão».*

Receita para o ano de 1938:

Rendimento da Freguesia:

Volta da Igreja e Brandinhães .....	1601\$30
Volta de Catasol .....	1807\$50
<b>TOTAL.....</b>	<b>3408\$80</b>

Rendimento da Igreja:

Esmolas na Bacia.....	2590\$85
Esmola de um devoto da Póvoa de Varzim .....	20\$00
Esmola da Barraca do Adro .....	100\$00
Rendimento de mortalhas durante o ano .....	25\$00
Venda de objectos de ouro .....	55\$50
Idem, idem até 6/3/1939 .....	101\$70
<b>TOTAL.....</b>	<b>3059\$45</b>

Bilhetes do Sorteio:

António Ferreira da Costa Maia .....	1052\$00
Samuel Gramaxo .....	955\$00
Joaquim Ferreira da Costa .....	876\$00
Abílio Ferreira da Silva Alves .....	500\$00
José Joaquim da Silva Maia.....	370\$00
António de Souza Volta .....	350\$00
David Soares de Almeida .....	150\$00
João Agostinho Gramaxo Rebelo .....	95\$00
Carlos Alves Pereira .....	100\$00
José Dias de Oliveira .....	50\$00
Abel de Souza Fernandes .....	45\$00
<b>TOTAL.....</b>	<b>4543\$00</b>

Ranchos:

Receita da Parada.....	476\$00
Venda de 248 cadeiras .....	620\$00
<b>TOTAL.....</b>	<b>1096\$00</b>

Propaganda .....

Anúncios obtidos por Samuel Gramaxo.....	766\$00
Subsídio Câmara Municipal da Maia .....	800\$00
Barraca de Chá, apuro de 3 dias .....	1785\$00
<b>TOTAL.....</b>	<b>2192\$00</b>

Diversos:

Esmola especial de António Santos Leite (armador).....	285\$00
Esmola de Américo dos Santos Leite (música) .....	10\$00
Venda de uma libra de ouro .....	189\$00
<b>TOTAL.....</b>	<b>484\$00</b>

De forma a cobrir o prejuízo de 3682\$00, determinou-se distribuir pelos membros da Comissão os valores: José Joaquim da Silva Maia – 457\$00, Joaquim Ferreira da Costa -287\$00, Abílio

Ferreira da Silva Alves -287\$00, António Ferreira da Costa - 287\$00, Carlos Alves Pereira – 200\$00, António de Souza Volta – 133\$80, David Soares de Almeida – 100\$00, ao que se somava 1131\$00 abonado por Samuel Gramaxo e mais 799\$20, de contas a pagar, sob a responsabilidade do mesmo Gramaxo.

O valor total de 4500\$00 para as Bandas de Música, repartiu-se em 1800\$00 para a de Gueifães, 1800\$00 para a de Moreira e 900\$00 para a da Arrifana. As ornamentações ficaram por 3023\$50, os encargos com a igreja e capelas orçaram em 2354\$25, os ranchos 1710\$00, a propaganda em 1850\$00, a barraca de chá ficou por 2353\$50, a manutenção da ordem pública levou 317\$70, o fogo custou 1328\$00, mais 1449\$00 que vinha do ano de 1937, 356\$20 de despesas gerais e por fim, 383\$00 da compra de duas libras de ouro. No total, um valor total de 19.624\$75.

Como se percebe pelo movimento contabilísticos dos sucessivos anos, uma das grandes fontes de rendimento da romaria era a passagem de bilhetes para um sorteio anual, onde o prémio era agora, uma libra de ouro. Encontramos uma folha, infelizmente não datada, mas com grande probabilidade para o ano de 1939, onde constam os enviados para emigrantes no Brasil. Só nesse ano terão sido 1700, para lugares como Rio de Janeiro, Santos e Recife. Os contribuintes foram Joaquim e António Ferreira dos Santos, Abílio Pinto, David Ferreira Maia, Bernardino da Silva Braga, José e Manuel Alves (Roque), Manuel Pereira da Macedo, António e Manuel de Sousa Soares.

Passando para o ano seguinte de 1939, foram contratadas as Bandas da Arrifana, Ramalde e de Nogueira, pelos seguintes valores, respectivamente: 1500\$00, 900\$00 e 500\$00. As ornamentações ficaram por 2081\$40, enquanto as despesas com a Igreja e Capelas, que incluiam dois sermões, missas, sacristão, andores de Nossa Senhora e S. Roque, armações e cera, ficou por 1585\$50. Já o fogo de artifício a cargo de fogueteiros de Guidões e Gueifães, orçou em 750\$00. A propaganda – instalação sonora, jornal, entre outros, elevou-se a 1063\$90. A conta da GNR para a segurança foi 168\$50. No total, as despesas totais foram de 9568\$15, tendo transitado o saldo de 238\$35 para cobrir o déficit de anos anteriores.

Podemos identificar os bilhetes entregues por Samuel Gramaxo, quer quantidades, os destinários e os que não aceitaram ou não pagaram. Entre os que aceitaram ficar com alguns, destacamos os mais generosos, com 50 bilhetes = 50 escudos: Arnaldo da Silva Tomé, Manuel Gonçalves Lage (Sobrinho), António Marques Saldanha, James Lickfold, Empresa do Castelo Industrial Lda., Manuel Teixeira da Fonseca, Joaquim de Oliveira Maia, Afonso Sobral Mendes (filho), Vasco Ortigão Sampaio e Padre Domingos da Silva (Gemunde).

### ***DESTAQUE NA IMPRENSA NACIONAL***

A festa do Bom Despacho foi alvo de uma reportagem pela revista de âmbito nacional *O Século Ilustrado*, a 3 de agosto de 1940. Esta publicação semanal do Jornal *O Século* tinha como director João Pereira da Rosa e como director artístico J. Leitão de Barros. Na rubrica dedicada às romarias do norte, a nossa terra era caracterizada da seguinte forma: «*Nos subúrbios do Porto, do começo ao fim do verão, realizam-se diversas e características romarias, que são, a um tempo, preciosos documentos folclóricos e soberbas afirmações de que o nortenho tem como ninguém o segredo de, entre a hora do trabalho e a oração, saber cantar e dançar alegremente. A que se efectua na freguesia de Barreiros, no concelho da Maia, no segundo domingo do mês de julho, é uma das mais antigas e das que encerram maiores encantos. Chama-se a romaria de Nossa Senhora do Bom Despacho e, como o seu nome indica, é a padroeira dos bons despachos e das parturientes; dos marítimos e pescadores que se encontram em perigo no alto mar; dos noivos que pedem o bom despacho dos seus casamentos; e dos agricultores que ambicionam boas colheitas e excelentes vendas dos seus produtos. Os seus devotos contam-se aos milhares e dentre eles, destacam-se a classe piscatória da Afurada, da Foz e de Matosinhos e os habitantes da orla marítima do norte.*

Quatro fotografias imortalizam esses momentos *[Figura 11]*. Numa vemos um aspecto parcial da procissão - a passagem do andor da Senhora do Bom Despacho junto à capela do Sr. Dos Amarrados. Noutra imagem, podemos ver uma criança vestida de Nossa Senhora, acompanhada da mãe, enquanto à frente do andor, vai uma mulher de joelhos a cumprir uma promessa. Já na parte mais festiva, é-nos dada a conhecer a feira da loiça, instalada na envolvente da Igreja e uma actuação na eira da Quinta da Boavista. O escriba José Marques relatou como seria organizada a romaria: «*junto à igreja, fica a propriedade do Sr. Samuel Gramaxo, descendente dos componentes da primeira Confraria, a qual, nos dias de romaria, é franqueada ao público, e sendo ali realizado o verdadeiro arraial. Esta atitude é baseada na vontade imposta por aqueles antigos proprietários da Quinta e assim vem acontecendo de geração em geração*».

Como podemos comprovar pelo bilhete premiado de 1942, os sorteios aconteceram regularmente, sorteando-se uma libra de ouro *[Figura 12]*. A dinâmica das Festas mantinha-se, como se comprova pela descrição do ano de 1945<sup>10</sup>: «*Depois das cerimónias religiosas, o povo deu largas à sua alegria, e começou um arraial animado, sem o qual, não compreende as festas. A frondosa quinta da Boa Vista, que o sr. Gramaxo, devotado barreirense e amigo da encantadora terra faculta aos romeiros, encheu-se de centenas de pessoas. Abriram-se as cestas; estenderam-se alvas toalhas e começaram a saborear os merendeiros*».

### **UMA DÉCADA DE AFASTAMENTO**

Este tradicional «abrir» da Quinta só não aconteceu no período entre 1947 e 1957, em grande medida, por um terrível acontecimento em agosto de 1946: a morte de um homem, alegadamente por David Rodrigues Alves, um criado da quinta. Este terá confessado «*que estando nos mirantes da Quinta a examinar a arma, esta se disparou involuntariamente, atingindo um homem que passava na estrada*». Esta tragédia deu muito que falar na terra, motivando a saída de Samuel Gramaxo durante uns bons meses da Maia. Esse período de fecho da quinta é confirmado pelas palavras do Prof. António Luís Tomé da Rocha Ribeiro<sup>11</sup> «*mas a grande festa era a do Bom Despacho: A grande procissão, as bandas de música, os vendedores ambulantes etc. A festa fazia-se na quinta do Gramaxo e sua seara, onde os forasteiros comiam os seus farnéis. Ao fim de vários anos, o Senhor Gramaxo fechou a quinta e a festa teve que se deslocar para a grande seara da creche. O Senhor Abade e a comissão da festa não tinham mãos a medir*».

Nesse ano de 1947 em que as portas da Quinta se fecharam, a Festa continuou a realizar-se. Um dos mil panfletos<sup>12</sup> impressos pela Tipografia Portugália resistiu incólume e podemos ver que a Festa teve lugar nos dias 12, 13 e 14 de julho. A música era da responsabilidade da Ideal Rádio, as ornamentações ficaram a cargo de António Ribeiro Pontes, da Póvoa de Varzim e de Domingos dos Santos, de Gueifães. Já o serviço da Igreja coube à Casa Lino Ramos e as iluminações a Francisco Fernandes Serra, também da Póvoa de Varzim.

Neste ano, o programa das Festas do Concelho (assim apresentadas pela organização) consistiram:

**Dia 12** 9:00 Entrada do grupo de Zés Pereiras da Agrela  
18:00 Entrada das Bandas de Moreira e Alfena

**Dia 13** 7:30 Rompida dos Zés Pereiras  
8:00 Entrada das Bandas de Moreira e Alfena  
9:00 Entrada das Bandas de Pevidém  
11:00 Missa solene a grande instrumental pela Capela Moreira  
15:00 Entrada do afamado Rancho folclórico Festada de Guimarães e do grupo regional Unidinhos de Sá e Melo, exibindo-se no Parque da Creche

10 Jornal O Comércio do Porto, 9 de julho de 1945, p.4

11 Padre José Pinheiro Duarte, 1909-1992 : "sou aquilo que pude ser" : fotobiografia e testemunhos / dir. introd. Joaquim Loureiro. - 1<sup>a</sup> ed. - Maia : Câmara Municipal, 2009, p.96

12 Documento que consta no Arquivo Municipal da Maia.

Concerto pelas três Bandas de música

18:00 Imponente Procissão a Nossa Senhora do Bom Despacho incorporando-se todas as freguesias representadas pelas suas associações, confrarias, irmandades, organismos de Ação Católica e cruz paroquial

21:00 Sessão de fogo preso

**Dia 14** 7:30 Rompida dos Zés Pereiras

8:00 Entrada das Bandas de Moreira e Alfena

Durante a manhã Solenidades religiosas

14:00 Entrada da Banda da Polícia de Segurança Pública do Porto

15:00 Entrada do aplaudido Grupo folclórico de Santa Marta de Portuzelo, um dos mais típicos do país – e do grupo regional Unidinhos de Sá e Melo, exibindo-se no frondoso Parque da Creche

Durante a tarde Concerto pelas três Bandas

17:00 Grande Concurso Pecuário com valiosos prémios para os proprietários dos animais premiados

21:00 Sessão de fogo preso

De realçar, que era a primeira vez que a imagem da excelsa rainha dos Navegantes percorria as ruas da vila depois de coroada, o que aconteceu a 17 de novembro de 1946. Esse acontecimento revelou-se um grande tributo de fé exigido pelos maiatos. Como consequência, o desenvolvimento e publicidade das Festas acompanharam a promoção do concelho e a zona mais central da Maia, criando-se carreiras de camionetas contínuas da Ponte da Pedra ao local das Festas, assim como, a existência de uma concorrida Estação de Caminhos-de-ferro ligada à Linha do Norte, a 200 metros da Igreja de Barreiros.

A preocupação das autoridades locais na realização de umas festas condizentes com a grandeza da terra era evidente, até no cuidado com que a Comissão de Festas presidida por Domingos Nogueira da Costa em 1948, apelava a «*todos os proprietários desta fluorescente Vila de Barreiros, por mais modesta que seja a habitação, têm o capricho de embelezarem as fachadas dos seus prédios, caiando-os e pintando portas e janelas, bem como mandar cair os muros anexos – aqueles que os possuem – dando-lhes assim uma fisionomia animada e um realce extraordinário, cujo asseio e limpeza toda a gente elogia*». Esse ponto positivo contrastava com a presença de mendicidade que permanecia nas imediações do templo, na ânsia de uma pequena esmola dos visitantes, juntamente com deficientes cuidados de higiene, quer corporais como de acumulação de detritos e outras «porcarias». O próprio volume do som dos altifalantes não era do agrado do Padre. Seria já um fenómeno de «poluição sonora»? Manuel Joaquim da Costa Maia também se refere a este fenómeno de transformação das festas<sup>13</sup>, em primeiro lugar por serem um importante centro de cultura popular, palco de inúmeras canções que os romeiros cantavam nos diferentes percursos até à Igreja, ganhando maior força quando passavam à entrada e se deparavam com a imagem de Nossa Senhora do Bom Despacho. E termina, também ele com uma observação, «*hoje mudaram-se as modas e os costumes: os transportes e os altifalantes impuseram o seu reinado*».

Sem poder precisar o ano, as Festas correram o risco de não se realizarem em virtude de a quinze dias do início da romaria, a seara se encontrar encerrada e não existir ninguém que quisesse ser festeiro, conforme referiu Álvaro do Céu Oliveira. Só a acção dinâmica de Adelino Oliveira<sup>14</sup> que assumiu a pasta das festas e a compreensão do presidente da Câmara, Dr. Carlos Felgueiras, permitiram que a tradição se mantivesse.

Corria o ano de 1952, e segundo a descrição no Almanaque da Maia, Álvaro do Céu Oliveira considerava que as festas já não precisavam de grande divulgação porque o povo há muito que lhe dedicava especial atenção.: - «*Acorriam naquela altura milhares de pessoas, particularmente poveiros, para agradecer e invocar a protecção de Nossa Senhora do Bom Despacho*». Reafirma o ambiente festivo promovido pela presença popular acompanhada de dança, pelos concertos de

13 Manuel Joaquim da Costa Maia, Achegas de Monografia da Vila da Maia, Câmara Municipal da Maia, 1986, pág. 107

14 Além de presidente da Comissão de Festas, exerceu os cargos de secretário, relator da Direcção e presidente do Conselho Fiscal em vários mandatos na Assembleia Recreativa de Barreiros nas décadas de 40 e 50.

conceituadas bandas do Norte do país e as várias barracas de diversões que se distribuíam nas zonas circundantes da Igreja Matriz e nas sombras das árvores da Quinta da Boavista.

Por esta altura também se organizava uma Feira de gado<sup>15</sup>, onde se reunia os melhores espécimes de animais e os mais afamados criadores da Maia e concelhos vizinhos. Esta multiplicidade de eventos e constante correria nos dias que antecediam e durante a própria Festa é constatada pelas palavras de Maria de Fátima Taveira<sup>16</sup> «*sou sucessora da minha mãe, que foi zeladora do altar de Nossa Senhora do Bom Despacho, desde o ano de 1930. (...) Tenho bem presente as sextas-feiras do Bom Despacho, em que toda a noite se trabalhava na decoração dos altares, limpeza da igreja, nos ensaios do coro e todas as zeladoras andavam numa dobadoira constante. A casa paroquial tinha toda a noite as luzes acesas, para o que fosse preciso para a igreja. A “barraquinha do caldo verde” com toda a azáfama daquelas jovens, que faziam uma algazarra própria da sua juventude, parecendo bandos de andorinhas agitadas, em noites quentes de Verão».*

Analizando o programa de ano seguinte, em 1953 [Figura 13], encontramos os nomes dos membros da Comissão de Festas: presidente – Eng. Moreira de Figueiredo; secretário: Joaquim de Oliveira Júnior: tesoureiro: José Joaquim da Sousa Maia e mais dezanove elementos como vogais. Também encontramos os tradicionais anúncios dos estabelecimentos da época, alguns deles nomes ainda hoje facilmente recordados: a Sonolux, agente oficial da Philips e Oliva; a drogaria de Rodrigo Ferreira da Silva; a Farmácia Bom Despacho; a Auto-Moderna, do Castêlo da Maia; a mercearia Moderna de Delfim Marques de Oliveira, de Vila Nova da Telha; as Padarias Costa, de Catassol; a Farmácia do Castêlo de Feliciano Gomes Ruiz; a Lar Sol da Rua Augusto Simões e até, os Produtos Orgia de Eduardo Paulo Pereira Maia, do lugar de Parada.

As páginas centrais são dedicadas ao novo plano de urbanização da Quinta dos Moinhos do lugar de Real, propriedade de António de Aguiar Borges. É feita a referência à realização de um Grande Festival Hípico, responsabilidade da Comissão de Festas, com o patrocínio da Câmara Municipal e a colaboração da GNR, Mocidade Portuguesa, Sport Club do Porto e Regimento de Cavalaria 6.

Já para o ano de 1956 [Figura 14], os membros da Comissão de Festas estavam assim distribuídos: presidente - Abel de Sousa Fernandes; secretário - Domingos Nogueira da Costa; tesoureiro - José Joaquim da Sousa Maia e como vogais: Padre Pinheiro Duarte, Eduardo Teixeira, Quintino Oliveira, Pedro Calheiros e Menezes, António Loureiro Júnior, Eduardo Teixeira Dias, José da Silva Maia, João Artur da Fonseca, Luciano de Sá Moreira, Manuel Marques Carvalho, António Joaquim da Hora, Manuel dos Santos Maciel, Manuel Moreira Marques. O delegado pela Câmara Municipal era o Eng. Moreira de Figueiredo. A influência camarária tornava-se evidente na organização das Festas, até porque, por intervenção directa do Dr. Carlos Pires Felgueiras, o feriado concelhio, passou a ser conhecido pelo Dia das Inaugurações<sup>17</sup>.

15 Este espaço estava situado onde hoje se encontra acontece a feira semanal, responsabilidade da Câmara Municipal. Também é aí que se realiza a mostra agrícola da Cooperativa Agrícola da Maia, onde os associados da Cooperativa têm a oportunidade de exibir aquilo que produzem.

16 Padre José Pinheiro Duarte, 1909-1992 : "sou aquilo que pude ser" : fotobiografia e testemunhos / dir. introd. Joaquim Loureiro. - 1<sup>a</sup> ed. - Maia : Câmara Municipal, 2009, p.119

17 O programa das Festas editado em 1956 também se pode considerar como um roteiro da Maia, pois refere os locais de obras e novos edifícios: como o Edifício da Direcção de Estradas do Porto, inaugurado em 1948; o posto hospitalar da Casa da Misericórdia da Maia, de 7-3-1956; o Matadouro Municipal da Maia, junto ao rio Almorode, no lugar da Agra em Milheirós; a estalagem do Galo e do Lidor, locais que serviram de estágio da seleção nacional de Hóquei em Patins em 1952 e 1956, respectivamente; o papel do Bombeiros Voluntários de Moreira; o Grémio do Comércio fundado em 1912; o Aero Clube do Porto; o Cine-Teatro da Maia, propriedade de Joaquim Dias de Almeida e à maior riqueza do concelho: a Lavoura e os honrados trabalhadores do campo, destacando-se a figura do Comendador Augusto Simões Ferreira da Silva.



Figura 11 - Revista *O Século Ilustrado* 1940



Figura 12 - Bilhete do sorteio 1942



Figura 13 - Programa das Festas 1953



Figura 14 - Programa das Festas 1956

Na brochura lançada nesse ano pela Comissão de Festas, Álvaro do Céu Oliveira<sup>18</sup> relata o que seria o “antigo Bom Despacho” e outro mais recente, por volta de 1940 e anos seguintes. O antigo, de uma forma resumida, era identificado como o «*dos pescadores de pés descalços, calças arregaçadas, camisola de lã grossa e cachimbo na boca e alguns patacos no bolso para beber a pinga de Santo Tirso, de uvas colhidas e pisadas em Barreiros*». Os excessos que por vezes aconteciam levavam a que o arraial fosse, sim, mas de pancadaria... Já a Festa «mais recente», muito por culpa dos homens e do progresso, aliado ao aparecimento da camionagem terá dado a grande machadada no que a romaria tinha da mais pitoresca e tradicional: os ranchos de forasteiros que invadiam as estradas e caminhos aliados ao aparecimento dos alto-falantes, «*essa praga do nosso tempo, que tanta originalidade roubou às nossas festas*. A juventude passou a dançar ao som do fado ou do tango, que saía a um tom e velocidade dificilmente acompanhado pelos arcaicos altifalantes»<sup>19</sup>.

Como patrocinadores, contamos os Estores Vitória da Rua D. Afonso Henriques; a CITECE da Rua Nova da Giesta na Areosa; a Estalagem Lidoras nas Guardeiras; o construtor civil Serafim da Silva Ramos de Avioso; o mestre montante Domingos da Silva Tiago do Alto da Maia; automóveis de aluguer de Juvenal Ferreira da Costa na Praça do Município; a Auto Moderna da Maia de Domingos Nogueira da Costa em Gueifães; a padaria e mercearia de José Ferreira Lima de Aldeia Nova; a estalagem do Galo no Chiolo; a garagem Coutinho no Alto da Maia; A Pensão Avenida, a Fábrica Competidora ou A Requieira de Hernâni Pereira da Silva no Câstelo da Maia, entre outros.

Pela primeira vez surge um texto sobre o aspecto turístico da Maia, da autoria de Artur Marques. Ái enumera-se os locais de destaque na paisagem do concelho, juntamente com uma pequena descrição da sua história: as estalagens do Galo, da Efigéia e do Lidoras e as pensões do Câstelo; o Aeroporto do Porto; o Campo do Exército Libertador e o Mosteiro de Moreira; o Café-Restaurante Miramaia e o edifício Lidoras, obra de Albino da Costa Mendes, que do alto do seu terceiro andar permitia vislumbrar a pequena mas graciosa Praça do Município, a Maia e grande parte dos concelhos vizinhos. Ao lado, surgia a Alameda da República, depois as capelas do Encontro e do Calvário e finalmente, a Igreja de S. Miguel.

Relativamente a grupos folclóricos, a Comissão de Festas, quis no seu dia grande, «a alma da Maia», composta pelos seus conjuntos mais representativos: O Grupo Desportivo e Recreativo Flor de Pedrouços, fundado em 1919; A Associação Recreativa Os Bairristas do Formigueiro, iniciado em 1938 e a Associação Cultural e Recreativa Os Fontineiros da Maia fundada em 1951. Depreende-se que estas colectividades actuaram na festividade. Já nas colectividades enumeradas, salienta-se o Sport Clube Castêlo da Maia, o Pedrouços Atlético Clube, o Futebol Clube da Maia e o Futebol Clube de Pedras Rubras.

Só em 1958 é que as Festas voltaram ao interior da Quinta da Boavista, retomando a tradição já secular. Segundo as palavras de Samuel Gramaxo, estas voltaram muito por «culpa» do novo Presidente de Câmara, Coronel Carlos Moreira. Samuel não «morria de amores» por Carlos Pires Felgueiras e esse facto também poderá ter contribuído para as festas só voltarem após o falecimento deste ocorrido em 1957: «*Este ano pediu-me para abrir a Quinta pelas Festas do Bom Despacho e eu cedi, só para o povo passear e merendar mas sem barracas. A Quinta já está fechada há 10 anos, e este ano a festa já meteu mais gente, talvez devido a este facto*», afirmou Gramaxo. Poucos meses depois, Samuel Gramaxo faleceu e continuou-se com a tradição de abertura da quinta.

18 Festas do Concelho da Maia, Programa 1956, Dois Apontamentos sobre a Romaria de Nossa Senhora do Bom Despacho, pág. 7

19 Termina o texto com uma chamada de atenção para a transformação urgente das Festas, seria premente corresponder à categoria que lhes impuseram à fama de grande romaria, à grandeza e tradição da Maia. Aliás, “têm de ser Festas Concelhias na verdadeira acepção do termo”. O apoio da Câmara teria de aumentar, alicerçado pelo comércio, indústria e povo do concelho. Os peditórios e magro subsídio camarário já não chegavam para tamanha «empreitada». Remata com uma alfinetada: «ninguém quererá ver a romaria de Nossa Senhora do Bom Despacho transformada em vulgar rifa da mais recôndita aldeola de Portugal. O bom senso triunfará. E ainda é tempo de arrepia caminho».

A festa mantinha um quadro pitoresco e de cariz popular, como afirmou Álvaro do Céu Oliveira: - «misturam-se as preces com a alegria popular enquanto em recintos especiais, bandas de música, das mais afamadas do norte do país, deliciam os romeiros com concertos consecutivos e as barracas de diversões albergam os curiosos, sempre prontos a aplaudir as habilidades dos artistas. De momento toda a algazarra parou. Vai passar a procissão da Senhora do Bom Despacho. O rico andor, majestoso e imponente, é transportado aos ombros de 16 pescadores que desde manhã cedo disputaram a honra de o levar. Na frente, já não se distinguem os guiões, as bandeiras e as cruzes paroquiais... Passaram os andores de S. Miguel, de Nossa Senhora de Fátima e da Padroeira de Portugal, precedidos de dezenas de figuras alegóricas. Depois do Pálio, orgulhosos das suas vestes, a Confraria do Bom Despacho que tanto tem trabalhado pelo engrandecimento das Festas do Concelho.

*Os sinos e os morteiros anunciam que recolheu mais uma tradicional procissão. Mas a romaria continua. O povo não se cansa de cantar e dançar. E à despedida faz promessa de para o ano cá voltar – se assim a Senhora lhe dê vida e saúde...».*

### ***EM JEITO DE CONCLUSÃO***

Esta tentativa de abordagem ao crescimento, organização e transformação das Festas do Bom Despacho não termina aqui. Muito haveria ainda para desbravar. Merecia uma incursão mais profunda em momentos como os concursos hípicos ou a inauguração do painel do concurso “Cantai as vossas terras”, só para dar dois exemplos. Também ficaram de fora as múltiplas referências que constam no jornal Diário do Norte, principalmente na década de 50. Ficam para outras «núpcias».

Mesmo assim, acho que cumprimos a missão de trazer alguma luz sobre um momento relevante para a nossa história local. Registamos o crescimento das Festas, o envolvimento da comunidade e a determinante acção de Samuel Gramaxo entre a década de 30 e 40. Enquanto terra de fé, a Maia procurou conjugar as tradições e o espírito de modernidade, marca ainda hoje característica em múltiplos domínios.

A dimensão da simbólica religiosa é, sem dúvida, aquela que tem garantido com maior força, a preservação desta tradição secular que resiste ao tempo e às mudanças que naturalmente acarreta (DIAS, p.3). Continuamos com a devoção a Nossa Senhora do Bom Despacho. As Festas vão-se mantendo, adaptadas aos dias de hoje, evoluindo, embora nem sempre respeitando a tradição.

Terminamos com os versos cantados pelo Grupo Unidos Afonso Cordeiro em 1936, elucidativa do longínquo espírito e da devoção que tentamos aflorar.

*Senhora do Bom Despacho  
De Barreiros padroeira  
Nós vimos aqui cantar  
E dançar a ramaldeira  
Daí a vossa protecção  
À nossa linda bandeira*

*Senhora do Bom Despacho  
Nós somos da beira-mar  
Viemos de lá de baixo  
A vós, ó Virgem rogar;  
Protegei os pescadores  
Que andam nas águas do mar.*



Figura 15 - Festas de Nossa Senhora do Bom Despacho, 1941

#### BIBLIOGRAFIA

- ALVES, Daniela; BARBOSA, Hélder, *Histórias e memórias das quintas da freguesia da Maia - Maia* : Fundação Gramaxo, 2016
- DIAS, Vitor, in *Festas do Concelho 2008*, *Maia Magazine* nº17, 2008
- GENS, Manuel, *Antologia Usos e Costumes do Douro Litoral*, 3.ª ed., Maia: Edição do Autor, 1997
- MAIA, Manuel Joaquim da Costa, *Achegas de Monografia da Vila da Maia*, Câmara Municipal da Maia, 1986
- MARQUES, José Augusto Maia, *Cadernos do Mosteiro* nº2 *Páginas de Memória*, Câmara Municipal da Maia, 2001
- MENEZES, Rui Teles de, *Revista da Maia*, nova série Ano II, nº1, 2017
- OLIVEIRA, Álvaro do Céu, *Almanaque da Maia*: edit. autor, Maia, 1952
- OLIVEIRA, Álvaro do Céu coord., *Almanaque da Maia*: Publimaia, Maia, 1983
- Padre José Pinheiro Duarte, 1909-1992 : "sou aquilo que pude ser" : fotobiografia e testemunhos / dir. introd. Joaquim Loureiro. - 1ª ed. - Maia : Câmara Municipal, 2009
- Festas do Concelho da Maia, Programa 1956: Comissão de Festas, Maia, 1956*
- Programa Festas do Concelho da Maia 1953: Comissão de Festas, Maia, 1953*

#### IMPRENSA

- Jornal Voz da Maia, Jornal da Maia, Maia Hoje, O Rio, Defesa de Gondomar, Comércio do Porto, Primeiro de Janeiro, Jornal de Notícias, Revista O Século Ilustrado*

#### FONTES MANUSCRITAS

- Fundo Fundação Gramaxo
- Arquivo Municipal da Maia
- [www.paroquiamaima.net/site/noticias/read.php?id=0243/#noticia1](http://www.paroquiamaima.net/site/noticias/read.php?id=0243/#noticia1)
- [www.maiahoje.pt/wp-content/uploads/2024/02/MAIA\\_578.pdf](http://www.maiahoje.pt/wp-content/uploads/2024/02/MAIA_578.pdf)

# *Carlos Ferreira da Silva*

Manuel Tonel Marques

Se há personalidade que foi marcante na vida social, política e económica da comunidade Gueifanense e Maiata, essa figura foi Carlos Ferreira da Silva, que merece destacada referência por toda uma vida dedicada a causas públicas e sociais, independentemente do juízo que à luz do tempo atual possamos fazer sobre essa personalidade.

Mas, para melhor conhecer este cidadão, nada como aqui transcrever as palavras do Padre Afonso Silva, no prefácio da reedição do Resumo Descritivo das Solenes Inaugurações da Escola Príncipe da Beira:

“Bem haja, designadamente, o Exmo Snr. Carlos Ferreira da Silva, gueifanense cem por cento, que em toda a parte e sempre é, como todos reconhecem, o arauto-mór nas incruentas mas ardorosas pugnas em prol de Gueifães, o indomável paladino dos seus direitos e o impertérrito defensor dos seus interesses”

E continua: ”Com a lança da sua inteligência brilhante e da sua rija témpera tem, qual outro Lidor, tem passado boa porção da sua existência a lidar em benefício do progresso da sua terra natal”.

Carlos Ferreira da Silva, no seu longo percurso de vida vai ocupar cargos políticos e sociais, entre 1919 e 1971, lugares de Presidente de Junta, por mais que uma vez, vereador na Câmara da Maia por diversas vezes e em outros órgãos sociais e profissionais.

Nasceu no lugar de Enxinhães em Gueifães a 11 de março de 1894, filho de José Maria Ferreira da Silva e Albina Oliveira Mouta, em casa dos avós maternos, Agostinho Carlos da Silva e Ana Joaquina de Jesus, residentes no caminho para os moinhos do Valentim (hoje travessa dos Moinhos).

Feliz coincidência a do seu nascimento, pois nasce cinco dias depois da inauguração da Escola Príncipe da Beira, na mesma casa onde nasceu seu tio materno, Joaquim Carlos da Silva, o benemérito doador da Escola, a quem o Rei D. Carlos atribuiu o título de Visconde.

Com seis meses de idade vai viver com seus pais para o lugar das Carvalhas, também na mesma freguesia, onde passou a residir.

Em finais de 1897, com três anos de idade parte, com sua mãe e irmã Maria para São Paulo no Brasil, onde seu pai se encontrava a trabalhar como encarregado de pedreiro e possuía uma mercearia de secos e molhados em sociedade com o seu conterrâneo e vizinho, Joaquim da Silva Lessa.

O passaporte da mãe é emitido a 11 setembro de 1897, com inclusão de Carlos e Maria, de 3 e 2 anos, respetivamente, e como abonador, o seu irmão, o Visconde de Gueifães.

No Brasil nasceram os irmãos António e Rosa, e em 1900 regressa toda a família a Portugal, indo residir temporariamente em casa de seu tio Manuel Ferreira Pinto, hoje propriedade dos herdeiros de Avelino Augusto Pinto, na rua 5 de Outubro, durante dois meses, regressando posteriormente à casa das Carvalhas.

Seu pai, como encarregado de pedreiro do mestre Leites, de São Mamede, vai dirigir os trabalhos de construção do edifício da Câmara da Maia e do prédio da Fabrilaca, mais tarde Robbialac, em Gueifães.

Aos seis anos frequentou a escola Príncipe da Beira, tendo como professora sua tia, a Prof<sup>a</sup> D<sup>a</sup> Maria Ferreira da Cruz, e realiza aos 10 anos o exame do 2º grau em Vila do Conde com a classificação de distinção.

A partir de 1906, o pai passa a exercer a profissão de mestre pedreiro e, sendo analfabeto, mal assinava o seu nome; era ele que lhe fazia as operações de medição dos projetos para efeito dos orçamentos.



Figura 1 - Carlos Ferreira da Silva com 18 anos



Figura 2 - Cerimónia Inaugural da Junta de Freguesia 2-05-1954



Figura 3 - Inauguração da Junta 2-05-1954

Com 14 anos foi trabalhar como servente de pedreiro e deslocava-se a pé, ida e volta de Gueifães para o Porto, tendo o salário de cem reis por dia. Sua mãe dava-lhe trinta reis por dia para o caldo e levava pão de casa *[Figura 1]*.

A 17 de fevereiro 1916, com 22 anos, casa com Ana Rosa da Silva Santos, leiteira, sua vizinha que vivia em frente à sua casa e onde após o casamento passa a residir na companhia dos sogros.

Após o casamento, continua a trabalhar, agora como encarregado de pedreiro, com o ordenado de 500 reis diáários. Sua mulher continua com a distribuição de leite entre São Mamede e Porto.

Em 1919 com 25 anos o pai mandou-o praticar Administração de obras e em 1922 com 28 anos deu-lhe sociedade até ao seu falecimento em 1948. Nesse mesmo ano é eleito presidente da Junta a 13 de julho e toma posse a 12 de agosto até final de dezembro de 1922, quando é eleito senador substituto da Câmara Municipal, passando a efetivo em janeiro de 1923.

Em 1925 é eleito vereador da Câmara, como efetivo, com o pelouro das obras a partir de 2 janeiro de 1926 até ao ano de 1944, com algumas pequenas interrupções.

Esteve presente na inauguração da iluminação pública de Gueifães, ocorrida a 12 de fevereiro de 1928. Assim, acompanhados pelo povo no lugar de Muniche, assistiram à iluminação de 20 lâmpadas na presença do Presidente da Comissão Administrativa do Concelho da Maia, Dr. António dos Santos, de Domingos José Dias Seabra, Presidente da Junta de freguesia de Gueifães. Pelas 18:00, o Dr. António dos Santos rodou o manípulo da ligação da corrente eléctrica instalada na cabine designada para o efeito. Acto contínuo, acenderam-se as lâmpadas que iluminavam a povoação, arrancando fortes aplausos dos habitantes do lugar. Depois de lido o texto inaugural pelo presidente da comissão promotora da inauguração, o Sr. Carlos Ferreira da Silva, foi assinado por este, juntamente com os representantes da Empreza da Luz Eléctrica, os Senhores João Rodrigues Sequeira e Artur Cupertino de Miranda.

Carlos Ferreira da Silva, António dos Santos, Domingos José Dias Seabra, Paulino da Silva, João Rodrigues Sequeira, Artur Cupertino de Miranda, António Joaquim Miranda ten. d'art, Augusto Simões Ferreira da Silva, Gustavo d'Avila Perez, António Ribeiro Menano, ten. d'art, João Ferreira Machado, Arnaldo Pereira da Silva do Jornal de Notícias, «O Comércio do Porto», por «A Voz» Silva Couto, José da Silva Braga, José Nunes de Almeida, Abel Lourenço, Domingos Carlos da Cruz e Silva por «A Voz», José Carlos da Cruz e Silva, António dos Santos Quelhas, Amadeu Tomé dos Santos Rebelo, Alberto César, Joaquim António Pinto, David Soares de Almeida, Segismundo Soares de Almeida, Joaquim da Silva Lessa regedor, Manuel de Oliveira Marques, António Teixeira de Camacho, Américo Santos Leite, Manuel Ferreira Pinto.

Em 1939 oferece à Banda Marcial de Gueifães um “Carrilhão” e promove um sorteio para aquisição de uma farda. No ano de 1940 é nomeado Presidente da Comissão Reguladora dos Géneros Alimentícios da Maia.

Em 1945 é nomeado Presidente da Junta de Freguesia de Gueifães; toma posse a 2 de janeiro de 1946 até final de 1954, durante cujo mandato foi construído o edifício sede da Junta, inaugurado a 2 de maio de 1954, dia e festa da S<sup>a</sup> da Saúde. Estiveram presentes nesta inauguração o Dr. Domingos Braga da Cruz, Governador Civil, o Dr. Carlos Pires Felgueiras, Presidente da Câmara da Maia, vereadores camarários, membros do executivo da Junta e demais população *[Figura 2 e 3]*.

Fez parte em 1950 da Associação dos Mestres da Construção Civil até à sua transformação em Grémio em 1952, onde passa a desempenhar o cargo de Secretário, durante dezasseis anos.

Após a morte de sua mãe em 1951, fez partilha com seus irmãos e passou a exercer por sua conta a Indústria de Construção Civil até 1965, ano em que deu sociedade a dois sobrinhos e colaboradores, Joaquim e José com 40% a cada um, reservando para si 20%.

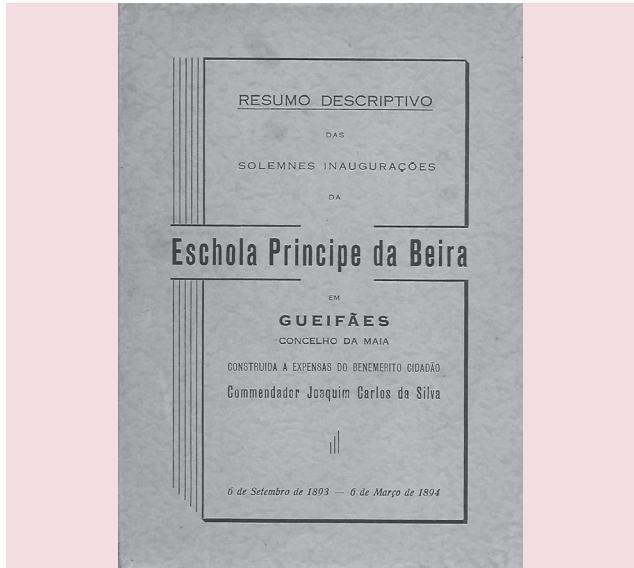


Figura 4 - Livro sobre a Inauguração da Escola Príncipe da Beira



Figura 5 - Casa Ana da Fonte



Figura 6 - Inauguração últimas habitações 31-03-1969  
Património dos Pobres



Figura 7 - Almoço Repartição Técnica em 1966, tendo ao seu lado o Eng. Moreira de Figueiredo

Em 1952 custeou a reedição da publicação “RESUMO DESCRIPTIVO DAS SOLEMNES INAUGURAÇÕES DA ESCHOLA PRÍNCIPE DA BEIRA”, destinando a quase totalidade dos exemplares ao Conselho Paroquial, que aplicará o rendimento da sua venda na aquisição de uns sinos novos para a torre da Igreja Matriz *[Figura 4]*.

No ano de 1954 oferece um terreno com 1500 m<sup>2</sup>, para a construção de um conjunto de habitações denominado Património dos Pobres, destinado a famílias carenciadas, no âmbito da “OBRA DO PADRE AMÉRICO”, tendo também custeado a construção duma habitação que recebeu o nome da sua mulher, Ana da Fonte *[Figura 5]*. As últimas habitações são inauguradas a 31 de março de 1969 *[Figura 6]*. Hoje já não existem. Deram lugar a um jardim público junto do pavilhão da Nortecoope, que recebeu a designação de Jardim do Património, em memória desse passado.

É nomeado vereador efetivo da Câmara em 1960 com o pelouro das obras até ao ano de 1971. No ano de 1961 passa a residir na rua do Padre Américo onde sua esposa, Ana Rosa Silva Santos, viria a falecer em 1965.

Em 1963 oferece à Conferência de S. Vicente de Paulo a quantia de quatro mil escudos. Em 1964 oferece à Santa Casa da Misericórdia da Maia, a quantia de quinze mil escudos *[Figura 7]*.

No início de 1964 oferece casa para funcionar o Dispensário Materno Infantil de Gueifães, que serviu toda a população do Concelho da Maia, e aí se manteve até final de 1970, transitando depois para as instalações da Misericórdia da Maia à Av. Visconde de Barreiros.

A propósito destas instalações recebeu o sr. Carlos Ferreira da Silva em 8 de outubro de 1970 do Instituto Materno “Zona Norte”, o seguinte ofício:

*“Como é do conhecimento de V.Exa. foi encerrado o Dispensário Materno Infantil de Gueifães que ali se encontrava a funcionar há cerca de 6 anos, instalado no prédio por V.Exa. graciosamente cedido para o efeito. Prestou assim, V.Exa. ajuda valiosa à solução dos problemas de assistência materno infantil desse extenso e populoso concelho”.*

Em finais de 1964 ofereceu habitação ao Padre Afonso Silva, pároco de Gueifães desde 1946, que, por grave motivo de saúde, ficou impossibilitado de se manter responsável pela Paróquia até à data do seu falecimento, a 23 de novembro de 1968.

Em 20 de dezembro de 1964, o Jornal de Notícias publicava:

### **250 CONTOS PARA UMA CANTINA ESCOLAR EM GUEIFÃES**

*O subsecretário de Estado da Administração Escolar, sr. Prof. Dr. Alberto Carlos de Brito, recebeu ontem os srs. Governador civil do Porto e o presidente da Câmara Municipal da Maia que lhe fizeram entrega de um cheque de 250 contos, importância oferecida pelo benemérito sr. Carlos Ferreira da Silva, construtor civil, morador em Gueifães daquele concelho, para manutenção de uma cantina escolar na referida freguesia.*

*Essa cantina escolar terá a designação «Ana da Fonte», em homenagem à esposa do ofertante e será edificada junto à Escola Príncipe da Beira no núcleo da Igreja, doada pelo sr. Visconde de Gueifães, tio do sr. Carlos Ferreira da Silva.*

*Aquele membro do governo agradeceu a oferta com palavras do maior elogio para o referido benemérito.*

No Diário do Governo I série nº 57, de 9 de março de 1965, é publicado o Decreto-Lei nº 46220, que aceita a oferta do doador para a Cantina e estabelece as normas de funcionamento da mesma.



Figura 8 - Inauguração autocarro Z



Figura 9 - Alvará Grau de Oficial da Ordem de Benemerência



Figura 10 - Condecoração pelo Coronel Moreira-30 de Agosto de 1969



Figura 11 - Condecoração 30 de Agosto de 1969



Figura 12 - Inauguração da Cantina Ana da Fonte 27 Jul 1969



Figura 13 - Inauguração da Cantina Ana da Fonte em 27 de Julho de 1969



Figura 14 - Cortejo Misericórdia da Maia 1970

Usando da faculdade conferida pela 1<sup>a</sup> parte do nº2 do artigo 100º da Constituição, o Governo decreta e eu promulgo, para valer como lei o seguinte:

Art. 1º – Nos termos do nº1 do artigo 69º do decreto 38969 de 27 de outubro de 1952, é autorizado o Governo, pelo Ministério da Educação Nacional, a aceitar do benemérito Carlos Ferreira da Silva a importância de 250 000\$00 para fundo de manutenção da Cantina Escolar de Ana da Fonte, anexa às Escolas do núcleo da Igreja, freguesia de Gueifães, concelho da Maia.

Art. 2º - A administração da Cantina é autónoma e atribuída a uma Comissão de, pelo menos, três membros, nomeada pelo Ministro da Educação Nacional, da qual farão parte dois agentes de ensino e, como presidente, o benemérito ou um seu representante.

Art. 3º - Ao doador é reservado o privilégio de indicar dois professores para o preenchimento de vagas existentes das escolas do núcleo beneficiado pela Cantina ou que no mesmo núcleo venham a verificar-se durante o prazo de dez anos, após a publicação do presente diploma.

No ano de 1965 é inaugurada a linha Z de autocarro dos STCP (mais tarde 95), pela qual lutou para que esta linha atravessasse Gueifães desde o lugar do Arquinho até ao Lar do Comércio. Conseguimos identificar atrás, de bigode, Guilhermino de Sousa Vieira (irmão do Dr. Germano Vieira), e na frente, Dr. Araújo de Barros, Carlos Ferreira da Silva, Carlos Moreira, Carlos Cordoeiro e Joaquim Dias de Almeida, proprietário do Cine-Teatro da Maia *[Figura 8]*.

Nessa altura, a maioria das ruas estava em macadame o que dificultava o trânsito de autocarros. Carlos Ferreira da Silva incentivou os moradores das diversas ruas a recolherem donativos, no sentido de forçarem à pavimentação desses arruamentos a cubos, pela Câmara, para que o pavimento não fosse motivo de impedimento da criação dessa linha. Por exemplo, na rua Luís da Silva Neves, entre o Arquinho e o entroncamento com a rua, hoje D<sup>a</sup> Maria Ferreira da Cruz, obteve-se um valor de 7.500\$00, que a valores de hoje representaria cerca de 2.800 euros. Nessa altura e também por esse motivo, é efetuado o alargamento no lugar dos Marianos entre as propriedades da família Campainha.

Em 25 de fevereiro de 1967 casa, em segundas núpcias, com Maria Rosa Vieira, passando a residir em S. Mamede até 1968, altura em que constrói a sua habitação no lugar da Igreja, onde passa a residir.

A 27 de julho de 1969 é inaugurada a Cantina “Ana da Fonte” em homenagem à sua primeira esposa, com a presença do Dr. Fonseca Jorge, Governador Civil, do Coronel Carlos Moreira, Presidente da Câmara Municipal da Maia e demais entidades, civis e religiosas.

Por alvará de 14 de julho de 1969, é-lhe concedido pelo Sr. Presidente da República a condecoração do “Grau de Oficial da Ordem da Benemerência”, com a respetiva publicação oficial no Diário do Governo, II série de 5 de agosto de 1969 *[Figura 9]*. Em 30 de agosto do mesmo ano, em cerimónia que decorreu na Cantina Ana da Fonte, recebe essa condecoração pelo Coronel Carlos Moreira, presidente da Câmara da Maia, na presença de familiares e amigos *[Figura 10 a 13]*.

Em 1970 faz parte do Conselho de Administração dos Serviços Municipalizados da Maia. Também neste ano promove e apoia uma representação de Gueifanenses num cortejo de oferendas a favor da Misericórdia da Maia *[Figura 14]*. Em abril de 1970, conjuntamente com mais 27 Gueifanenses, constitui a Sociedade de Empreendimentos Imobiliários, Gueimaia, da qual foi um dos principais promotores, com vista a urbanizar a quinta da Família Santos Lessa, com o objetivo de aí construir uma nova Igreja. Com os diretores da Gueimaia e, depois de ter abandonado as funções de vereador e obras da Câmara da Maia, desenvolve todos os esforços para a concretização dos objetivos com que esta sociedade foi criada, em especial e principalmente a construção da nova Igreja, como já foi referido.



Figura 15 - Homenagem descerramento placa toponímica



Figura 16 - Busto Carlos Ferreira da Silva

Ele próprio contribuiu diversas vezes para a construção da nova Igreja com valores de aproximadamente de um milhão e quinhentos mil escudos, até ao seu falecimento, em 16 de janeiro de 1978.

Por deliberação da Assembleia de Freguesia de 31 de janeiro de 1991 é aprovada uma proposta, por unanimidade, para a atribuição do seu nome à Avenida da Escola EB,2,3 de Gueifães.

A 12 de março de 1994, no centenário do seu nascimento, é-lhe prestada uma homenagem, com o descerramento de uma Placa toponímica na Avenida da Escola EB,2,3 de Gueifães, com a presença de D<sup>a</sup> Rosa Vieira, sua viúva e que descerrou a placa, do Prof. Vieira de Carvalho, Presidente da Câmara Municipal, do Sr. Luciano Gomes, Presidente da Assembleia Municipal, do Sr. Alberto Monteiro, Presidente da Junta de Freguesia, do Presidente da Assembleia de Freguesia, de familiares do homenageado, dos membros da comissão Organizadora e outros populares *[Figura 15]*.

Descerrada a placa, em nome da comissão organizadora falou Manuel Tonel Marques, lembrando o que foi a sua atividade e as obras por ele legadas. Avelino Augusto Pinto felicitou a comissão pela «justíssima homenagem ao muito querido e saudoso Carlos Ferreira da Silva» e o presidente da Junta Alberto Monteiro, também se referiu ao «homem generoso e defensor da sua terra».

Por fim, o Prof. Vieira de Carvalho, depois de também ter louvado a iniciativa da comissão de se lembrar do centenário, não deixou de dizer que a figura em questão mereceria, talvez, uma «manifestação ainda mais expressiva». Manifestou-se conhecedor de como o Comendador encarava as coisas e a vida, e realçou que ele deixou «sinais evidentes e marcantes do seu amor e do seu bairrismo por Gueifães». Terminou afirmando: «Ele não deixou palavras! Deixou uma obra de interesse pelo progresso e desenvolvimento de Gueifães».

De seguida, todos se dirigiram ao cemitério, para lhe prestarem uma homenagem, depondo uma coroa de flores no seu jazigo. O diácono Jorge Moreira proferiu uma breve oração, seguindo-se uma missa na Igreja Paroquial.

Em 1995, a Câmara Municipal da Maia, presidida pelo Dr. José Vieira de Carvalho, mandou construir um monumento com um busto, da autoria do escultor Manuel Cabral, que ficou implantado na rotunda da Avenida com o seu nome *[Figura 16]*.

As suas marcas / obras em que interveio como vereador ou como presidente de junta relacionadas com Gueifães, para além das já mencionadas foram as seguintes:

- Estrada Municipal do lugar da Agra a Santana, rua Luís da Silva Neves;
- Alargamento no lugar das Carvalhas, com demolição de casa que existiu em frente do Santos Leite e entre o cemitério e a residência Paroquial;
- Bomba e poço no lugar dos Penedos para fontenário público;
- Lavadouros públicos na Azenha Nova, Mogos e Arquinho;
- Construção de um edifício escolar de 4 salas e aquisição de terreno para outra e uma cantina;
- Ampliação do cemitério.

Muitas das informações constantes foram recolhidas em memórias do biografado, de testemunhos de familiares, de diários do Governo, do Jornal da Maia e memórias fotográficas.

Podemos por fim dizer que, esta personalidade influente, de acordo com os tempos em que viveu, legou-nos indiscutivelmente obra meritória em prol da sua terra - Gueifães e da Maia.

# *A Ti Carolina, a “Peixeira da Maia”*

Martim Pereira

## ***BREVE APRESENTAÇÃO PESSOAL***

Caros maiatos, o meu nome é Martim Pereira e tenho 11 anos. Vivo na Maia e adoro praticar desporto *[Figura 1]*.

Atualmente, frequento o 7º ano no Agrupamento Gonçalo Mendes da Maia. É nesta escola que passo grande parte do meu dia, na qual divirto-me com os meus amigos e, simultaneamente, procuro adquirir o máximo de conhecimentos possíveis nas aulas. Considero que estas aprendizagens poderão ser a base para concretizar o meu objetivo principal enquanto estudante, ou seja, entrar na Faculdade de Medicina da Universidade do Porto. Não se vislumbra um percurso fácil, tendo plena consciência que pela frente existe um árduo trabalho para conseguir realizar este meu sonho. Estudar numa das melhores e mais exigentes faculdades do país dar-me-ia a oportunidade de vir a ser um bom médico e, consequentemente, reunir excelentes ferramentas que me permitiria ajudar as outras pessoas a melhorar a sua vida e bem-estar.

## ***COMO SURGIU O DESAFIO PARA REALIZAR O RECONHECIMENTO DA “PEIXEIRA DA MAIA”?***

No ano letivo transato, 2023/2024, a Escola Básica 2,3 da Maia, face à comemoração do dia Internacional da Mulher, lançou o desafio aos seus alunos para elaborarem um trabalho digital, o qual reconhecesse mulheres incomuns e relevantes da cidade da Maia.

Para mim foi claro e imediato sobre quem recairia a minha escolha para a elaboração desse trabalho. Não pretendia falar sobre alguém que já tivesse tido reconhecimento na nossa cidade ou mesmo, para além das fronteiras maiatas. Essas mulheres, já tinham tido a sua oportunidade de serem reconhecidas pelos seus grandes feitos. Queria sim falar de uma mulher que embora fosse um símbolo da cidade, porventura, nunca tivera o devido e merecido reconhecimento dos poderes locais. Porém, logo de início tinha uma enorme barreira, pois nem sabia o nome daquela senhora, a “Peixeira da Maia”. Como um mal nunca vêm só, tinha-me apercebido há algum tempo que aquela senhora tinha desaparecido do seu eterno lugar no centro da Maia.

Pedi ajuda aos meus pais, que se disponibilizaram a ajudar-me e fizeram uma publicação numa rede social na procura por informações sobre a “Peixeira da Maia”. De repente, a publicação tornou-se viral e foi inundada de incontáveis comentários sobre aquela grande mulher que era querida para toda a população maiata. No meio dos inúmeros testemunhos, surge uma luz brilhante e destacada! Era um comentário vindo da extremamente gentil família da “Peixeira da Maia”, a qual se disponibilizava imediatamente para dar todas informações que necessitasse para realizar o meu trabalho escolar e até mesmo para visitar e entrevistar aquela grande MULHER *[Figura 2]*.

Estabelecido o contato, combinamos ir passar a tarde a casa da “Peixeira da Maia” para a melhor conhecer e poder ter todos os dados para a elaboração do meu trabalho. E querem saber a melhor? A caminho de casa da “Peixeira da Maia”, percebi que ela vive muito perto da minha, ou seja, a cerca de 500 metros da minha casa. Na realidade, por vezes o mundo parece mesmo muito pequeno.

## ***QUAL O VERDADEIRO MOTIVO DESTE RECONHECIMENTO?***

Tudo começou há muitos anos! Recuemos no tempo para perceber como surgiu esta minha motivação para este reconhecimento.

No banco de trás do carro, lá ia eu a caminho de mais um dia para a escola primária. Sempre que passava pelo centro da Maia, esticava-me para conseguir espreitar para fora pela janela e ver a Ti Carolina, a “Peixeira da Maia”. Dia após dia, lá estava ela naquele recanto. Não era 10 metros à frente, não era do outro lado da rua, era sim no mesmo local de sempre, o seu cantinho. Só a ela pertencia e toda a população já o sabia *[Figura 3 e 4]*.



Figura 1 - O jovem Martim



Figura 2 - Tí Carolina



Figura 3 - No seu lugar cativo



Figura 4 - A fazer o que mais gostava

Foi crescendo dentro de mim o sentimento de ternura pela aquela senhora simples e lutadora. Hoje, sei que ela representou muito mais do que isso. Era sim, genuína e o espelho de uma época que os tempos ditos modernos teimam em apagar. A vida não é só feita de gente importante, mas também de pessoas simples, como foi o caso da Ti Carolina, a “Peixeira da Maia”.

A sua identificação enquanto pessoa incomum e relevante para a cidade da Maia não é apenas um mero formalismo, mas sim, algo que transcende a justiça de tal reconhecimento. Transmitem o meu, porventura o de todos os maiatos, agradecimento por ter feito parte da minha infância, ensinando-me valores, por vezes esquecidos, como humildade e determinação. OBRIGADO Ti Carolina, a “Peixeira da Maia”.

### ***QUEM É TI CAROLINA, A “PEIXEIRA DA MAIA”***

Carolina Martins, hoje com 90 anos [*Figura 5*], trabalhou até aos 87 anos. É uma figura incontornável da Maia, conhecida por todos como a Ti Carolina, a “Peixeira da Maia”. Vendedora ambulante de peixe, no seu carrinho que ao longo dos anos deformou a saliência perfeita naquela árvore em frente ao Novo Banco. Uma mulher marcante para várias gerações. Ao sol, ao frio e à chuva, lá estava a Ti Carolina a vender o seu peixinho fresquinho coberto de gelo e fetos. Aí, compravam sardinha, carapau, chicharro, pescada, faneca e lulas, um verdadeiro manjar para muitos em tempos difíceis. Aquela era a imagem que todos os maiatos tinham como sendo eterna e que o tempo nunca a levaria.

De repente, sem qualquer aviso prévio, o centro da Maia perdeu parte da sua identidade. A nossa Ti Carolina tinha partido! Não por seu desejo! Mas por vontade de algo que ninguém consegue controlar, o tempo! A dignidade com que trabalhou até aos 87 anos já não era condizente com o esforço diário de fazer quilómetros desde a sua casa em Vermoim. A pé, lá vinha ela, carregando a sua banca ambulante [*Figura 6*]. Dia após dia, passo após passo, o centro da Maia foi-se tornando cada vez mais distante e uma realidade prestes a esvanecer-se. Tinha conseguido trabalhar uma eternidade. Não que precisasse, pois felizmente tinha uma vida confortável, mas sim porque fazia-o por gosto e para ajudar os que dela precisavam. Já passaram quase 3 anos desde aquele último e fatídico dia para o recanto do Novo Banco. Aquela árvore perdeu a companhia da sua vida. Hoje, com 90 anos, finalmente reformada e rodeada dos carinhos familiares, a Ti Carolina ainda afirma convictamente como sendo real “para a semana vou vender o meu peixinho fresquinho”. A ti, Ti Carolina, eu e, possivelmente, todos os maiatos agradecemos-te por fazeres parte da nossa vida!

Finalizo, escrevendo a tua resposta à minha última pergunta na entrevista [*Figura 7*]: “Para a próxima semana!”. Sim, sei que o tempo é cruel e já não permite que estejas fisicamente no teu recanto a vender o peixinho fresquinho. Não te preocupes Ti Carolina, pois tenho a certeza que estarás sempre na memória de todos os Maiatos “para a próxima semana”, “para a próxima semana” e “para a próxima semana” ... Estarás sempre eternamente nas nossas memórias!

### ***ENTREVISTA À TI CAROLINA, A “PEIXEIRA DA MAIA”.***

**1<sup>a</sup> Pergunta:** Ti Carolina, quando começou a trabalhar?

**Resposta:** Venho de uma família numerosa e tinha mais 6 irmãos. Estava no 1º ano da escola, quando a minha mãe me disse que não nascera para estudar, mas sim para trabalhar. Assim, tive que abandonar os estudos e começar a trabalhar aos 7 anos de idade até aos 87 anos.

**2<sup>a</sup> Pergunta:** Ainda tem o seu carrinho, pelo qual todos os maiatos lhe reconheciam?

**Resposta:** Ainda o tenho ali guardado. Aquele carrinho foi feito propositadamente para mim e com características específicas, tais como ser leve para não pesar muito nas minhas mãos e ter as dimensões adequadas para levar as duas canastras de peixe. Eu e o carro éramos um só. Nos últimos anos, o carro era a forma de conseguir andar e segurar-me. Apesar de algumas quedas, nunca largava o meu carro.



*Figura 5 - Sempre bem disposta*



*Figura 6 - Uma imagem que todos recordamos (foto de Renato Lainho)*



*Figura 7 - Durante a entrevista*

**3<sup>a</sup> Pergunta:** A que horas começava a trabalhar?

**Resposta:** De terça-feira a sexta-feira, pelas 6h30 apanhava o camião que me levava a Matosinhos regatear a compra do peixe. Pelas 9h00 estava no centro da Maia para começar a vender o peixe fresquinho até às 14h00. Posteriormente, de regresso a casa ainda me deslocava a casa de alguns clientes fixos a fazer as últimas entregas.

**4<sup>a</sup> Pergunta:** Ti Carolina, uma última pergunta. Quando a veremos novamente a vender o seu peixinho fresquinho em frente ao Novo Banco?

**Resposta:** Para a próxima semana!

#### ***ALGUNS COMENTÁRIOS DA PUBLICAÇÃO FEITA NA REDE SOCIAL***

*"Conheço-a desde miúda, é um ser humano incrível."*

*"Desde pequenina que os meus pais lhe compravam peixe, sempre da mesma forma que vendia o peixe, sempre fresquinho. Ajudou muitas famílias para não passarem fome com o seu peixe."*

*"Lembro-me do meu pai dizer que quando era pequeno, era a única casa da rua que tinha televisão, e abria a porta aos miúdos para que pudessem usufruir de tal novidade. Deixava-nos empurrar o seu carrinho do peixe, para que nos sentíssemos úteis e para ver o nosso sorriso no fim da viagem."*

*"Sem dúvida um exemplo de mulher e mesmo com um M grande adorei conhecer a Ti Carolina. Adorava ouvir a gaita e a empurrar o carrinho dela quando era pequena, o peixe era coberto de gelo e fetos."*

*"Lembro-me de ela dizer que "parar era morrer" e, por isso, nunca iria deixar de vender peixe. Infelizmente, a falta de saúde fez com que a fizesse parar de executar o que mais gostava."*

P.S. Entre a elaboração e publicação do texto do Martim, infelizmente, a Ti Carolina deixou-nos fisicamente. Fica para a posteridade as suas palavras de amor a uma profissão e uma sentida homenagem de todos os que se habituaram a vê-la a empurrar a sua banca ambulante.

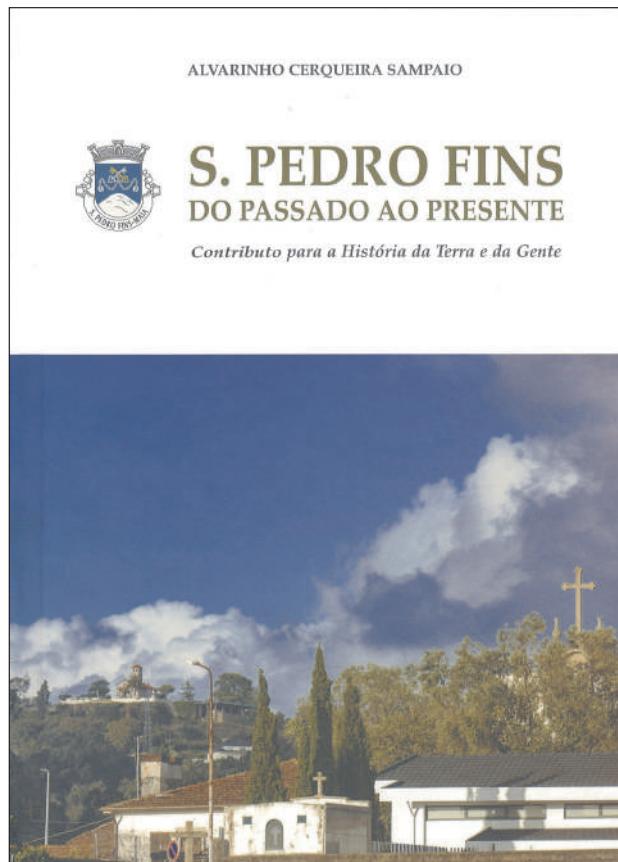
# *Notas de Leitura*

*Com o passar dos anos, a literatura sobre o concelho da Maia vai-se enriquecendo através de novas obras que exploram a sua história, património, cultura, e desenvolvimento, oferecendo um olhar detalhado sobre este território. Segue-se um resumo de publicações de vários autores que por aqui passaram ou se focaram sobre a Maia.*

*Cada um destes livros oferece um recorte específico sobre a nossa terra, fornecendo um entendimento multifacetado da sua história e cultura. Estas publicações serão úteis tanto para leitores interessados em história regional como para pesquisadores.*

**“S. Pedro Fins  
– do Passado ao Presente”**

**Alvarinho Cerqueira Sampaio**



Ainda no ano de 2023, decorreu a 13 de outubro, no Salão Paroquial de S. Pedro Fins, o lançamento do livro “S. Pedro Fins – do Passado ao Presente”, que, para além das estórias e da história que nele encerra, é também um contributo para a história da terra.

O livro tem autoria de Alvarinho Sampaio e vem no seguimento de outros também já lançados pelo antigo presidente da Junta de Freguesia de S. Pedro Fins.

A apresentação esteve a cargo de Joaquim Manuel Marques Gonçalves, seu antecessor no cargo. No final, o autor dedicou largos minutos a autografar livros que a plateia depois pôde apreciar.

Alvarinho Sampaio nasceu em 1943, veio para S. Pedro Fins com oito anos e rapidamente ganhou um gosto especial por este recanto da Maia.

*S. Pedro Fins – do Passado ao Presente*  
Alvarinho Cerqueira Sampaio  
Tipografia Lessa, 2023  
ISBN 978-989-33-5072-0

Desde muito jovem começou a sentir uma grande afeição pela escrita e por S. Pedro Fins. Na sua adolescência colaborou num programa dedicado à juventude e que era transmitido pela Rádio Renascença. Decorria o ano 1959 e, já então, divulgava S. Pedro Fins – a terra que o adoptou.

Na década de sessenta parte para Angola para trabalhar no jornal «ABC de Luanda». Mais tarde vai colaborar voluntariamente nas revistas «Notícias de Luanda» e «Cruzeiro do Sul». Em 1964, já «contagiado» pelo «bichinho africano», parte para Luanda e daqui para Moçambique onde prestou relevantes serviços no «Jornal Notícias de Lourenço Marques».

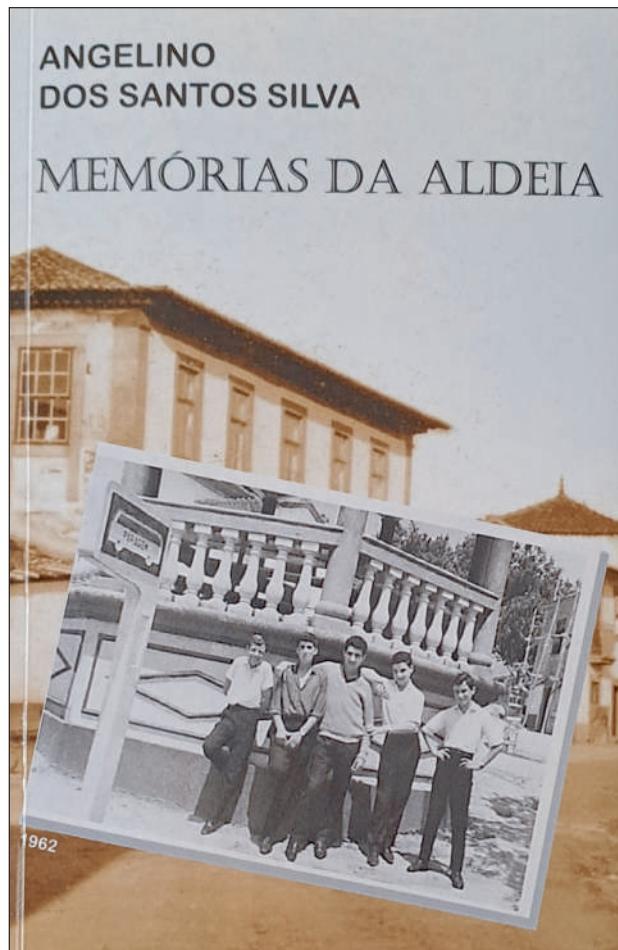
Quando se deu a descolonização portuguesa em África rumou para a África do Sul, onde esteve ligado à actividade gráfica.

Até que em 1996 regressou definitivamente a Portugal e a partir de então, tem trabalhado em prol da comunidade de S. Pedro Fins e muito do seu tempo consagra-o ao estudo das origens e tradições desta terra.

*Rui Teles de Menezes*

## **“Memórias da Aldeia”**

### **Angelino dos Santos Silva**



Angelino dos Santos Silva é Escritor com vários livros editados. Uns autobiográficos, outros de ficção histórica, outros de temas variados. É também poeta com obra publicada e animador de tardes e noites de poesia pelo concelho da Maia. É igualmente um membro ativo do corpo discente do Instituto Cultural da Maia – Universidade Sénior.

Mas este livro é sobre a aldeia que o viu nascer – Recarei, Paredes.

Porque o trago aqui? Porque o que ele nos conta das suas memórias de infância, poderia ser contado a propósito de quase todas as freguesias do concelho da Maia, tal é a semelhança de usos e costumes, de brincadeiras e partidas, de risos e choros.

Aos cinquenta anos, Teixeira de Pascoaes manifestou a intenção de realizar uma autobiografia, para que lhe fosse possível reviver as personagens e os cenários da sua infância, que com o tempo se alteraram. Escreve, assim, "Livro de Memórias", retornando a si mesmo para recriar um passado que cessou de existir.

Foi isto que o Angelino fez, e com uma enorme vantagem. Fê-lo a pensar no futuro. E fê-lo utilizando uma estratégia que, como refiro no prefácio, dá à obra final um valor acrescentado. Entre o Narrador (o autor) e o Público, interpõe-se o Joãozinho, garoto inteligente e interessado. É ele quem faz com que aprendamos muito com este livro, pois estas conversas entre duas pessoas de gerações muito diferentes, são muito produtivas.

*Memórias da Aldeia*  
Angelino dos Santos Silva  
Gugol livreiros, 2023  
ISBN: 978-989-35238-8-9

A estes dois "narradores" juntam-se, perpassando um pouco por toda a obra, três rapazinhos. Um é o próprio Autor, enquanto jovem, e os outros são o Jaime e o Luís, companheiros inseparáveis de folguedos e aventuras.

O trabalho de investigação é, normalmente, uma componente importante do trabalho literário, etnográfico e histórico. Claro que neste caso o autor teve essa tarefa facilitada, já que a vida da aldeia que descreve é baseada na sua própria vivência.

O progresso é inevitável e tem consequências devastadoras para aquilo que é tradicional. Por exemplo, nos campos, os processos tradicionais utilizados tendem a desaparecer. Os modernos são mais rentáveis para os agricultores.

No entanto, não se deverá deixar perder aquele tipo de espólio. Ele deve ser estudado e preservado, para que a história agrícola de uma região se não perca. E o que se passa a este nível deve ser estendido a tudo aquilo que o tempo e o progresso vão substituindo.

Novas tecnologias sobrepõem-se ao que se está a perder. As pessoas preferem ver televisão, jogar computador ou trocar mensagens por telemóvel em detrimento de estarem, um serão, em convívio e partilha de experiências e memórias. Será então o progresso assim tão vantajoso, quando se troca o tradicional por algo mais prático, que confere menos trabalho e preocupação e coloca outros valores em causa? É preciso meditar nesta questão.

No poema de Henrique Lopes de Mendonça, que foi feito Hino Nacional com a música de Alfredo Keil está o verso “Entre as brumas da memória”. Foi por este caminho que andou Angelino Santos Silva. Mas trilhou-o com o duplo sentido de que o passado desse lições ao futuro. Conseguiu-o? Claro que sim. E de uma forma exemplar.

Obrigado por isso. Obrigado por nos ter desnudado o seu íntimo, e por nos ter disponibilizado as suas memórias. Obrigado por ter publicado este livro. Obrigado por ter abdicado de uma parte significativa de si mesmo para que nos pudéssemos deleitar com estas páginas.

Agora, façamos a nossa parte – ler o livro, aprender com ele, trabalhá-lo com os mais novos.

*José Maia Marques*

## ***“Um problema histórico!”***



No dia 12 de dezembro de 2023 procedeu-se à apresentação do livro infantil *“Um Problema Histórico!”*, um projeto da Câmara Municipal da Maia, coordenado por Rui Teles de Menezes, com texto de Rita Pereira e ilustração de Ana Gabriela, numa colaboração com Betweien.

Este livro, especialmente dirigido aos mais pequenos, foi pensado para que os mais novos tomem contacto com a nossa história, que conheçam aqueles que foram os protagonistas mais distintos, os momentos marcantes e os lugares de referência do concelho.

Sofia Barreiros, Chefe de Divisão da Cultura, congratulou-se pela concretização desta iniciativa e realçou a mais-valia na aprendizagem e aquisição de conhecimentos sobre a história da Maia.

Helena Costa, da Betweien, empresa que colaborou na elaboração dos conteúdos, destacou a importância de recordar antigos “ilustres” da Maia, uma bela homenagem aos seus percursos de vida.

*Um problema histórico!*

Textos: Rita Pereira; Ilustração: Ana Gabriela  
Câmara Municipal da Maia, 2023  
ISBN 978-972-8315-91-7

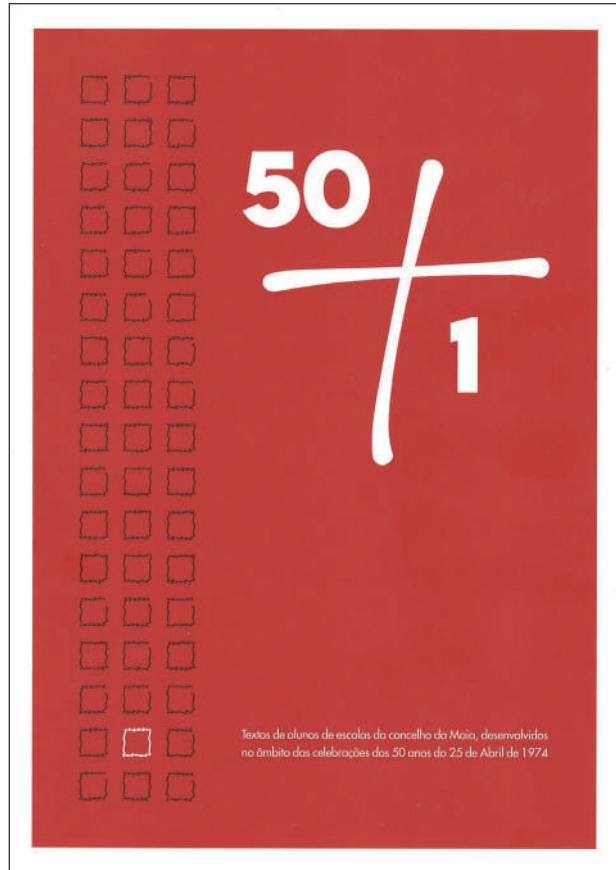
Já Rui Menezes respondeu a várias questões associadas ao livro: como surgiu a ideia, por quê, para quê, para quem e agradeceu a todos os que colaboraram nesta “empreitada”. Depois, muito resumidamente, abordou alguns pormenores da aventura do Gabriel, por terras maiatas.

Esta histórica conta uma viagem pelo tempo do pequeno Gabriel, juntamente com o Dragão da fonte da Quinta dos Cónegos e Gonçalo Mendes da Maia, que perdeu a sua espada. Ao longo da aventura encontramos personalidades que marcaram a Maia, como o Conselheiro Luiz de Magalhães, a violoncelista Guilhermina Suggia, o pintor Mestre Albino Moreira e o Prof. José Vieira de Carvalho, que darão o seu contributo para a resolução deste problema.

Do século XII ao século XXI, a viagem será longa e passará por vários locais: a Quinta do Mosteiro, a Quinta dos Girassóis, a Igreja de Águas Santas, a Praça do Município e a Torre do Lidor.

No final da apresentação procedeu-se à entrega simbólica do livro à turma do 4º ano da EB1 da Giesta, de Pedrouços. Nos meses seguintes, este livro foi oferecido a todos os alunos do 3º e 4º ano dos agrupamentos escolares do concelho da Maia.

*Rui Teles de Menezes*



A 24 de abril de 2024, o palco do Fórum da Maia acolheu a apresentação do livro “50+I”, uma seleção dos textos de alunos de escolas do concelho da Maia, desenvolvidos no âmbito das celebrações dos 50 anos do 25 de Abril de 1974.

Esta publicação é o corolário do desafio lançado pela autarquia à comunidade educativa para reavivar a consciência histórica desta efeméride. Como projeto coletivo, resultado do empenho de docentes e alunos dos sete Agrupamentos de Escolas da Maia, aborda, através de diferentes estilos literários, múltiplos aspetos e facetas do 25 de Abril. Pretende partilhar a visão única das gerações mais jovens que, apesar de distantes no tempo da “Revolução dos Cravos”, conseguem manter viva a memória e o espírito de Abril, graças ao notável trabalho dos seus professores e à riqueza do contacto multigeracional.

50 + I  
Recolha de textos de alunos das escolas do concelho da Maia  
Câmara Municipal da Maia, 2024  
ISBN 978-972-8315-95-5

Inserido num amplo programa que se iniciou em novembro de 2023 e se prolongou por um ano, visou comemorar os 50 anos do 25 de Abril, esta iniciativa teve como objetivo principal - explicar e fazer refletir as gerações mais novas, sobre a sua natureza e importância.

Como refere o vereador do Pelouro da Cultura, Mário Nuno Neves, «a Câmara Municipal da Maia, decidiu, paralelamente às comemorações oficiais a realizar pela Assembleia Municipal, desenvolver um Programa Cultural, envolvendo os seus Pelouros da Cultura, Educação e Juventude, com preocupações lúdicas e pedagógicas, ao nível da aquisição de conhecimentos e estímulo da criatividade, especialmente focado no segmento dos jovens que frequentam o Ensino Secundário».

Como tal, foi elaborado um programa multifacetado composto por conferências, exposições, produção escrita, dança, teatro, cinema, artes plásticas e música, com a participação direta dos Estabelecimentos de Ensino do Município.

*Rui Teles de Menezes*

## “Terramaia #6”



O 25 de Abril de 1974 é um marco histórico para Portugal, significando o fim de um regime ditatorial e o início de um novo caminho para a democracia. Mais do que uma data, é um símbolo de liberdade e o momento que nos permitiu fazer um percurso até um regime democrático. Na Maia, assim como em todo o país, este dia foi recebido com esperança num futuro melhor.

O presente número da Terra Maia identifica-se como uma edição muito marcada pelas comemorações dos 50 anos do 25 de Abril, para o qual o município idealizou um vasto programa cultural ao longo do ano de 2024.

Terramaia #6  
Câmara Municipal da Maia, 2024  
ISBN 978-972-8315-96-2

Segundo José Carlos Portugal, «este número da Terramaia, como se percebe, não segue a estrutura temática padronizada dos números anteriores. É uma forma, também, de se oferecer a integrar o desfile do extenso, substantivo e notável programa das “Comemorações dos 50 Anos do 25 de Abril”. Sabendo o leitor maiato que a Liberdade não é um tema segmentável, por essa razão mesma decisão editorial optou por construir este #06 como um conjunto linear de reflexões tematicamente tão abrangentes como o conceito em si».

Neste número encontramos textos que abordaram o tema de diferentes perspectivas: “50 voltas ao Sol depois, que sombras sob a luz”, de José Carlos Portugal; “As trilogias da Cidade Democrática”, de António Leite Ramalho; “SAAL 1974-2024 O direito à especificidade”, de José António Bandeirinha; “Reflexão sobre a Democracia Representativa e Cidadania, de Mário Nuno Neves; “casa do Povo de Moreira da Maia”, de Armando Mário Moreira Tavares; “A Terra a quem a trabalha – Uma perspectiva da evolução agrícola dos últimos 100 anos”, de Rui Teles de Menezes e no final “Em que País mora o Mundo?”, também de José Carlos Portugal.

*Rui Teles de Menezes*

**“Crónicas de um país sempre adiado”**  
**Pedro Esgalhado**



«Eu, saudosista me confesso, senhores! Não! Não tenho saudades da PIDE. Não tenho saudades da censura. Não tenho saudades do atraso e da pobreza. Não tenho saudades da tacanhez salazarenta que nos condenava à estagnação. Nem tenho saudades da guerra.

Na verdade, não tenho saudades de muitas realidades que quando as vivi ainda não me afectavam porque era demasiado infantil para as perceber - e hoje percebo que muito boa gente avoluma intencionalmente essas realidades apenas para armar aos cucos (muita dessa boa gente é muito mais nova do que eu!) e muita outra gente ainda melhor avoluma ainda mais os aspectos negativos dessas realidades para esconder a realidade actual, que de brilhante tem muito pouco.

De que raio tenho eu, então, saudades?

Tenho saudades da grandeza que fomos e de um passado que tivemos, passado esse que, então, nos permitia ambicionar um futuro bem melhor! Tenho saudades do bom senso - algo que um punhado de homens de bem pareciam ter em quantidade até ao 24 de Abril de 74, mas que se esfumou completamente a partir do dia 26 de Abril.»

*Crónicas de um país sempre adiado*  
Pedro Esgalhado  
Fronteira do Caos, 2024  
ISBN 978-989-35605-4-9

Estas são as palavras de Pedro Esgalhado, Coronel do Exército Português, aquando do lançamento do seu novo livro *“Crónicas de um país sempre adiado - Autópsia de uma Revolução Morta à Nascente”*.

Um autor que já esteve na Quinta dos Cónegos, em 2018, no colóquio “Literaturando a Grande Guerra”, onde apresentou a comunicação “A Grande Guerra na África Portuguesa”.

Pedro Esgalhado nasceu na Covilhã, em 1963, no seio de uma família que chegaria aos 6 irmãos. Nesta cidade cresceu concluiu os estudos liceais, para ingressar na Academia Militar em 1981. Esteve colocado sucessivamente na Brigada Mecanizada, na Região Militar dos Açores, no RI 14 (Viseu), na Escola Prática do Serviço de Transportes, no Comando de Instrução do Exército, no Comando do Pessoal do Exército e novamente no RI 14, onde passou à reserva no posto de Coronel.

Desempenhou as funções normais de um oficial de infantaria, e para além dos cursos de promoção inerentes à progressão na carreira, sublinha-se a frequência do Combined Logistics Officers Advanced Course, nos Estados Unidos da América. Realizou comissões de serviço na Bósnia-Herzegovina, no Kosovo, em Timor e na Bélgica. Actualmente, dedica-se à escrita e à investigação histórica e tem vários artigos publicados em imprensa militar.

*Rui Teles de Menezes*

**“Grupo Desportivo  
e Cultural de Gueifães  
- 50 anos 1973-2023”**

**GRUPO DESPORTIVO  
E CULTURAL DE GUEIFÃES**



A data oficial de nascimento do Grupo Desportivo e Cultural de Gueifães é de 1 de outubro de 1973. Mas, segundo consta, a história começou uns meses antes.

A ideia partiu de António Santos Lessa que, estando ligado à modalidade de voleibol como atleta, entendeu que na freguesia de Gueifães, chegara o momento de se formar um clube que preenchesse uma lacuna na área do desporto. Ao mesmo tempo, ocupavam-se os tempos livres dos jovens de um modo organizado.

Nessa altura, a juventude gueifanense, à falta de outro local, costumava reunir-se no chamado "terreiro", onde passava grande parte dos seus tempos livres, principalmente jogando futebol. Assim, possivelmente por influência de clubes vizinhos, começam a disputar-se renhidos jogos de voleibol entre os jovens frequentadores do terreiro, sendo que a rede era substituída por uma simples corda amarrada entre duas árvores.

Estes dois factores, ou seja, a ideia de fundar um clube e a movimentação crescente da juventude, muito forte nos primeiros anos da década de setenta, logo que conciliados, levaram a que a criação do clube fosse um facto e avançasse imediatamente.

Rapidamente formou-se uma comissão organizadora e se construiu um rinque em cimento no local mais central da freguesia, o terreiro.

Este é só o começo da bela história do Gueifães. O “resto” desafio-o a conhecer através das páginas deste livro, recheado de fotografias de antigas equipas, de jogadores que contribuíram para o engrandecimento do clube, treinadores e dirigentes que pelo seu trabalho, tornaram o voleibol do Grupo Desportivo e Cultural de Gueifães, uma referência do Norte e do País.

*Rui Teles de Menezes*

## “Maia: Cultura e Território, 25 Anos”



A Câmara Municipal da Maia apresentou a publicação “*Maia: Cultura e Território, 25 Anos*”, no dia 6 de julho, inserida na XVIII Feira do Livro da Maia. Esta obra foi apresentada por Susana Menezes.

Suzana Maria Menezes é licenciada em Comunicação Social (1995) pela Universidade da Beira Interior, mestre em Museologia (2005), pela Universidade Lusófona, e doutorada em Estudos Culturais pela Universidade de Aveiro (2018). Esteve à frente da Direção Regional da Cultura do Centro, tendo regressado no início de 2024 à Câmara Municipal de S. João da Madeira, como Chefe de Divisão da Cultura. Actualmente desempenha funções na Comissão Executiva Metropolitana do Porto (AMP).

Depois de resumir o pensamento que orientou a elaboração desta obra, que seguiu a filosofia adotada na obra “*Trinta e Cinco Anos de Ordenamento Territorial da Maia*”, publicada em 2019, o livro “*Cultura e Território*” «pretende dar a conhecer os fundamentos e a linha orientadora das ações culturais levadas a cabo no município».

*Maia: Cultura e Território, 25 Anos*  
Câmara Municipal da Maia, 2024  
ISBN 978-972-8315-92-4

Assim, podemos encontrar textos como *Da semente germina a árvore*, de Mário Nuno Neves, que percorre o caminho e vicissitudes da cultura maiata; *O Caminho Inexorável*, de José Carlos Portugal, um ensaio sobre arquitectura e urbanismo, além de questões relacionadas com o PDM da Maia; *As artes visuais como metáfora estrutural de uma casa que se constrói através do tempo*, de Joana Mendonça, demonstra a importância das artes visuais em diferentes abordagens, como a história da Maia ou até em peças criadas e expostas no Fórum Maia.

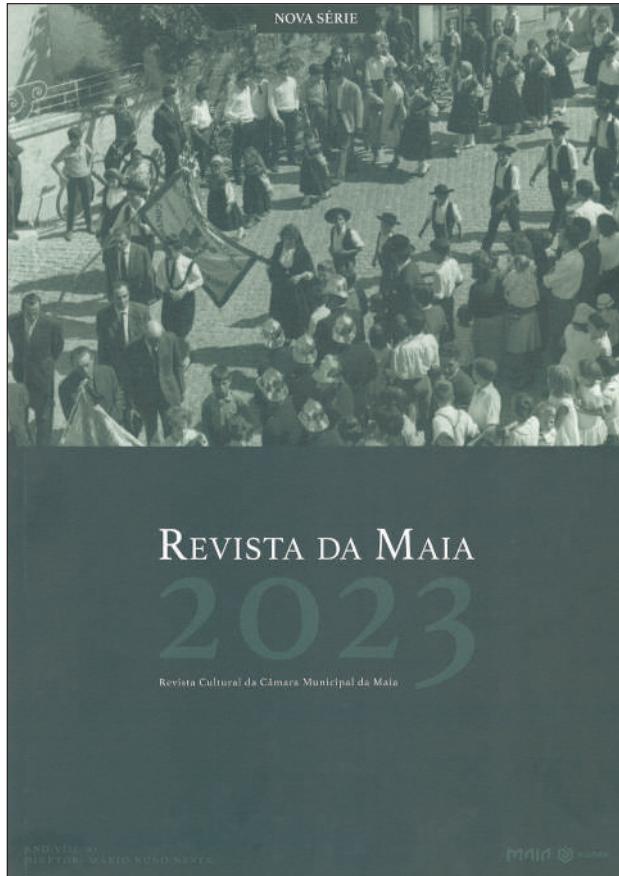
Micaela Barbosa, do Grupo de Teatro Art'Imagen, aborda a questão do *Teatro na Maia* (1998-2023), onde defende o papel da Maia como grande palco das Artes Cénicas, enunciando as inúmeras realizações ao longo dos anos; Victor Sampaio Dias traz-nos um texto sobre a *Criação, desenvolvimento e fidelização de públicos na música*, ele que está intimamente ligado à área através dos Pequenos Cantores da Maia.

A dupla José Carlos Mota e Gil Moreira disserta sobre a *Promoção da participação cívica na Maia, 25 anos de Política Cultural e do Território*, uma avaliação crítica das políticas de promoção da participação cívica, tendo como exemplos, as sessões do processo participativo de revisão do PDM e um laboratório de cidadania no Bairro da Anta, em Gemunde. José Maia Marques salienta a importância do papel da História, assim como da Arqueologia, Antropologia e Etnografia, para o concelho da Maia, enunciando uma série de actividades que marcaram o concelho.

A finalizar, são referidas e identificadas as publicações editadas pela Câmara Municipal ao longo destes 25 anos, assim como a lista de participações de artistas que passaram pela Maia, pela elaboração de obras de arte, desempenhos em bienais, espectáculos, concertos, exposições, performances e eventos regulares.

*Rui Teles de Menezes*

## “Revista da Maia 2023”



Inserida na XVIII edição da Feira do Livro da Maia, no dia 14 de julho, domingo de procissão do Bom Despacho, foi apresentada a edição de 2023 da Revista da Maia.

Neste número, constam diferentes abordagens ao território e aos usos e costumes da Maia. Assim, José Maia Marques aborda a temática da morte na perspetiva de alguns testamentos maiatos. Apontando ao desporto, Rui Teles de Menezes recua aos primórdios do aparecimento do futebol na Maia e de como ele se disseminou pelo concelho. Mário Fonseca, num aturado trabalho de pesquisa, dá-nos uma visão de uma figura que lhe é muito querida - o seu tetravô Joaquim Moutinho dos Santos, de Águas Santas, personalidade de relevo na Maia da segunda metade do séc. XIX, que esteve no Brasil e desempenhou as funções de Presidente da Câmara Municipal da Maia entre 1870-1872.

*Revista da Maia – Nova Série Ano VIII, 2023*  
Câmara Municipal da Maia, 2023  
ISSN 2183-8437

No seguimento do número anterior, Fernando Teixeira traz-nos mais quatro pequenas grandes histórias, sob a forma de biografias de ilustres: o pedreiro maiato José Moreira da Silva; António Ferreira Pinto, considerada figura maior da Primeira República na Maia; a lavadeira Olívia Duarte que "destituiu" o Presidente da Câmara e por fim, uma referência às fiadeiras da Maia. André Tomé Ribeiro mergulha em águas mais profundas da história, fazendo uma incursão sobre as escavações arqueológicas decorridas recentemente no Monte de Sto. Ovídio. Já Manuel Tonel Marques traz-nos a recordação da criação da Gueimaia, sinónimo de transformação e urbanização em Gueifães.

Para o final, surge o artigo mais surpreendente. Natural de terras de Vera-Cruz, Regina Ramos Paiva, considerada a decana das jornalistas brasileiras, descreve-nos a ligação que mantém com a Maia e a vida do seu tio, Domingos Ramos Paiva, o brasileiro de Folgosa.

*Rui Teles de Menezes*

## *O Cartaz na História da Publicidade em Portugal*



No dia 12 de abril decorreu o seminário “*O Cartaz na História da Publicidade em Portugal*” na Universidade Portucalense, que teve como orador convidado Eduardo Cintra Torres. Inserido no ciclo denominado “*Os Caminhos do Desenvolvimento*”, esta iniciativa acontece, em grande medida, pelo trabalho de Paulo Morais, docente desta instituição portuense. Ao evento, assistiu Rui Teles de Menezes, do Gabinete de História da Câmara Municipal da Maia.

Eduardo Cintra Torres, além de professor universitário, também é, investigador, jornalista e crítico na imprensa e televisão, afirma: “O percurso pela história do cartaz publicitário em Portugal permite compreender a sua evolução gráfica e estética, mas também o seu contexto cultural e social. Esta apresentação profusamente ilustrada, cobre o período conhecido do cartaz documentado, a partir do século XVII e até ao século XXI, resultando da investigação pelo autor durante quase cinco anos para a edição de *História da Publicidade em Portugal* e *História Ilustrada da Publicidade em Portugal*, publicados em novembro de 2023.”

Neste seminário, Cintra Torres partilhou a investigação realizada no âmbito da história publicitária portuguesa, apresentando a evolução gráfica e estética da publicidade, integrando-a no contexto cultural e social do país.

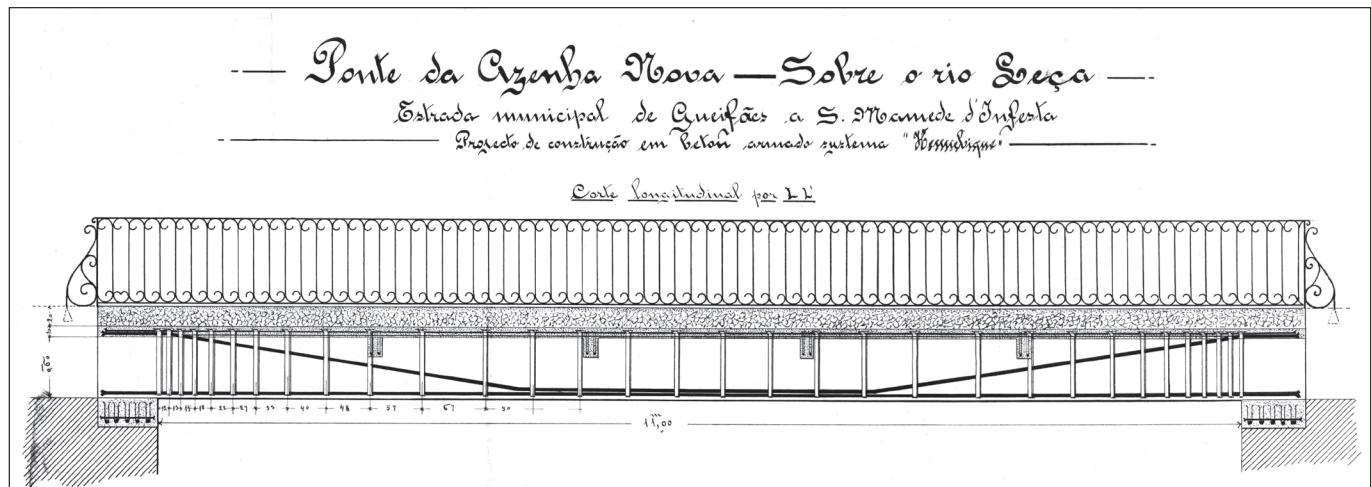
Do pregão, a mais antiga forma publicitária que se conhece, passando pelos letreiros, cartazes, anúncios e às atuais redes sociais, Eduardo Cintra Torres fez uma retrospectiva da publicidade em Portugal até aos dias de hoje.

Para o investigador, é na mudança do milénio, com o aparecimento do digital e da internet, que o paradigma da publicidade muda radicalmente: “O spot publicitário, como era chamado, foi destronado pelas redes sociais, que tornou a publicidade mais agressiva e descontrolada. As agências publicitárias perderam relevância, a imprensa entrou em crise e a atenção dos consumidores virou-se para os influencers”.

Este momento serviu, ainda, para aprofundar os conhecimentos desta temática, que se cruza em grande medida, com a *Coleção da Empreza do Bolhão*, na posse da Câmara Municipal da Maia desde 2022.

*Rui Teles de Menezes*

## *Conversa sobre Gueifães no fim do século XIX e no início do Século XX*



No dia 13 de junho de 2024, numa organização da Paróquia de Gueifães, José Maia Marques fez uma palestra intitulada *“Conversa sobre Gueifães no fim do século XIX e no início do Século XX”*.

Na cripta da Igreja Nova, uma assistência numerosa, com muita gente da paróquia e não só, com autarcas locais e municipais, com destaque para o Dr. Paulo Ramalho, e, claro, com a presença indispensável do Sr. Padre Orlando, estabeleceu-se uma conversa animada e interessada sobre o passado, neste caso relativamente recente, da freguesia de Gueifães.

Começamos por abordar a “presença” de Gueifães no Foral da Maia e outros documentos antigos, para definir a importância da freguesia no contexto territorial.

De seguida, entrando no tema propriamente dito, falou-se da instituição da Confraria de Nossa Senhora da Saúde e dos seus estatutos e atividades, depois no recenseamento de 1901 em Gueifães, de seguida na primeira tentativa de construção de uma nova Igreja em 1910, daquilo que terá sido a implantação da República e suas consequências, e de duas importantes obras públicas – o alargamento do caminho municipal da Aldeia até à Azenha Nova, promovido pela Câmara de Matosinhos, e da construção da Ponte da Azenha Nova, sobre o rio Leça, uma obra intermunicipal.

Depois das considerações finais, aconteceu uma interessante e enriquecedora troca de impressões com a assistência e a promessa de, no próximo ano, se continuarem estas conversas.

*José Maia Marques*

## ***Castêlo da Maia***

### ***– Momentos, do passado para o presente***



No contexto das comemorações do Dia da Vila do Castelo da Maia, promovidas pela Associação Cultural em Honra de Santo Ovídio, e com o apoio da Junta de Freguesia do Castelo da Maia, José Maia Marques realizou, no Museu Municipal, uma palestra subordinada ao tema: “*Castêlo da Maia – Momentos, do passado para o presente*”.

Perante uma sala cheia de público interessado, onde pontificavam vários autarcas, com destaque para a Senhora Vice-Presidente da Câmara Municipal da Maia, Dr<sup>a</sup>. Emília Santos, o autor fez desfilar um conjunto de momentos históricos e de evocação do passado castelense.

Começando por referir porque se diz “castêlo” e não “castélo”, fizemos um percurso que passou pelo Monte de Santo Ovídio e a sua importância histórica, pelas vias romanas e pela morte de Gonçalo Trastamires.

Seguiu-se depois a questão do porquê de ter sido no Castêlo a sede de concelho, e nas razões que levaram a que deixasse de o ser.

Finalmente, a propósito das cebolas e da sua secular feira, abordou-se a realidade agrícola maiata, falou-se da Real Confraria Gastronómica das Cebolas e das suas ações em defesa daquele produto, e encerrou-se com uma referência a novas receitas com cebola entretanto criadas.

No final, algumas perguntas e respostas complementaram a informação.

Sendo este o primeiro ano em que se comemora deste modo o Dia do Castêlo da Maia, a inclusão de palestras deste tipo no programa das comemorações, é um ato de grande discernimento cultural que se espera que continue em próximas edições.

*José Maia Marques*



## *Ficha Técnica*

**REVISTA DA MAIA – NOVA SÉRIE**  
**ANO IX 2024**  
**#1**

**EDIÇÃO**

Câmara Municipal da Maia  
Pelouro da Cultura

**DIRETOR**

Mário Nuno Neves

**COORDENAÇÃO EDITORIAL**

Sofia Barreiros

**EDITORES**

José Maia Marques  
Rui Teles de Menezes

**DESIGN**

João Roque Pinto

**PROPRIEDADE**

Câmara Municipal da Maia  
©Todos os direitos reservados  
ISSN: 2183-8437

**DEPÓSITO LEGAL**

509488/22

**CONTACTOS**

[infocultura@cm-maia.pt](mailto:infocultura@cm-maia.pt)  
[cm-maia.pt](http://cm-maia.pt)





